

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - FAAC

Walter Gomes Osório

OS HERÓIS OLÍMPICOS DE 2008

UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE VEJA

Bauru

2012

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Walter Gomes Osório

OS HERÓIS OLÍMPICOS DE 2008

UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE VEJA

Projeto experimental de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação do curso de Comunicação Social como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, orientado pelo Prof.Dr. José Carlos Marques.

Bauru

2012

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Graduação em Comunicação Social: Jornalismo

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP câmpus de Bauru, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo.

HERÓIS OLÍMPICOS DE 2008

UMA ANÁLISE DA COBERTURA DE VEJA

Walter Gomes Osório

Prof. Dr. Ângelo Sottovia Aranha

Prof. Dr. Murilo César Soares

Prof. Dr. José Carlos Marques

Presidente da banca examinadora e orientador

Bauru, 05 de junho de 2012

“There is no such thing as absolute evil”

Jacques Vergès

Agradeço

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Marques, pela paciência, dedicação e contribuição para a concretização deste trabalho.

A todos os professores, que proporcionaram todo conhecimento e aprendizado necessário para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

A todos os alunos e companheiros de classe, pelas trocas de experiências e convivência saudável durante todo o curso.

A minha família, porto seguro nos momentos difíceis e fonte de motivação e afeto todos os dias.

Ao povo do Estado de São Paulo, em particular aos contribuintes mais humildes, que sustentam, através dos impostos, as instituições públicas de ensino e pagaram pela minha formação, do ensino fundamental ao superior.

Dedico à minha família e à
minha mulher Angélica

OSÓRIO, Walter Gomes. **Heróis olímpicos de 2008: uma análise da cobertura de Veja**. Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social: Jornalismo. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, Bauru, 2012, 122p.

RESUMO

A cada quatro anos os Jogos Olímpicos entram na pauta da grande mídia, ganham espaço nas revistas semanais. O esporte de alto rendimento e seus campeões são objetos da curiosidade de boa parte das pessoas. Quem será o destaque dos Jogos Olímpicos? Surgirá um novo herói verde e amarelo? Qual país liderará o quadro de medalhas? Boa parte de nossas respostas estarão nas páginas de revistas como *Veja*, a revista de maior circulação do país. Quais são os critérios de *Veja* ao cobrir os Jogos? Apenas os critérios de noticiabilidade regem as escolhas da revista? Para tentar responder a tais questionamentos estudamos as coberturas realizadas por *Veja* nos Jogos Olímpicos de Moscou 1980, Los Angeles 1984 e Beijing 2008. Tentamos comprovar a nossa hipótese de que a cobertura é influenciada por outros “filtros”, além dos já citados critérios de noticiabilidade. Tendo como referência os estudos de Joseph Campbell sobre o mito do herói e a teoria do “*Propaganda Model*” de Edward S.Herman e Noam Chomsky, analisamos os conteúdos da cobertura de *Veja*. Tentamos mostrar que as representações dos heróis dos jogos e a cobertura dos eventos foram influenciadas pelos “filtros” descritos na teoria desenvolvida por Herman e Chomsky, com destaque para o anticomunismo.

Palavras chave: jogos olímpicos, mito, anticomunismo, *Veja*, “*Propaganda Model*”.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	x
INTRODUÇÃO	01
1. ESPORTE	10
1.1. Definindo esporte	10
1.2. História do esporte	16
1.2.1. Jogos Olímpicos, o sonho de um Barão	16
1.2.2. O modelo Inglês: ed. física e esporte	18
1.2.3. Momentos importantes na história dos J.O.	20
1.2.3.1. Atenas 1896: o retorno do herói	20
1.2.3.2. Berlin 1936: Hitler x Owens	23
1.2.3.3. Moscou 1980: Samaranch e Horst Dassler	25
2. MITO, HERÓI, SUPER-HERÓI	30
2.1. O que é mito?	30
2.2. A aventura do herói (mitológico)	32
2.3. Mais do que um herói, um super-herói	35
2.3.1 O herói nos quadrinhos	32
2.3.2. Os super-heróis dos quadrinhos	36
3. O “PROPAGANDA MODEL”	39
3.1. O que é o “Propaganda Model”?	39
3.2. Os filtros do “Propaganda Model”	41
3.2.1. Filtro nº1 – Tamanho, propriedade e lucro	41
3.2.2. Filtro nº2 – Publicidade	45

3.2.3. Filtro nº3 – A dependência das fontes	47
3.2.4. Filtro nº4 – “Flak”	50
3.2.5. Filtro nº5 – Anticomunismo	51
3.3. Críticas ao “ <i>Propaganda Model</i> ”	54
3.4. Respostas de Herman e Chomsky	57
4. ANÁLISE DA COBERTURA DE VEJA	65
4.1. Veja e o “ <i>Propaganda Model</i> ”	65
4.2. Os heróis de Veja	68
4.2.1. Michael Phelps	69
4.2.2. Usain Bolt	72
4.2.3. Os nossos heróis	73
4.2.4. Os donos da casa	74
4.3. O campeão, o herói e o super-herói	78
4.4. Os boicotes de Moscou e Los Angeles	80
4.4.1. Jogos Olímpicos de Moscou em Veja	80
4.4.2. Jogos Olímpicos de Los Angeles em Veja	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
7. ANEXOS	93
ANEXO A	93
ANEXO B	122
ANEXO C	122
ANEXO D	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total da circulação das revistas segundo o IVC – 2010	03
--	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura nº1 – Poster dos Jogos Olímpicos de Atenas, Grécia – 1896	20
Figura nº2 – Poster de Spyridon Louis – 1896	22
Figura nº3 – Poster dos Jogos Olímpicos de Berlin, Alemanha -1936	23
Figura nº4 – Poster de Jesse Owens, Berlin – 1936	24
Figura nº5 – Poster dos Jogos Olímpicos de Moscou, URSS -1980	25
Figura nº6 – Fotografia de Juan Antonio Samaranch, Moscou – 1980	26
Figura nº7 – Fotografia de Horst Dassler	27
Figura nº8 – Capa da “ <i>Action Comics</i> ” nº 1 – 1938	34

simplificada, das outras espécies é o tempo de maturação, muito maior, das estruturas corporais responsáveis pelo movimento (aparelho locomotor), pelo controle dos movimentos e pela aprendizagem (sistema nervoso). Ao brincarmos com o nosso corpo, nos movimentando, estamos aprendendo e preparando o corpo para as experiências que estão por vir, mas brincar por brincar (apenas pelo aspecto lúdico da brincadeira) não é esporte.

O esporte demanda condições de formalidade e de organização que não estão presentes na brincadeira. Brincar de chutar penalidades no gol, arremessar bolas na cesta ou de cabo de guerra não são exemplos de esporte. Não no contexto informal, desorganizado, não sistematizado. Mas e o jogo de bola?

Jogo é Esporte?

Muito do que foi dito até agora tem como referência o desenvolvimento biológico do ser humano. A evolução dos movimentos depende de processos biológicos comuns à espécie, em qualquer lugar do planeta. O movimento do corpo depende do processo de amadurecimento do ser humano. Se entendermos o jogo como produto de uma sociedade, de uma cultura, o brincar e o jogar passam a ter, juntamente com os fatores biológicos, componentes sociais e culturais. O arremesso de tora (“Tossing the Caber or Caber Toss”) pode não ser conhecido no Brasil, mas é um grande evento nos “Highland Games” da Escócia. A maioria dos brasileiros não conhece o “Sepak Takraw”, esporte que entusiasma os malaios, apesar de ser jogado com uma espécie de “bola”. Tanto o “Tossing the Caber” quanto o “Sepak Takraw” são esportes em seus respectivos países, mas se praticados como jogo, pelo aspecto lúdico, no Brasil eles não seriam classificados como tal. O jogo praticado com uma perspectiva mais lúdica, com regras flexíveis e desligado da competição não define o que é esporte. Não nos moldes reconhecidos hoje em dia.

Para Johan Huizinga (2007, p.33) o jogo pode ser definido como:

(...) uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotada de um fim em si mesma, acompanhada de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana.

INTRODUÇÃO

Apresentação do tema

A cobertura dos grandes eventos, particularmente dos Jogos Olímpicos, na mídia impressa, em nosso caso na revista *Veja*, e o tratamento dispensado aos campeões olímpicos é o tema de nosso trabalho. Os Jogos Olímpicos são mostrados ao público como um evento de escala global onde a “juventude” se encontra para compartilhar dos valores do olimpismo e os povos se unem numa celebração de amizade e *“fair play”*. Queremos mostrar que há muito os Jogos Olímpicos se adequaram aos interesses econômicos e políticos que os cercam e passaram a ter uma dimensão de propaganda, não apenas de produtos “esportivos”, mas de valores e ideologias. As coberturas realizadas pela mídia refletem tal quadro. O “retrato” dos Jogos ou de seus campeões (heróis x não heróis) ajuda a construir uma imagem positiva, ou negativa, do país e de seus atletas. Tal imagem varia em função de quem está fazendo a cobertura. O uso dos Jogos Olímpicos e de outras competições de nível mundial como veículos de propaganda econômica e política não é privilégio de estados autoritários. Muito já foi dito sobre o uso dos Jogos Olímpicos como veículo de propaganda nazista em 1936. É importante observar que isso também acontece no chamado “mundo livre”. A idéia do trabalho é mostrar as diferenças na cobertura dos jogos e no tratamento dado aos campeões olímpicos como resultante de “propaganda” do modelo econômico e político hegemônico.

Objeto de estudo e corpus – Veja (Grupo Abril)

Objeto de estudo - Veja

Seis famílias controlam a chamada “grande mídia” brasileira. São elas: a família de Roberto Marinho (Organizações Globo); Roberto Civita (Grupo Abril); Silvio Santos (SBT); Otávio Frias (Grupo Folha); Francisco Mesquita Neto (Grupo Estado) e Nelson Sirotsky (Grupo RBS).

Segundo Cabral (2003, p.13) o Grupo Abril, de Roberto Civita, tinha em 2003 a segunda maior receita entre os grupos de mídia do país, atrás apenas das Organizações Globo, da família Marinho. A receita do Grupo Abril alcançou o total de um bilhão, cento e sessenta e quatro milhões de Reais.

O objeto de estudo é a revista *Veja*, editada pelo Grupo Abril, considerada a maior revista semanal de circulação nacional do Brasil. Para que possamos entender o potencial da revista é importante olharmos alguns dados sobre o grupo que controla a revista.

Segundo o site do grupo Abril (www.grupoabril.com.br/estrutura/estrutura-10.shtml), a Abrilpar, holding da família Civita, controla a Abril S.A. e detém o controle do capital da Abril Educação S.A, além de uma série de outros empreendimentos. A Abril S.A. tem um Conselho de Administração formado pelos membros da família Civita e do grupo de mídia sul-africano Naspers. O Presidente Executivo da Abril S.A. se reporta a esse conselho e dirige os negócios de Mídia, Gráfica, Distribuição e Serviços do Grupo. A Abril Educação, no início de 2010, passou a atuar separadamente da Abril S.A. por meio de uma reorganização societária. É uma empresa de capital aberto dirigida por um Conselho de Administração, um presidente executivo e quatro diretorias que o apoiam na gestão das Editoras, Sistemas de Ensino, Colégios, Cursos Preparatórios e Ensino de Idiomas. A Fundação Victor Civita tem um Conselho Curador formado por sócios da família Civita e outros membros independentes, além de uma diretoria executiva que coordena todas as suas atividades. Além dessas divisões, a revista *Caras*, a *Casa Cor* e a *Elemídia* são empresas parceiras em negócios estratégicos com o Grupo Abril.

A revista Veja

A Editora Abril criou a revista *Veja* em 1968 como resultado de um projeto da família Civita com a direção do jornalista Mino Carta. *Veja* teve como referências as revistas semanais estadunidenses *Newsweek* e *Time* e foi criada para competir com a revista *Manchete*, editada pela editora Bloch.

A tiragem da revista hoje está na casa de um milhão de exemplares, o que a coloca na liderança do mercado nacional de revistas. Segundo o Instituto Verificador de Circulação, o IVC, a circulação média da revista *Veja* no ano de 2010 alcançou a casa de um milhão, oitenta e seis mil, cento e noventa e uma revistas (**1.086.191**).

A tabela 1 mostra o total de circulação das principais revistas pagas do Brasil, segundo o Instituto Verificador de Circulação, o IVC, no ano de 2010.

Tabela 1 - Total da circulação das revistas segundo o IVC – 2010

RK	Título	Editora	Circulação Média Jan a Dez/10	Título	Editora	Circulação Média Jan a Dez/09
1	Veja	Abril	1.086.191	Veja	Abril	1.097.485
2	Época	Glóbo	408.110	Época	Glóbo	413.286
3	Istoé	Três	338.861	Istoé	Três	344.029
4	Caras	Caras	335.162	Caras	Caras	293.386
5	Viva Mais	Abril	235.079	Viva Mais	Abril	231.128
6	Ana Maria	Abril	229.284	Ana Maria	Abril	227.515
7	Tistí	Abril	170.260	Tistí	Abril	155.514
8	Contigo	Abril	160.425	Contigo	Abril	147.427
9	Malu	Aito Astral	141.926	Minha Novela	Abril	128.070
10	Minha Novela	Abril	130.394	Malu	Aito Astral	122.976
11	Quem	Glóbo	110.331	Recreio	Abril	117.602
12	Recreio	Abril	98.698	Quem	Glóbo	94.626
13	TV Novelas	Escala	98.457	TV Novelas	Escala	67.054
14	Sou + Eu	Abril	82.172	Istoé Dinheiro	Três	65.809
15	Revista Super TV	Sempre Editora	76.016	Sou + Eu	Abril	64.031
16	Istoé Gente	Três	65.412	Istoé Gente	Três	59.157
17	Istoé Dinheiro	Três	64.747	TV Brasil	Escala	55.096
18	TV Brasil	Escala	61.665	Guia da TV	Escala	45.066
19	Revista TUA	Aito Astral	56.226	Revista da Semana	Abril	41.863
20	Guia da TV	Aito Astral	45.303	Sete Dias com Você	Escala	37.279
21	Sete Dias com Você	Escala	38.793	CartaCapital	Confiança	31.703
22	SuperNovelas	IBC(Online)	37.114	Conta Mais	Escala	30.905
23	CartaCapital	Confiança	30.703	Melo & Mensagem	M&M	6.576
24	Conta Mais	Escala	30.540	Genios	Aito Astral	5.295
25	Melo & Mensagem	M&M	5.964	Chiques e Famosos	Símbolo Sucesso	1.865
	TOTAL		4.137.855	TOTAL		3.884.789

Fonte : IVC - Instituto Verificador de Circulação – Revistas Pagas - Total da Circulação

O número de páginas da revista Veja varia a cada edição em função do número de anunciantes. As revistas que foram analisadas no trabalho apresentaram de 136 (mínimo) a 190 (máximo) páginas. A revista tem o formato de 20,2 cm x 26,6 cm.

Os principais anunciantes da revista são instituições bancárias, empresas de telefonia, grandes lojas do setor de varejo, indústrias de bebidas e a indústria automobilística.

Corpus

Foram analisadas as revistas Veja que trataram dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, publicadas nos meses de julho de 2008 (preparativos para os jogos), agosto de 2008 (a realização dos jogos) e setembro de 2008 (repercussão dos jogos), compreendendo um total de 13 edições, das quais em cinco oportunidades os Jogos de Beijing estão presentes nas capas. Observamos um total de 145 páginas, sendo 25 de propaganda envolvendo o evento ou atletas que participaram do evento.

Mais adiante foram comparadas as coberturas de Veja dos Jogos Olímpicos de Moscou 1980 e de Los Angeles 1984. A cobertura de Veja dos Jogos Olímpicos de 1980 ocupou quatro edições, de 23 de julho a 13 de agosto de 1980, com chamadas de capa em três edições (23/07, 30/07 e 06/08). Os Jogos de Moscou ocuparam 31 páginas das revistas (mais duas de publicidade).

Entre as edições que antecedem os jogos, apresentando candidatos a medalhas, apresentando o país anfitrião e discutindo possíveis estrelas, a revista Veja produziu material sobre os Jogos de Los Angeles para 95 páginas em 17 edições entre 04 de abril de 1984 e 29 de agosto de 1984.

Totalizamos 34 edições de Veja (Moscou, Los Angeles e Beijing) e 273 páginas de cobertura dos Jogos Olímpicos.

Objetivos gerais e específicos

O objetivo geral foi testar a hipótese de que a cobertura de *Veja* dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, quando do enfrentamento entre os Estados Unidos (e aliados) e países ditos “comunistas”, dispensou tratamento diferenciado aos campeões olímpicos dos países envolvidos. Não se trata apenas de observar critérios de noticiabilidade, mas de entender a importância de variáveis econômicas e políticas, que levaram os jornalistas a representar os campeões olímpicos dos países envolvidos de maneira diferenciada.

A cobertura de *Veja* seria um exemplo do que Herman e Chomsky estudaram em sua teoria de ação política descrita em seu livro *“Manufacturing Consent”*.

Os objetivos específicos nos levam a confirmar nos textos e imagens das coberturas dos Jogos Olímpicos estudados referências positivas, de um lado (Estados Unidos e aliados), e negativas do outro (países comunistas e seus aliados).

Justificativa e relevância da pesquisa

A revista *Veja* coloca no mercado semanalmente algo em torno de um milhão de exemplares e alcança as classes A e B, de maior poder aquisitivo do país. Tais classes sociais são classificadas como classes “formadoras de opinião”. Acreditamos na importância de mostrar que o comportamento da chamada grande imprensa, em assuntos onde há consenso nas elites, não a coloca como defensora obstinada da “democracia” e dos interesses da maioria da população. Ela defende, na realidade, interesses de uma elite econômica e política, que nem sempre são compatíveis com os interesses da maioria. Os reflexos dessa postura podem ser encontrados nas coberturas esportivas, onde interesses econômicos (e em alguns casos políticos) definem o “tom” da cobertura dos eventos e as representações dos campeões veiculadas pelas mídias. Temos um bom exemplo disso no uso político da vitória brasileira na Copa do Mundo de Futebol de 1970 pelo governo militar. Como os grandes eventos esportivos são vistos por milhões, bilhões de pessoas, eles se transformaram em veículo para “propaganda”, não só de produtos esportivos, mas de ideologias (Nazismo 1936, Comunismo em 1980, Capitalismo 1984, 1996).

Analisando a cobertura dos jogos por esse viés chegamos a uma polarização pela qual alguns campeões são mais heróis (os nossos) do que outros (os deles). Os “nossos” (bons) tiveram sua trajetória rumo ao ouro descrita. A saga do herói e seus feitos extraordinários estão na cobertura esportiva. Os “deles” (maus) não recebem o mesmo tratamento e seus feitos são relatados de maneira “objetiva”. Acreditamos ser importante ressaltar tais diferenças de modo a superarmos essa visão maniqueísta e polarizada a respeito dos Jogos Olímpicos e de seus campeões.

Problema de pesquisa e/ou hipótese

A hipótese do trabalho é a de que a cobertura de Veja dos Jogos Olímpicos trata de maneira diferente atletas campeões olímpicos em função de uma abordagem influenciada por questões econômicas e políticas. Apesar do desmantelamento da antiga “cortina de ferro” e do ingresso de vários países desse bloco na chamada economia de mercado, os campeões olímpicos desses países são representados como campeões. Já campeões do chamado “mundo livre” liderado pelos Estados Unidos são mostrados ao mundo como “heróis” e até mesmo, no caso do nadador Michael Phelps, um super-herói. Se pensarmos na figura do herói sob a perspectiva do especialista Joseph Campbell, os campeões olímpicos percorrem a trajetória, a aventura do herói mitológico. O tratamento seria diferenciado em virtude de questões econômicas e políticas. Fato colocado por Herman e Chomsky em seu trabalho ao afirmarem que a “grande mídia” serve aos interesses de uma elite econômica e política.

Referencial Teórico e Metodologia

O referencial teórico passa por autores que discutem em seus trabalhos questões relacionadas com os seguintes temas: o esporte, o mito do herói, a história dos super-heróis e as questões que discutem o conteúdo das mídias e sua relação com interesses políticos e econômicos.

No esporte, os professores Valdir Barbanti (o que é esporte) e Valter Bracht (história do esporte) fornecem os parâmetros para entendermos um pouco da evolução do fenômeno esportivo na sociedade moderna.

O mito e a aventura do herói é objeto de estudo daquele que é considerado uma das maiores autoridades mundiais no assunto, o Professor Joseph Campbell, que em duas de suas principais obras – O poder do mito e O herói de mil faces – nos descreve com detalhes a narrativa da aventura do herói, que pode ser utilizada para avaliarmos a trajetória dos heróis olímpicos.

O professor Nildo Viana fala da história dos super-heróis e sua relação com questões axiológicas e políticas. Buscamos um estudioso do assunto para que pudessemos entender a associação feita por Veja da figura do Super-Homem com o multicampeão da natação Michael Phelps.

Finalmente, para que pudessemos compreender melhor os mecanismos que “orientam” a chamada “grande mídia” utilizamos como referencial teórico os professores Edward S. Herman e Noam Chomsky e sua teoria do “*Propaganda Model*”, teoria que afirma que as mídias (*mass media*) defendem os interesses de uma elite econômica e política que segue o ideário neoliberal, de livre mercado. Isso explicaria (em parte) a diferença de tratamento dispensado aos campeões olímpicos na revista Veja e em outras publicações.

A coleta de dados para o trabalho representou um desafio considerável e acarretou em atraso no cronograma do trabalho. A princípio o *corpus* do trabalho seria formado por quatro das mais importantes revistas brasileiras: Veja, Época, Isto é e Manchete. O maior problema foi encontrar coleções das referidas publicações em bibliotecas na cidade de Bauru. Em nenhuma das bibliotecas, de instituições de ensino superior de Bauru, públicas (Universidade Estadual Paulista - Unesp) e particulares (Universidade do Sagrado Coração – USC), foi possível encontrar todos

os exemplares necessários para a realização do trabalho. Após consulta a outras instituições em São Paulo, como as bibliotecas Mário de Andrade, do Centro Cultural Vergueiro e da Escola de Comunicação e Artes – ECA, da Universidade de São Paulo, ficou confirmada a impossibilidade de se reunir todos os exemplares necessários para a realização do trabalho, seguindo a proposta inicial do projeto. A solução para tal problema foi reduzir o *corpus* do trabalho a apenas uma publicação, a revista *Veja*, considerada a mais importante do país. Todas as edições da revista foram digitalizadas e podem ser obtidas via internet.

Observamos, nos relatos dos jornalistas responsáveis pela cobertura de *Veja* dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, aspectos positivos e negativos relacionados ao evento e aos atletas que se destacaram (as estrelas dos jogos) e receberam tratamento diferenciado. O feito esportivo incomum é objeto de destaque na cobertura, mas o que mais nos interessava eram os desdobramentos desse feito e o tratamento dispensado ao atleta destaque.

A metodologia de trabalho utilizada envolveu a análise dos conteúdos das edições de *Veja*, comparando o tratamento dispensado pela revista aos campeões olímpicos (nos jogos estudados) e aos boicotes liderados por Estados Unidos e aliados aos Jogos Olímpicos de Moscou 1980 e pela então União Soviética e seus aliados aos Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984, numa tentativa de observar eventuais diferenças e suas possíveis motivações.

1. ESPORTE

1.1 Definindo esporte

Para que possamos analisar a cobertura dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, através dos textos de Veja, e tenhamos maiores subsídios para o entendimento da figura do herói e seu papel, no evento e na cobertura jornalística, é importante entendermos o conceito de esporte e olharmos para o processo histórico que o transformou em um fenômeno social de dimensões globais.

A definição mais simples de esporte, que se aproxima do senso comum, pode ser obtida em dicionários. Ao consultarmos o Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Rio de Janeiro, 1975, p. 574) de Aurélio Buarque de Holanda encontramos a seguinte definição:

Esporte (Do inglês *sport*). S.m. 1. O conjunto de exercícios físicos praticados com método, individualmente ou em equipes; desporte, desporto. *Tem paixão pelo esporte*. 2. Quais desses exercícios; desporte, desporto. *O seu único esporte é o remo. Não cultiva nenhum esporte*. 3. Entretenimento; entretenimento; prazer: *Riquíssimo, trabalha apenas como esporte*. # Adj. 4. Diz-se de roupa ou artigo de vestuário simples e confortável, não convencional ou formal: “O mais gordo deve ter uns trinta anos, é gordo, cabelo cortado baixo, camisa esporte (...)

Se perguntarmos a alguém o que é esporte, a primeira resposta do entrevistado tende a ter relação com sua cultura esportiva, resumida pelo nome de um esporte, de uma prática esportiva. A influência do chamado senso comum pode ser observada nas respostas, na maioria das vezes por meio de uma única palavra que representa uma modalidade esportiva. Se a conversa se dá no Brasil a resposta tende a ser Futebol, se a conversa ocorre na Nova Zelândia a palavra utilizada tende a ser Rugby. Provavelmente, o esporte nacional aparecerá como explicação “objetiva” do que é esporte. Ao usar um exemplo como resposta, nosso interlocutor acaba por sintetizar, resumir em uma única palavra o resultado de décadas ou mesmo séculos de história.

Se para uso cotidiano a resposta é satisfatória, na perspectiva da academia tal resposta reduz e simplifica o significado da palavra esporte. Definir o que é esporte, conforme os parâmetros acadêmicos não é tarefa fácil e requer cuidados. Um dos caminhos para se alcançar uma definição satisfatória de esporte pode ser pela restrição do uso da palavra. Podemos delimitar o que seria esporte e o que poderia ser confundido com ele, mas não poderia ser classificado como tal, como, por exemplo, a atividade física ou o “jogar bola”. Na tentativa de definir o que é esporte talvez seja mais interessante começarmos pelo que não é esporte, mas pode ser parte da resposta ou por algo que pode ser confundido com ele.

Atividade física é Esporte?

Não podemos simplificar de tal maneira o significado da palavra esporte sem correremos grandes riscos de não entendermos o que está envolvido na elaboração do conceito de esporte. A atividade física por si só não define o que é esporte. As tarefas do cotidiano das pessoas podem ser classificadas como atividade física. Limpar uma casa demanda movimento, gasto de energia, mas não é uma prática esportiva.

A espécie humana se movimenta e faz atividades físicas desde os primórdios de sua existência. O movimento e a atividade física foram e ainda são importantes para nossa qualidade de vida. A necessidade de buscar o alimento, de fugir do perigo ou de encontrar outros seres da mesma espécie nos exige habilidades motoras simples, complexas, com maior ou menor esforço, mas nem todas as atividades poderiam ser classificadas como esporte. Se a atividade física e esforço fossem condições para se classificar uma prática como sendo esportiva, como justificaríamos o xadrez como esporte? Devemos observar algumas condições.

Brincar é Esporte?

Podemos avaliar o ato de “jogar bola”, de brincar com a bola, por várias perspectivas, individualmente ou em conjunto. Podemos estudar a brincadeira a partir da esfera biológica e avançarmos para as esferas social, cultural e histórica.

A maioria dos filhotes, e aqui incluímos os seres humanos, usa as brincadeiras como um aprendizado, uma preparação para os desafios apresentados pelo ambiente, pelo mundo em que vivem. O que nos diferencia, de maneira

Esporte não é apenas o jogo. Ao trabalharmos com idéias ou imagens que se confundem com a imagem do esporte estamos mais próximos de uma definição de esporte que abrange tal “imagem” do senso comum sobre o esporte, mas que é mais precisa e criteriosa. O esporte pode ter movimento, brincadeira, jogo, mas está muito associado a uma prática competitiva institucionalizada.

Esporte é competição?

Nem toda competição é esportiva, mas quando se fala em competição é grande a probabilidade de se ter uma “imagem” de um esporte surgindo em nossa cabeça. Competição = Esporte.

Não se trata de “qualquer” prática esportiva. Agora temos uma competição com regras padronizadas, aprendizagem formal das habilidades esportivas (escolas) e as entidades oficiais que zelam pelo cumprimento das regras, organizam competições, estabelecem condições para a prática do esporte, como o cumprimento das regras e a observação de características técnicas da modalidade.

Agora o jogo “é para valer”. A vitória passa a ser mais valorizada. Busca-se a especialização na tentativa de ter o melhor atleta, o melhor time.

Ainda devemos ser cuidadosos com as palavras. Se esporte é competição, de qual tipo de competição estamos falando? Jogos Escolares? Copa do Mundo de Futebol? Jogos Olímpicos? Tais competições são iguais?

Nesse ponto é importante observarmos o que Barbanti (2006) chamou de orientações subjetivas do praticante. O autor nos dá definições de brincadeira, do brincar segundo os pesquisadores Stone (1955), Huizinga (1975) e Callois (1979). Segundo Stone (1955 apud Barbanti, 2006): “o esporte é composto de dois tipos de comportamentos: brincar e exhibir”. Como brincar e exhibir se relacionam com o esporte e a competição?

Segundo Stone (1955 apud Barbanti – 2006, p.56):

“**Brincar**” refere-se ao comportamento que surge da preocupação pessoal do participante com a dinâmica da própria atividade. A brincadeira é “uma atividade livre que se coloca de maneira bastante conscienciosa fora da vida normal, sendo “não séria” não ligada a interesses materiais... confinada em seus próprios limites... e que acontecem de acordo com regras fixas, como conceituou Huizinga (1955). Na mesma linha, Callois (1979) considera a brincadeira uma atividade livre, separada, incerta, improdutiva e governada pelo “faz de conta” e regras. “**Exibir**”, ao contrário, refere-se ao comportamento que simbolicamente representa a ação da atividade com o objetivo de torná-la divertida para a assistência. O que Stone sugeriu é que o esporte é diferente da brincadeira. O esporte não tem a liberdade e a espontaneidade da brincadeira. Ele é organizado e estruturado, mas não a ponto de destruir as brincadeiras que dele se originam. O esporte não é desempenhado de acordo com um roteiro pré-planejado; ao contrário, ele se revela de um momento para outro de acordo com as escolhas e as ações das pessoas envolvidas. Em outras palavras, a organização e a estrutura co-existem com a liberdade e a espontaneidade.

Levando em conta tais argumentos podemos entender como é possível a prática do esporte em diferentes contextos. Esporte competitivo, esporte escolar (educação), esporte participativo (lazer). As competições acontecem nos três ambientes, mas o quanto de brincadeira ou de exibição está envolvido varia de caso a caso.

A associação entre o brincar com um tipo de motivação interna e o exibir com uma motivação externa tem consequências na prática esportiva.

Se associarmos a brincadeira com suas características lúdicas com motivação intrínseca (própria do indivíduo) e o exibir (dar espetáculo) e motivação extrínseca (que parte de fora do indivíduo) poderemos enxergar melhor as diferenças entre o esporte participativo, escolar e o esporte competitivo de alto rendimento e seus “derivados”, o esporte espetáculo e esporte como “business”.

Ainda, segundo Barbanti (2006, p.54), a definição de Esporte passa por três condições:

- a) Esporte refere-se a tipos específicos de atividades;
- b) Esporte depende das condições sob as quais as atividades acontecem;
- c) Esporte depende da orientação subjetiva dos participantes envolvidos.

Barbanti (2006, p.57), levando em conta as três condições citadas, define esporte como:

Esporte é uma atividade competitiva institucionalizada que envolve esforço físico vigoroso ou o uso de habilidades motoras relativamente complexas, por indivíduos, cuja participação é motivada por uma combinação de fatores intrínsecos e extrínsecos.

Segundo Bracht (2003, p.13) o “esporte moderno refere-se a uma atividade corporal de movimento com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura européia por volta do século XVIII, e que, com esta, expandiu-se para o resto do mundo”.

Uma prática que a princípio era reservada à aristocracia e que foi, ao longo do tempo, sendo incorporada às práticas das classes trabalhadoras. Os chamados jogos populares não eram classificados como esporte e sua prática chegou a ser reprimida pelo poder público. Bracht observa que a prática esportiva das classes trabalhadoras passou a ser aceita quando alcançou as *Public Schools* inglesas e sobreviveram, pois lá o esporte não era percebido como ameaça à propriedade e à ordem pública.

Bracht (2003, p.14) afirma que:

Vai ser nas escolas públicas que aqueles jogos (o clássico é o futebol) vão ser regulamentados e aos poucos assumir as características (formas) do esporte moderno. (...) No seu desenvolvimento consequente no interior desta cultura, o esporte assumiu suas características básicas, que podem ser sumariamente resumidas em: competição, rendimento físico-técnico, *record*, racionalização e cientificização do treinamento. Guttmann (1979)² identificou estas características básicas: 1. Secularização (*Weltlichkeit*); 2. Igualdade de chances; especialização dos papéis; 4. Racionalização; 5. Burocratização; 6. Quantificação; 7. Busca do *record*³.

Mas em qual momento da história a atividade competitiva foi institucionalizada de maneira a formatar o que hoje chamamos de esporte? Muitos dos esportes que conhecemos hoje passaram, ao longo dos séculos XVIII e XIX, de jogos, “passatempos” em prática organizada, sistematizada e praticada na Europa e nos Estados Unidos da América. Destaque para a virada do século XIX para o século XX, quando alguns dos esportes mais praticados da atualidade se espalharam para as classes trabalhadoras na Inglaterra e nos Estados Unidos. Futebol, Rugby e Basquetebol são bons exemplos de esportes “globalizados”.

1.2. História do esporte

Tendo como ponto de partida as definições de esporte, de Barbanti e Bracht, vistas anteriormente, podemos avançar na tentativa de entender o processo que levou tal prática a ter a importância que tem como fenômeno social nos dias de hoje.

Podemos falar do esporte como uma instituição que vem se consolidando ao longo do tempo e o advento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna contribuiu para a popularização dos esportes ao redor do planeta.

A prática esportiva só alcançou as classes trabalhadoras mediante as transformações históricas ocorridas ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX. As revoluções sociais, científicas e tecnológicas abriram caminho para o reconhecimento de direitos, a diminuição da jornada de trabalho e o aumento do chamado “tempo livre” que possibilitou aos trabalhadores a chance de participar do jogo, de praticar esportes. O mercado acabou por encher nos esportes mais uma grande chance de ganhar dinheiro, de transformar trabalhadores em consumidores de produtos e serviços relacionados aos esportes. Não basta ter o direito e a oportunidade de praticar esportes, tem que consumir, gerar lucro para os detentores do capital. Os Jogos Olímpicos, recuperados pelo Barão de Coubertin no final do século XIX (1896), muito contribuíram para transformar o esporte em prática global e seus campeões em heróis. Mas os heróis de então não eram guerreiros? Heróis de guerra?

As duas grandes guerras mundiais, travadas no início do século XX, aumentaram exponencialmente a capacidade de destruição do ser humano. A ciência e as novas tecnologias nos levaram ao limite da destruição total. Mudou-se radicalmente o jeito de se fazer a guerra. Os custos materiais e humanos da guerra ficaram quase inaceitáveis. Os esportes proporcionam uma possibilidade de se “travar a guerra” sem que os “exércitos” morram em “combate”. Podemos dizer que, de certo modo, os esportes (particularmente os esportes coletivos) são uma representação das guerras. Temos a domesticação da guerra, temos uma guerra mais simbólica, uma guerra com vencedores, vencidos e heróis com os quais o povo pode se identificar, se relacionar. Os campos esportivos, em tempos de paz, substituíram os campos de batalha. Os Jogos Olímpicos são o palco maior para tais confrontos.

A história dos Jogos Olímpicos é cheia de grandes histórias de superação e de heroísmo. Em todas as edições dos jogos podemos identificar nos vencedores a figura do herói, daquele que foi chamado a defender seu país, compareceu aos jogos, venceu sua(s) prova(s) e retornou com os louros (medalhas) da vitória para compartilhar com seu povo. Apenas alguns são lembrados. O que os diferencia?

Estudando os chamados Jogos Olímpicos da era moderna é possível entender o caminho percorrido pelo esporte moderno, pelos Jogos Olímpicos e por seus heróis até alcançarmos o que alguns chamam de “o maior espetáculo da terra”, suas relações com a política, a economia e os negócios.

1.2.1. Jogos Olímpicos, o sonho de um Barão

As bases para o que hoje chamamos de esporte moderno tomaram forma com a concretização do sonho de um nobre francês, Pierre de Frey, o Barão de Coubertin, quando da realização dos primeiros Jogos Olímpicos da era moderna em 1896, em Atenas, na Grécia.

Segundo o *site* do Comitê Olímpico Internacional (www.olympic.org), Coubertin nasceu e cresceu em Paris, onde estudou Ciências Políticas na Escola Militar de Saint Cyr. Sem grande entusiasmo pela carreira acabou por se dedicar à educação. Influenciado pelos trabalhos do filósofo e historiador Hippolyte Taine e do diretor da “Rugby School” Thomas Arnold, Coubertin foi para a Inglaterra com o objetivo de estudar o sistema educacional britânico e compará-lo com o francês.

Convencido da importância da inclusão do esporte para uma educação equilibrada dos jovens, Coubertin trabalhou para reformar o sistema educacional francês tendo como referências o modelo britânico e os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.

A partir de 1890, o Barão de Coubertin trabalhou ativamente para recriar os Jogos Olímpicos. Após uma tentativa frustrada em 1892 ele organizou um Congresso Internacional de Atletismo em Paris, que serviu de ponto de partida para a criação do Comitê Olímpico Internacional. Quatro anos depois a cidade de Atenas editava os primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna.

Vale observar que o modelo que serviu de referência para Coubertin tinha como elemento central os esportes e não os sistemas ginásticos (outra base da moderna educação física) até então praticados na Europa continental.

1.2.2. O modelo Inglês, Educação Física e Esporte

Não é à toa que muitos dos esportes mais populares da atualidade tiveram como berço a Europa, particularmente a Inglaterra, e os Estados Unidos. A prática de atividades físicas e de exercícios físicos já fazia parte das atividades curriculares em países da Europa continental baseadas em métodos ginásticos, particularmente na França e na Alemanha. Já para ingleses e estadunidenses, os exercícios físicos entraram no cotidiano dos alunos de uma forma diferente.

A transformação de jogos populares em práticas sistematizadas e organizadas, em práticas esportivas se deu em escolas públicas e universidades na Inglaterra e nos Estados Unidos da América. Segundo Mauro Betti (1991, p.44):

A Educação Física inglesa do século XIX não foi muito influenciada pela filosofia nacionalista, tendo um desenvolvimento diferenciado em relação ao restante da Europa. A disciplina e o treinamento físico impostos ao povo nos países continentais, visando a defesa nacional, não se fizeram necessários na Inglaterra, pois sua posição geográfica isolada e sua poderosa marinha livraram-na de invasões estrangeiras. Por isso sua maior contribuição não foi no campo da ginástica, mas do esporte.

A prática esportiva nas escolas da Inglaterra foi, até o final do século XVIII, uma atividade reservada à aristocracia. A partir do século XIX temos uma “democratização” da prática esportiva através das Escolas Públicas e o surgimento de uma classe média, resultantes das mudanças sociais decorrentes da Revolução Industrial. O que antes foi privilégio da aristocracia passou, mesmo que lentamente, a ser prática da classe média emergente e, algum tempo depois, das classes trabalhadoras.

O historiador inglês Eric Hobsbawn descreve o avanço dos esportes para classes sociais que, anteriormente, não tinham oportunidades de praticar.

Segundo Hobsbawn (1988, p.256):

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária [...] Este fato incorporou ao esporte um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes, a proibição ou estrita segregação da casta dos “profissionais”. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o rugby, o futebol americano [...] ou os ainda não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo. O ideal do amadorismo, que apresentava a vantagem adicional de reunir classe média e nobreza, foi entesourado nos Jogos Olímpicos, uma nova instituição (1896), nascida no cérebro de um francês admirador do sistema inglês de escolas públicas, que havia sido construído em torno de seus campos de jogos.

O encontro dos “ideais” de Pierre de Fredy, Barão de Coubertin, com o modelo inglês de prática esportiva nas “*Public Schools*”, contribuiu para a criação do evento que se transformaria no maior espetáculo da terra, os Jogos Olímpicos da era moderna. A cada quatro anos acompanhamos, em diferentes mídias, a trajetória de nossos atletas, das “estrelas” que se destacam nas competições e daqueles que aparecem nas mídias como heróis. Vale a pena verificar quem foi destaque, segundo o Comitê Olímpico Internacional, em todas as edições dos Jogos Olímpicos da era moderna.

Ao longo da história dos Jogos Olímpicos da era moderna, tivemos um total de 136653 competidores em 30 edições dos jogos. Dentre tantos atletas foram distribuídas apenas 4501 medalhas de ouro para os campeões olímpicos. Dentre esses, alguns poucos alcançaram as manchetes dos jornais e as capas das revistas semanais. As escolhas das empresas de comunicação seguem os tradicionais critérios de noticiabilidade, mas haveria algum outro fator importante que tenha influência nas escolhas feitas? Como explicar quem merece ou não estar na capa de uma revista? Entre várias opções, vários relatos possíveis, qual deles será veiculado?

Acreditamos que uma explicação satisfatória do processo de cobertura dos Jogos Olímpicos pode ser encontrada nas Teorias da Ação Política, particularmente na teoria desenvolvida por Edward S. Herman e Noam Chomsky, a teoria do “Propaganda Model”.

1.2.3 Momentos importantes na história dos Jogos Olímpicos

Se nossas questões envolvem a figura do “Herói” e a resposta passa pela “Propaganda”, entendemos que três momentos dos Jogos Olímpicos da era moderna são importantes merecem atenção: os Jogos de Atenas em 1896, com a recuperação da figura do herói olímpico; os Jogos de Berlin em 1936, com a utilização dos Jogos como veículo de Propaganda Nazista; os Jogos de Moscou, com a participação do novo presidente do Comitê Olímpico Internacional, o espanhol Juan Antonio Samaranch, juntamente com o alemão Horst Dassler na criação de um novo modelo de gestão das Olimpíadas, que levaria os Jogos Olímpicos ao patamar de “maior espetáculo” da terra.

Em cada um dos três momentos encontramos personagens importantes para a história do movimento olímpico e dos esportes. O idealizador dos Jogos Olímpicos da era moderna, Pierre de Fredy – Barão de Coubertin. O ditador ariano, Adolf Hitler, vencido pelo herói negro americano, Jesse Owens. Os homens de negócio, família Dassler (Adolf, Horst e Rudolf) e Juan Antonio Samaranch, o dirigente que tirou os Jogos Olímpicos do “vermelho” e levou-os à condição de grande e lucrativo negócio. O início da década de 1980, com a criação da *International Sports, Culture and Leisure Marketing AG (ISL)* e sua associação com o Comitê Olímpico Internacional marca o ingresso dos Jogos na era do *marketing* esportivo.

1.2.3.1 Atenas 1896 - O Retorno do Herói Olímpico

Os Jogos Olímpicos da Atenas, em 1896, inauguram o chamado Movimento Olímpico, que tem, entre outros objetivos, o de divulgar os “ideais” de educação através do esporte de seu idealizador, o Barão de Coubertin. Os Jogos Olímpicos de Atenas contaram com um total de 14 países, 241 atletas e 43 eventos

Figura nº1 – Poster dos Jogos Olímpicos de Atenas, Grécia, em 1896.



Fonte: <http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/athens-1896/athens-1896-collection/?tab=emblem>

Graças aos historiadores e à mídia o público em geral recebe, a cada quatro anos, informações sobre a história dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, de seus heróis, de seus mitos. Logo na primeira edição temos um exemplo do que viria a ser chamado de herói olímpico: o grego Spyridon Louis.

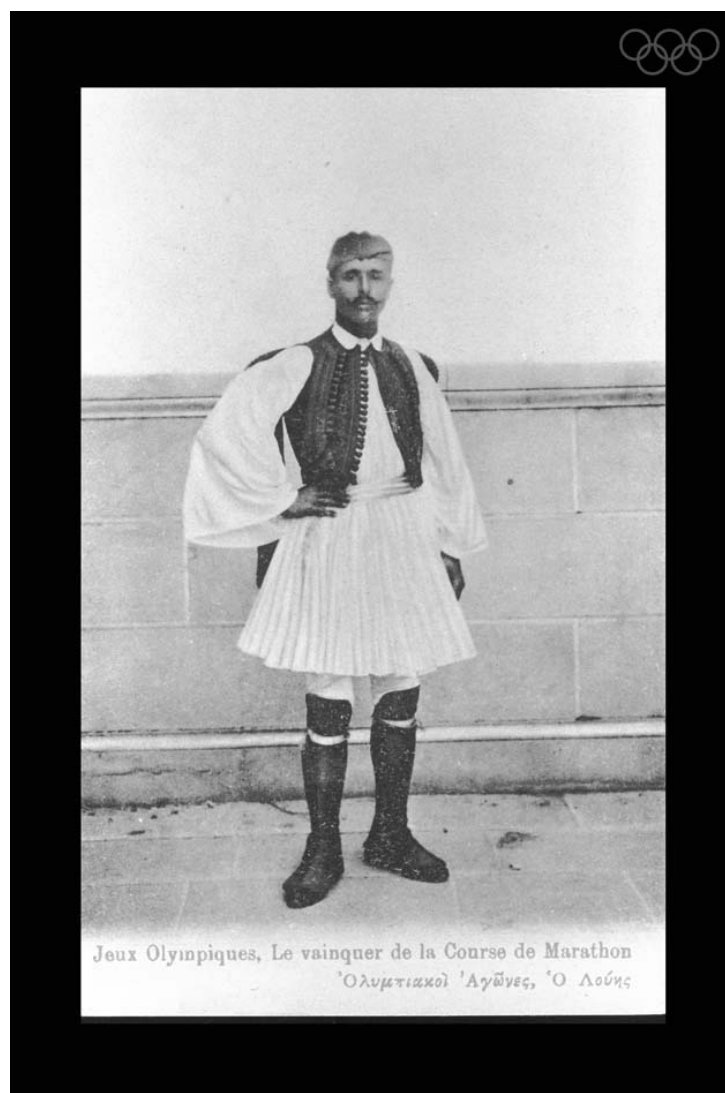
A importância dos Jogos para os gregos pode ser comparada à importância do futebol no Brasil. É mais do que uma competição ou uma modalidade esportiva, é parte da cultura do povo, de sua identidade. Nos Jogos de Atenas, em 1896, até o último dia de competições os gregos não haviam vencido uma única prova naquele que é tido como o esporte mais “nobre”: o atletismo. Algo comparável a uma eliminação de nossa seleção de futebol na primeira fase de uma Copa do Mundo, sem vitórias ou gols marcados. Caberia a um pastor de ovelhas o papel de redentor da pátria. Spyridon “Spyros” Louis.

Spyridon Louis nasceu em 12 de janeiro de 1873, em Marousi, Grécia e tornou-se o primeiro campeão da prova da maratona dos Jogos Olímpicos da era moderna na cidade de Atenas, em 1896. A prova da maratona é considerada uma das mais

importantes dos jogos, em parte por causa da lenda de Pheidippides, soldado grego que teria morrido após percorrer o percurso de Maratona a Atenas, com a missão de comunicar a vitória dos gregos sobre os persas na batalha de Maratona em 490 A.C.

Spyridon se converteu no grande herói olímpico dos Jogos de 1896 ao percorrer quarenta quilômetros da planície de Maratona até Atenas e vencer aquela que é considerada a prova mais importante do atletismo. Louis foi um dos 25 corredores que entraram na prova da maratona em 1896. Após 30 quilômetros de corrida Louis tomou a dianteira e terminou a prova com 2 horas, 58 minutos e 50 segundos, com uma vantagem de mais de sete minutos sobre o segundo colocado. Ao chegar às portas do estádio Panathinaiko, liderando a corrida, Spyros teve a companhia, até a linha de chegada, do príncipe George e do rei Constantino.

Figura nº2 – Poster de Spyridon Louis, vencedor da maratona em 1896.



1.2.3.2 Berlin 1936 - Adolph Hitler x Jesse Owens – Propaganda x Herói

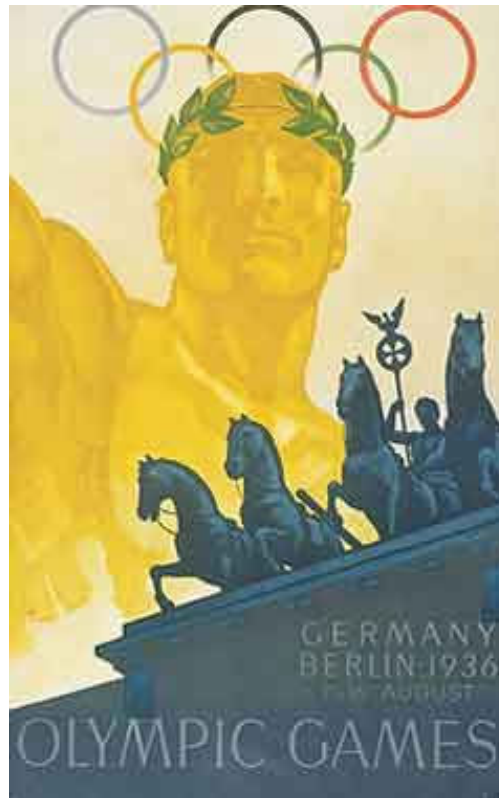
O segundo momento marcante ao longo da história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna ocorreu nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. A sede dos Jogos Olímpicos de 1936 foi concedida à Alemanha dois anos antes da ascensão dos nazistas ao poder. O que se viu foi mais um capítulo de um processo de transformação do esporte em veículo de propaganda.

Segundo Proni (2008, p.6):

No início do século XX, porém, acirrou-se a disputa imperialista envolvendo as grandes potências. Não houve como evitar que as rivalidades nacionais se transferissem para o campo esportivo – e a história geopolítica dos Jogos Olímpicos constitui o melhor exemplo dessa influência. Depois da Primeira Grande Guerra, a afirmação da superioridade atlética de um povo ou país, a glorificação dos campeões olímpicos ou mundiais e a interferência de governantes na organização dos torneios (em particular, com a ascensão do fascismo e do nazismo) marcaram as competições esportivas internacionais. Simultaneamente, acirrou-se o caráter competitivo da prática esportiva e a vitória tornou-se mais importante que o modo como se competia. Assim, não tardaria para que o Olimpismo fosse obrigado a conviver com freqüentes tensões de ordem política, o que ficaria mais nítido a partir dos Jogos de Berlim-1936.

Os Jogos se transformaram em instrumento de propaganda do Terceiro Reich, de Hitler e de uma suposta superioridade dos arianos sobre outras raças. Em Berlim competiram 49 países, com 3.738 atletas, em 129 eventos.

Figura nº3 – Poster dos Jogos Olímpicos de Berlim, Alemanha, em 1936.

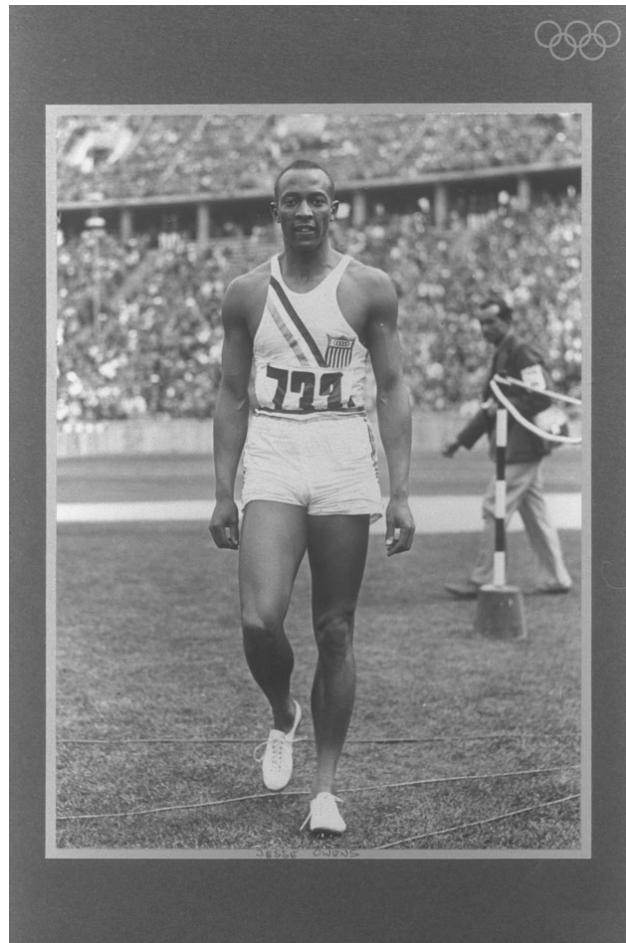


Fonte: <http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/berlin-1936/berlin-1936-collection/?tab=poster>

É fato que a organização foi quase perfeita e que os alemães “ganharam” os Jogos Olímpicos com um total de 89 medalhas, sendo 36 de ouro, 26 de prata e 30 de bronze. Os Estados Unidos ficaram em segundo com um total de 56 medalhas, sendo 24 de ouro, 20 de prata e 12 de bronze. Ganharam, mas não levaram.

O herói olímpico de Berlim foi um negro estadunidense chamado Jesse Owens, vencedor de quatro medalhas de ouro, nos 100 metros, nos 200 metros, no revezamento 4 x 100 e no salto em distância. Um atleta negro desmontou o mito da superioridade da raça ariana e se tornou o herói das XI Olimpíadas da era moderna.

Figura nº4 – Poster de Jesse Owens, Berlin, 1936.

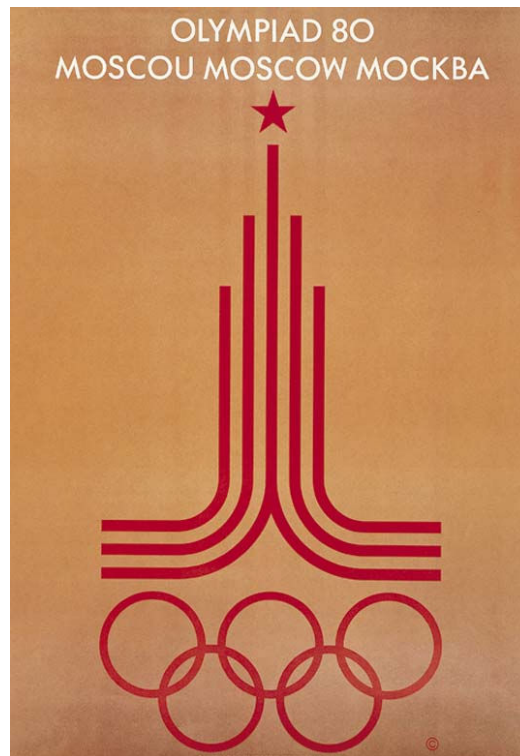


Fonte: http://www.olympic.org/Assets/MediaPlayer/Photos/1936/08/03/RAACL059/RAACL059_HD.jpg

1.2.3.3 Moscou 1980 - Samaranch e Horst Dassler – Mídia e Publicidade

A década de oitenta do século passado (1980) registrou uma revolução nos Jogos Olímpicos, que vinham marcados por questões políticas, boicotes (ainda teríamos os dois mais importantes em 1980, em Moscou, e 1984 em Los Angeles) e problemas econômicos. Os jogos de Montreal em 1976 literalmente “quebraram” os cofres públicos da cidade sede, que demorou mais de uma década para se recuperar. A desconfiança em relação ao futuro dos Jogos era grande.

Figura nº5 – Poster dos Jogos Olímpicos de Moscou, URSS, em 1980.



Fonte: <http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/moscow-1980/moscow-1980-collection/?tab=poster>

O então presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), o espanhol Juan Antonio Samaranch, acelerou o processo de comercialização dos Jogos Olímpicos ao se associar a empresários e dirigentes de outras entidades para explorar o potencial dos esportes por meio do que hoje chamamos de *marketing* esportivo.

Figura nº6 – Fotografia de Juan Antonio Samaranch, Moscou, 1980.



Fonte: <http://media-2.web.britannica.com/eb-media/66/116766-004-AEAF16C7.jpg>

Não se trata de um processo novo. É possível encontrar nos programas dos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896, algumas mensagens de publicidade. A primeira investida de uma grande empresa se deu nos Jogos de Amsterdã, em 1928, quando a Coca-Cola foi uma patrocinadora “oficial” do evento. O financiamento de um evento de tal grandeza demandava cada vez mais fontes de recursos. Doações e pequenos “patrocínios” não dariam conta dos custos. Vislumbrava-se a necessidade de um suporte comercial maior, mas ainda não teríamos nada parecido com o que temos hoje.

Os Jogos Olímpicos de Berlim, televisionados apenas para a Alemanha, já haviam demonstrado o poder da comunicação para se alcançar dividendos políticos. Chegava a hora de se obter resultados econômicos melhores para assegurar a continuidade dos Jogos. Nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, já é possível observar uma verdadeira “dobradinha” entre a televisão e o *marketing*.

Quem primeiro vislumbrou o enorme potencial dos Jogos Olímpicos como meio para se alavancar vendas foi um ex-sapateiro alemão chamado Adolph “Adi” Dassler. Nós o conhecemos muito bem, ou ao menos conhecemos seus produtos. Adi. Dass. Ler. Adidas. Dassler foi o primeiro grande empresário no ramo de artigos esportivos a utilizar os Jogos como vitrine para seus produtos.

Após a morte do fundador da Adidas, seu filho Horst ampliou os negócios da família ao criar a marca Arena e deu um grande passo para transformar o esporte ao criar a empresa ISL Marketing AG (International Sports, Culture and Leisure Marketing AG) junto com o especialista em *marketing*, o neozelandês Patrick Nally.

Figura nº7 – Fotografia de Horst Dassler.



Fonte: [www.transparencyinsport.org/snipers_guide\(page6\).html](http://www.transparencyinsport.org/snipers_guide(page6).html)

Horst criaria o que os jornalistas Andrew Jennings e Vyv Simsom (1992) chamaram, no livro “Os senhores dos anéis”, de “o Clube”, juntamente com Juan Antonio Samaranch, João Havelange e Priomo Nebiolo. Samaranch presidia o COI - Comitê Olímpico Internacional, Havelange presidia a FIFA – Fédération Internationale de Football Association e Nebiolo presidia a Associação Internacional de Atletismo Amador (IAAF em inglês). Os dirigentes das três maiores “jóias” do esporte mundial: os Jogos Olímpicos, o Futebol e o Atletismo. A partir desse momento o esporte mudaria radicalmente e abriria as portas para o modelo de esporte de alto rendimento, profissional, espetáculo que acompanhamos pelas diferentes mídias nos dias de hoje.

Foi a partir da eleição de Samaranch para a presidência do COI que o processo de comercialização, profissionalização dos Jogos ganhou mais força e poder. Para se transformarem no “maior espetáculo da Terra” os Jogos Olímpicos, por meio de seus dirigentes, firmaram parceria com grandes empresas e conglomerados econômicos.

Em 1988 foi criado o TOP, “The Olympic Partner Programme”. Programa de patrocinadores exclusivos dos Jogos Olímpicos. Com tal programa o Comitê Olímpico Internacional multiplicou seus ganhos e seu poder. Para conseguir tanto dinheiro é necessário que se tenha um grande “produto”. O produto mais importante, os direitos de transmissão dos Jogos, continua a se valorizar, pois cada vez mais pessoas (consumidores) querem assistir às competições, querem acompanhar seus representantes, seus “heróis”. Os atletas foram transformados em artistas, em celebridades e os vencedores das competições olímpicas em heróis.

A partir da década de 1980, com a adoção de políticas neoliberais e a aceleração do processo de globalização, observamos uma maior participação do esporte, suas competições, seus atletas, enfim do produto esporte nas mais diferentes mídias. Temos os primeiros astros, heróis, heróis olímpicos globalizados, alguns candidatos a mito do esporte mundial. Atletas e equipes como Diego Armando Maradona, Ronaldo Nazário, Carl Lewis, Lance Armstrong, Michael Jordan e o “Dream Team” de basquete estadunidense, Lionel Messi e o “espetacular” Barcelona.

O próximo passo para entendermos o real significado da palavra herói nos conduz ao trabalho de Joseph Campbell, considerado como uma das maiores autoridades no assunto. Mito? Herói? Campbell nos esclarece tais conceitos.

2. MITO, HERÓI, SUPER-HERÓI

2.1. O que é mito?

O mito faz parte de nosso cotidiano, mesmo quando não sabemos exatamente o que ele significa. Não é raro escutarmos que aquele artista é um mito do cinema ou que tal jogador de futebol é um mito do “esporte bretão”. Também já escutamos que as histórias contadas por alguém “não passam de mitos”. Em ambos os casos estamos usando a palavra corretamente. Ou não. Afinal de contas o que é mito?

A definição mais simples pode ser encontrada nos dicionários. O dicionário Aurélio (1975), diz que o mito é: "Fato, passagem dos tempos fabulosos; tradição que, sob forma de alegoria, deixa entrever um fato natural, histórico ou filosófico; (sentido figurado) coisa inacreditável, sem realidade". Como vemos a palavra mito pode ser utilizada para enaltecer ou desacreditar alguém.

Em seu livro “O que é mito” (2001, p.07), Everardo Rocha afirma que:

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais.

A “coisa inacreditável, sem realidade”, a mentira, a falsidade é rapidamente compreendida quando alguém usa a palavra mito para desacreditar alguém.

E onde entram os chamados “tempos fabulosos” nessa história? Ou seria melhor dizermos estória? Na verdade o mito, a narrativa mitológica está presente em nossa história repleta de estórias. Os tempos fabulosos são tempos estóricos que participam de nossa história desde a mais tenra idade. Dos contos de fadas até as narrativas encontradas nos livros (e filmes) de J. R.R. Tolkien - Senhor dos Anéis, estamos em contato com mitos.

Como o nosso objeto de estudo está diretamente relacionado ao mito, a narrativas mitológicas, narrativas heróicas, é importante entender o que diz Joseph Campbell em seus livros *O poder do Mito* e *O herói de mil faces*.

Para Campbell, em seu livro “O poder do mito” (2004, p.24), [...] “mitos são metáforas da potencialidade espiritual do ser humano, e os mesmos poderes que animam nossa vida animam a vida do mundo”.

Mircea Eliade também fala do mito como relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial, de um tempo fabuloso dos começos, fala do mito como o relato de uma história sagrada. Segundo Eliade (1989 apud Marques 1998, p. 04):

Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. (...) É sempre, portanto, a narração de uma 'criação': descreve-se como uma coisa foi produzida, quando começou a existir. O mito só fala daquilo que realmente aconteceu, daquilo que se manifestou plenamente.

Em *O poder do mito* (2004) e *O herói de mil faces* (2007) Campbell descreve o que seria a “aventura do herói”, desse herói mitológico de tempos primordiais. Segundo Campbell (2007, p.36):

O herói e o deus

O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* — que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito.

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

2.2. A Aventura do Herói (Mitológico)

A aventura do herói tem início na partida do herói em resposta a um “chamado da aventura”, que seria, segundo Campbell, o primeiro estágio da jornada mitológica do herói. O herói pode “agir por vontade própria” ou pode ser levado por outro agente para sua jornada heróica.

O herói pode recusar “o chamado”, mas isso o transforma de possível herói a vítima a ser salva.

Segundo Campbell (2007, p.67):

Os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixam claro que a recusa é essencialmente uma recusa a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio. O futuro não é encarado em termos de uma série incessante de mortes e nascimentos, e sim em termos da obtenção e proteção do atual sistema de ideais, virtudes, objetivos e vantagens. O rei Minos manteve consigo o touro divino, quando o sacrifício teria significado submissão à vontade do deus de sua sociedade; ele preferiu aquilo que considerava ser a própria vantagem econômica. E, assim, ele fracassou na assunção do papel que lhe cabia na vida — e vimos os efeitos calamitosos desse fracasso. A própria divindade tornou-se seu terror; pois, evidentemente, se cada um for o seu próprio deus, então o próprio Deus, Sua vontade, o poder que destruiria o sistema egocêntrico de cada um, se transformará num monstro.

Com a recusa do herói, quem o salvaria? A salvação seria divina, viria de Deus (Alá), ou como disse Campbell (2007, p.74): “É poderoso o trabalho de salvação de Alá. A única questão reside no mecanismo de operação do milagre.”

Em seguida teríamos o chamado “*auxílio sobrenatural*” vindo de uma “figura protetora (...)”, que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se”. Campbell (2007, p.74).

O próximo passo na jornada do herói é a “*passagem pelo primeiro limiar*”, que marcaria a passagem pelos limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Ele se liberta do ego e segue adiante.

O “*ventre da baleia*” simboliza a passagem do herói para o desconhecido. Logo em seguida temos a iniciação do herói com o “*caminho de provas*”. Tem início a fase favorita da mito-aventura. O herói tem de passar por provas difíceis.

Segundo Campbell (2007, p.110):

O herói, deus ou deusa, homem ou mulher, a figura de um mito ou o sonhador num sonho, descobre e assimila seu oposto (seu próprio eu insuspeitado), quer engolindo-o, quer sendo engolido por ele. Uma a uma, as resistências vão sendo quebradas. Ele deve deixar de lado o orgulho, a virtude, a beleza e a vida e inclinar-se ou submeter-se aos desígnios do absolutamente intolerável. Então, descobre que ele e seu oposto são, não de espécies diferentes, mas de uma mesma carne. A provação é um aprofundamento do problema do primeiro limiar e a questão ainda está em jogo: pode o ego entregar-se à morte? Pois muitas cabeças têm essa Hidra circundante; cortada uma delas, duas outras se formam — exceto se for aplicado, ao coto mutilado, o cauterizador apropriado. A partida original para a terra das provas representou, tão-somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre agora matar dragões e ultrapassar surpreendentes barreiras — repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter e relances momentâneos da terra das maravilhas.

A última aventura do herói é “*o encontro com a deusa*”. Tal encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é “o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: *amor jaú*), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade”. Campbell (2007, p.119).

O herói mitológico ainda passa pela fase da “*mulher como tentação*”, “*da sintonia com o pai*” (seu antecessor), a “*A apoteose*” e “*A bênção última*”, que mostra ao herói que ele é superior. Segundo Campbell (2007, p.163):

A facilidade com que a aventura é realizada aqui significa que o herói é um homem superior, um rei nato. Essa facilidade distingue numerosos contos de fadas, bem como todas as lendas das façanhas de deuses encarnados. Onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros.

Finalmente, o herói alcança o momento do “*retorno*”. O momento do retorno do herói é descrito por Campbell (2007, p.195) da seguinte maneira:

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos.

O herói, em seu retorno, passa por fases de *“recusa do retorno”*, *“fuga mágica”*, *“resgate com auxílio externo”*, *“ a passagem pelo limiar do retorno”*, *“senhor dos dois mundos”*, *“liberdade para viver”*. Um retorno do mundo divino para o mundo humano (que na verdade formam um único reino), uma demonstração do “talento do mestre”. O herói deve então retornar para seu mundo inicial, com o elixir da vitória, para compartilhar dele com aqueles que ficaram e completar seu ciclo de separação, iniciação e retorno assim descrito por Campbell (2007, p.36):

Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

Uma leitura cuidadosa de clássicos como a *Odisséia* permite a identificação das características do herói e das diferentes fases de sua aventura. Aquiles e Ulisses permaneceram por séculos presos às narrativas dos clássicos da antiguidade e só recentemente foram ressuscitados para o grande público pelo cinema. As novas tecnologias de imagem e os novos supercomputadores possibilitaram a realização de filmes que mostram a saga, as aventuras dos heróis da antiguidade. Mas e os heróis de hoje? Quem são eles?

2.3 - Mais do que um herói, um super-herói

2.3.1. O herói dos quadrinhos

Quando utilizamos a palavra herói na tentativa de descrever alguém que tenha realizado algo notável lançamos mão de uma palavra que pode gerar diferentes representações. Dependendo do contexto, do momento histórico, do público com o qual estamos lidando teremos respostas diversas. O senso comum nos remete à figura do herói que se sacrifica por uma causa maior em benefício do seu povo. O mito do herói é revivido diariamente em diferentes mídias. A narrativa das aventuras do herói pode ser vista nos cinemas; “vivenciada” nos jogos eletrônicos quando o usuário assume o papel de protagonista; pode ser “rastreada” via celular, discutida via internet, até mesmo lida em livros (em mídia eletrônica ou tradicional). A diferença está na identidade do herói. Não mais tratamos dos feitos de um herói de guerra. A guerra real não permite grandes momentos de diversão. Não basta ser herói, na contemporaneidade tem que ser super-herói. Mas o que diferencia nos quadrinhos a figura do herói do super-herói?

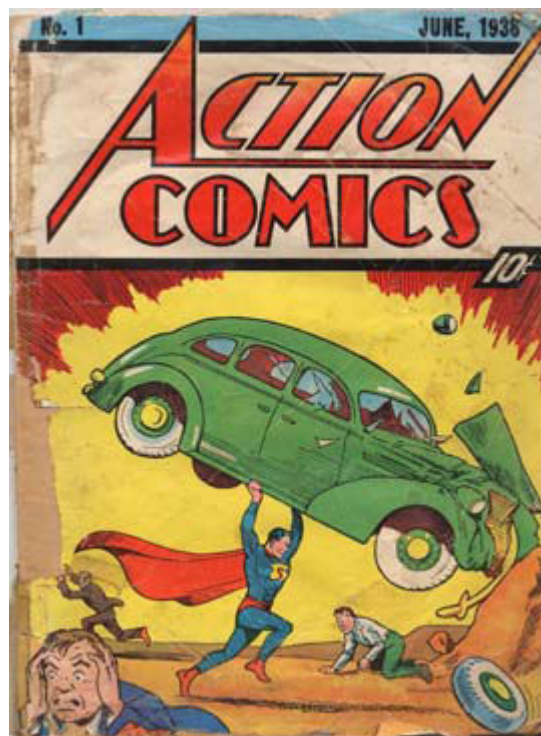
Para o grande público consumidor de quadrinhos os dois termos, herói e super-herói, se confundem e indicam um personagem que luta em defesa dos mais fracos e defende causas justas. O herói dos quadrinhos seria um personagem diferenciado dos outros por seus valores morais e seus feitos extraordinários. Sempre luta por uma boa causa e se comporta de maneira ética e justa.

Quem se aproxima mais do modelo clássico de herói? O herói ou o super-herói? É mais frequente encontrarmos nos quadrinhos personagens superpoderosos comparáveis à figura típica do herói mitológico clássico, a figura do semideus Hércules. Filho de Zeus com uma mortal, Hércules tem força sobre-humana e a proteção do maior dos deuses gregos. O herói tem características excepcionais, mas ainda assim humanas. O super-herói é mais do que humano, é quase (em alguns casos é) divino. Qual seria o super-herói que primeiro se aproximou de tais características na história das revistas em quadrinhos? Uma das figuras marcantes da época de ouro dos quadrinhos, o super-herói por definição, super até no nome, o Super-Homem tem um arsenal de superpoderes “divinos” como super força e super velocidade.

2.3.2 - Os super-heróis dos quadrinhos

A história em quadrinhos, como a conhecemos hoje, ganhou forma no início do século vinte e a partir da década de 1930 tem início a chamada época de ouro, a “Golden Age”, dos quadrinhos com personagens de sucesso como Tarzan, Buck Rogers e Dick Tracy. Esses heróis sofreriam forte concorrência a partir de 1938, com o surgimento, com a criação do Super-Homem, que seria um marco ao dar destaque à categoria de super-heróis.

Figura nº8 – Capa da “Action Comics nº 1, em 1938.



Fonte: g1.globo.com/noticias/PopArte/O.MUL1019003-7084.00.html

Quais seriam as características dos super-heróis? Segundo Viana (2003):

O que distingue um super-herói de um herói? A primeira resposta, e a mais simples, é a de que o herói possui habilidades excepcionais mas humanamente possíveis enquanto que o super-herói possui habilidades sobre-humanas. Os super-heróis são sobre-humanos e o modelo que encarna este ser extraordinário é o *Super-Homem*. A palavra inglesa “super” tem como correspondente em português a palavra “sobre”, e isto quer dizer que *Super-Homem* significa sobre-homem. Mas isto é insuficiente para definir um super-herói. Um super-herói só é um super-herói quando tem que colocar em prática seus poderes e isto só pode ocorrer havendo uma população de seres poderosos num mundo em que ele vive e combate, ou seja, o super-herói só pode existir, ao contrário do herói, em constante relação com super-vilões e com outros super-heróis. Em poucas palavras, o super-herói só pode existir havendo um mundo habitado por seres super-poderosos.

Vale lembrar o contexto histórico que marcou a era de ouro dos quadrinhos e o surgimento dos heróis e super-heróis estampados em suas páginas. A crise da Bolsa de Nova York em 1929 deu início a uma década turbulenta que ainda seria abalada pela Segunda Grande Guerra Mundial. Em tempos de crise e grandes desafios os indivíduos teriam que lutar contra as adversidades, lutar como um herói. Os super-heróis da época de ouro dos quadrinhos representavam mais do que apenas entretenimento ao se transformarem em veículos de propaganda dos valores hegemônicos da sociedade estadunidense. Ao longo da Segunda Grande Guerra Mundial, quando o grande inimigo era o nazismo, e, posteriormente, já na década de 1950, quando uma nova “face do mal”, o comunismo, substituiu a anterior, os super-heróis “lutaram” nas páginas dos quadrinhos contra o inimigo. Junto com outro personagem marcante da era dourada dos quadrinhos, o Capitão América, o Super-Homem assumiu os valores estadunidenses, o “american way of life” e entrou na batalha contra os inimigos da América e do mundo livre, contra as forças do mal. Uma batalha ao mesmo tempo ficcional e real, dentro e fora das páginas das revistas.

Com uma abordagem polarizada do momento histórico e uma identificação da luta do *bem*, sempre representado pelos super-heróis estadunidenses e seus valores, contra o *mal*, sempre representado pelo inimigo do momento – nazismo e depois o comunismo – não é difícil observarmos o caráter político das histórias em quadrinhos.

Segundo Viana (2005, p.01):

A relação entre história em quadrinhos e política é bastante complexa. A política se manifesta no universo ficcional dos quadrinhos, bem como os quadrinhos, muitas vezes, repassam mensagens políticas. Além disso, as lutas políticas, os poderes instituídos, atuam sobre os quadrinhos, através da legislação, da censura, da pressão, da intervenção direta.

A diversificação do público dos quadrinhos ao longo do tempo fez com que um produto inicialmente pensado para entreter crianças e jovens passasse a diversificar seu público alvo. Questões políticas antes ausentes nas páginas das revistas passaram a receber atenção e destaque, direta ou indiretamente, pelos criadores, editores e donos da mídia. Com isso, a política passou a influenciar as

histórias em quadrinhos de forma aberta ou através de mecanismos de pressão.

Segundo Viana (2005, p.18):

A afirmação e a recusa da política institucional (Estado, governo, democracia), as mais variadas posições diante dos governos, a manifestação da luta de classes, se colocando a favor de uma ou outra classe, a manifestação das mais variadas concepções políticas, isto tudo se encontra no mundo dos quadrinhos. Num sentido mais amplo da palavra política (toda forma de manifestação da luta de classes ou relações de poder), é possível afirmar que os quadrinhos são eminentemente políticos, só que manifestando concepções políticas distintas, que varia com histórias, personagens, épocas, etc. Os quadrinhos são produtos sociais e na sociedade moderna tudo carrega a marca da política.

Assim como os quadrinhos, os esportes, em particular os grandes eventos esportivos, são um produto cultural de nossa sociedade e como tal são fortemente influenciados por aspectos econômicos e políticos. Na sociedade do espetáculo e do entretenimento, tanto os quadrinhos quanto os esportes alcançam o público por meio de narrativas das aventuras de seus heróis, de seus super-heróis, e tais personagens também carregam uma “marca política”.

3. O “PROPAGANDA MODEL”

3.1. O que é o “*Propaganda Model*”?

Para Chomsky e Herman, as mídias de massa fazem propaganda sistemática do modelo capitalista e estão a serviço das elites dominantes.

Em “*Manufacturing Consent*” os autores assim apresentam sua teoria de ação política, que é classificada por Nelson Traquina (2005) como uma teoria de ação política de esquerda, com destaque para a função desempenhada pelas mídias.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.01, tradução nossa):

As mídias de massa servem como um sistema para comunicar mensagens e símbolos para a população em geral. É sua função divertir, entreter, informar e por na cabeça dos indivíduos valores, crenças e códigos de comportamento que vão integrá-los nas estruturas institucionais da sociedade. Em um mundo de riqueza concentrada e grandes conflitos de interesses de classe, preencher tal papel requer uma propaganda sistemática.

Herman e Chomsky comparam a atuação das empresas de comunicação em países onde a chamada grande mídia está nas mãos do governo (monopólio) e onde tal mídia é privada. Os autores levantam questões sobre o comportamento dessas mídias. Para além do senso comum, que atribui regularmente à burocracia estatal uma tendência a controlar as mídias, os autores questionam o comportamento da mídia privada e tentam demonstrar que ela também pode ser controlada por uma elite “de mercado”.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.1,2, tradução nossa):

Em países onde os mancheres do poder estão nas mãos de uma burocracia estatal, o controle monopolístico da mídia, frequentemente complementado por uma censura oficial, deixa claro que a mídia serve aos fins de uma elite. É muito mais difícil ver um sistema de propaganda funcionando onde a mídia é privada e não se tem uma censura formal. Isso é especialmente verdade onde a mídia compete ativamente, periodicamente ataca e expõe os mal feitos dos governos e das corporações, e de maneira agressiva

(enfática) se mostra como porta-voz do discurso livre (liberdade de expressão) e dos interesses gerais da comunidade. O que não está evidente (e permanece não discutido na mídia) é a natureza limitada de tais críticas, assim como a enorme desigualdade no comando dos recursos, e seus efeitos no acesso ao sistema da mídia privada, em seu comportamento e *performance*.

Herman e Chomsky descrevem as bases de sua teoria de “*Propaganda Model*” enfatizando a influência dos poderes político e econômico, e dos interesses das elites, sobre o que é publicado pela mídia. Os autores descrevem quais seriam os filtros que atuam de forma a atender aos interesses dos poderosos e como tal processo atua de forma tão “natural” dentro das grandes empresas de comunicação.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.2, tradução nossa):

Um modelo de propaganda está focado nessa desigualdade de riqueza e poder e em seus efeitos em múltiplos níveis sobre os interesses e escolhas da mídia de massas. Ele traça as rotas pelas quais o dinheiro e o poder são capazes de remover as notícias aptas para a impressão, marginalizar as discordâncias, e permitir ao governo e aos interesses privados dominantes passar sua mensagem para o público. Os ingredientes essenciais de nosso modelo de propaganda, ou conjunto de “filtros de notícias”, se encontram nos seguintes títulos: (1) o tamanho, a propriedade concentrada, riqueza do proprietário (da mídia), e a orientação pelo lucro das firmas de mídia massiva (comunicação de massas) dominantes; (2) propaganda (advertising) como fonte primária de rendimentos das mídias de massa; (3) a dependência das mídias de informações fornecidas por governos, pelo “business”, por especialistas (experts) financiados e aceitos por essas fontes primárias e agentes do poder; (4) “flak” (ação punitiva dos poderosos) como meio de disciplinar a mídia, e (5) “anti-comunismo” como uma religião nacional e mecanismo de controle. Esses elementos interagem entre si e reforçam-se uns aos outros. O material “bruto” das notícias deve passar por sucessivos filtros, deixando apenas o “resíduo limpo” pronto para impressão. Eles fixam as premissas do discurso e da interpretação, e a definição do que é noticiável no primeiro lugar, e eles explicam a base e as operações do que “soma” em campanhas de Propaganda. (...) A dominação da mídia pelas elites e a marginalização da discordância, que resulta da operação desses filtros, ocorre tão naturalmente que as pessoas envolvidas na mídia, frequentemente operando com completa integridade e boa

vontade, são capazes de se convencer de que elas escolhem e interpretam as notícias “objetivamente” e sobre uma base de valores-notícia profissional. Dentro dos limites dos filtros eles são frequentemente objetivos; os constrangimentos – coações (constraints) são tão poderosos, e são construídos dentro do sistema de maneira tão fundamentada, que bases alternativas de escolhas de notícias são dificilmente imagináveis.

3.2 Os filtros do “*Propaganda Model*”

3.2.1 Filtro número um: tamanho, propriedade, e orientação para o lucro da mídia de massa.

Os autores buscam, com exemplos históricos, demonstrar quais fatores foram determinantes para que poucas empresas (mídia impressa) sobrevivessem, na virada do século XIX para o século XX, às mudanças ocorridas no mercado. O quadro hoje segue a mesma tendência. O tamanho e os custos de criação e manutenção de um jornal de circulação nacional representam os primeiros obstáculos à multiplicação e à diversidade na mídia impressa.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p. 3,4, tradução nossa):

Uma razão importante para isso foi a subida em escala dos negócios da imprensa e o aumento associado dos custos do capital em meados do século dezenove para frente, o que estava baseado em melhorias tecnológicas assim como a ênfase dos proprietários em alcançar grandes audiências (público leitor). A expansão do mercado livre foi acompanhada por uma “industrialização da imprensa”. O custo total de se estabelecer um semanário (jornal) nacional em bases lucrativas em 1837 era de menos de mil libras esterlinas, com uma circulação lucrativa a partir de 6.200 cópias. Em 1867, o custo inicial estimado de um novo diário Londrino era de 50.000 libras esterlinas. O Sunday Express, lançado em 1918, gastou mais de dois milhões de libras esterlinas antes de ser lucrativo com uma circulação de mais de 250.000 cópias. (...) Assim sendo, o primeiro filtro – a limitação da propriedade da mídia com substancial alcance pelo requisito de um investimento de grande vulto (tamanho) – foi aplicável um século ou mais atrás, e tem se tornado cada vez mais efetivo com o passar do tempo.

Como poderíamos descrever a influência da chamada “grande” mídia sobre empresas de menor porte, sobre jornais locais? Criou-se, com o passar do tempo, uma relação de dependência dos pequenos jornais em relação aos grandes jornais. Apesar do considerável número de jornais e revistas (mídia impressa) encontrados, vale lembrarmos que a grande maioria se enquadra na categoria de mídia local, altamente dependente de fontes “maiores” em se tratando de assuntos de âmbito nacional ou internacional. Herman e Chomsky apresentam dados que confirmam essa dependência e a concentração de poder nas mãos de um número reduzido de sistemas de mídia nos Estados Unidos.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.4,5, tradução nossa):

Ben Bagdikian salienta o fato de que apesar dos grandes números da mídia, os vinte e nove maiores sistemas de mídia respondem por mais da metade do que é publicado nos jornais, e pela maioria das vendas e platéias de revistas, televisão, livros e filmes. Ele sustenta que esses “constituem um novo Ministério da Informação e da Cultura Privado” que pode definir a agenda nacional. (...) Tem sido registrado há um bom tempo que a mídia está amarrada, com os grandes “fontes” de informação – medidos pelo prestígio, recursos, e alcance – computando algo entre dez e vinte e quatro sistemas. São esses sistemas, assim como os serviços governamentais e de cabo (agências), que definem a agenda das notícias e suprem muito das notícias nacionais e internacionais para os “menores” da mídia, e para o público em geral. Centralização entre os “fornecedores” top de informação aumentou substancialmente com o crescimento da televisão, após a Segunda Grande Guerra, e das redes nacionais desse importante meio de comunicação.

Os autores reafirmam a importância das relações entre as empresas de comunicação e as grandes corporações, e as pressões sofridas para que haja uma maior desregulamentação do setor e uma menor rigidez nas normas que regulamentam o setor.

Para Herman e Chomsky (1988, p.5,8, tradução nossa):

Muitas das grandes companhias de mídia (comunicação) estão completamente integradas no mercado, e para os outros, também, as pressões de acionistas, diretores, e de banqueiros, para dizer o mínimo, são poderosas. Essas pressões têm se intensificado nos anos recentes, quando as ações de empresas de comunicação se tornaram favoritas do mercado (de ações). (...) Essa tendência para uma maior integração da mídia com o sistema de mercado tem sido acelerada pelo afrouxamento das regras que limitam a concentração das mídias, propriedade cruzada, e o controle, por companhias ligadas à mídia. (...) A grande lucratividade da mídia em um ambiente desregulamentado também levou a um aumento nas trocas de controle acionário (“takeovers”) e nas ameaças de compra desse controle, de forma que mesmo gigantes como CBS e Time eram diretamente “atacados” e ameaçados (de compra). Isso forçou os gerentes dos gigantes de mídia a trabalharem com déficits e a focarem ainda mais agressivamente e inequivocadamente na lucratividade, de forma a aplacar os donos e reduzir a atratividade de suas propriedades para elementos de fora. Eles perderam alguma de sua limitada autonomia para banqueiros, investidores (institucionais) e grandes investidores para os quais tiveram que solicitar como potenciais salvadores. Enquanto as ações da grande maioria das grandes companhias de mídia são negociadas nos mercados, aproximadamente dois terços dessas companhias são de propriedade ou controladas por membros das famílias que as criaram, que possuem grande participação acionária. (...) “Também é evidente a enorme riqueza possuída pelas famílias controladoras das principais firmas de comunicações (mídia).

A proximidade entre os “gigantes da mídia” e a chamada comunidade corporativa pode ser comprovada não apenas por ligações locais, mas pela participação em quadros de diretoria dessas empresas.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.10, tradução nossa):

Em adição às conexões entre as direções das corporações, todas as grandes companhias de comunicação fazem negócios com bancos comerciais e de investimentos, obtendo linhas de crédito e empréstimos, e recebendo conselhos e serviços na venda de ações e assuntos relacionados com oportunidades de compra ou ameaças de perda do controle acionário das empresas. Bancos e outros investidores institucionais também são grandes detentores de ações de empresas de comunicação.

Há também uma relação estrutural importante que estabelece uma dependência entre as empresas de comunicação e o governo. O governo é o emissor de licenças para que rádio e televisão possam funcionar. O que daria, potencialmente, ao governo, a possibilidade de pressionar e controlar tais mídias.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.13,14, tradução nossa):

Essa dependência técnica legal tem sido utilizada como forma de disciplinar a mídia e políticas que se afastem da “orientação” do “establishment” poderiam ativar tal mecanismo de pressão. A mídia se protege estabelecendo “lobbies” com políticos e sendo cuidadosa em suas políticas (textos). A grande mídia também depende do governo para apoio em políticas de cunho mais geral. Todas as firmas estão interessadas em assuntos como impostos, taxas de juros, políticas trabalhistas, da aplicação, ou não de legislações ‘anti-trust’. (...) Os gigantes da mídia, agências de publicidade e grandes corporações multinacionais compartilham interesses num clima favorável ao investimento no Terceiro Mundo e suas interconexões e relações com o governo nessas políticas (governamentais) são simbióticas.

Herman e Chomsky finalizam a argumentação falando dos interesses envolvidos e das conexões estabelecidas entre a mídia e os poderosos, e as elites políticas e econômicas.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.14, tradução nossa):

Em suma, as firmas dominantes de mídia são grandes negócios, são controladas por pessoas muito ricas ou por gerentes que são alvo de uma forte pressão dos proprietários e de outras forças ligadas ao mercado e ao lucro, e elas estão interligadas fortemente, e têm importantes interesses comuns com outras grandes corporações, bancos, e o governo. Esse é o primeiro importante filtro que afetará as escolhas das notícias.

3.2.2 A Publicidade – Licença para fazer negócios – O segundo filtro.

Herman e Chomsky demonstram o papel desempenhado pelo segundo filtro, a publicidade, no sentido de limitar a margem de manobra de mídias ligadas às classes trabalhadoras, e como esse filtro contribuiu para a concentração das mídias.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.14, tradução nossa):

Antes de a publicidade ganhar destaque, o preço de um jornal tinha que cobrir os custos de produção do negócio. Com o crescimento da publicidade, jornais que atraíram anúncios podiam arcar com um preço, por cópia, bem abaixo dos custos de produção. Isso colocou os jornais que não tinham tais anúncios em uma séria desvantagem: o preço da unidade tendia a ser maior, atrapalhando as vendas, de modo que eles teriam um lucro menor para investir na melhoria do jornal (formato, promoção, etc.). Por essa razão, um sistema baseado na publicidade tenderá a extinguir ou colocar na marginalidade as companhias de comunicação que dependam apenas das vendas. Com a publicidade, o livre mercado não produz um sistema “neutro” no qual a escolha final do comprador decide. As escolhas dos homens de publicidade influenciam a prosperidade e a sobrevivência das mídias.

Uma publicação que tenha como financiar seus custos por meio da publicidade terá uma grande vantagem na busca de uma maior participação de mercado. Tal vantagem pode levar à eliminação de concorrentes menores e à distorções resultantes da concentração na área de comunicação.

A partir da introdução da publicidade na imprensa, os jornais das classes trabalhadoras e aqueles considerados radicais passam a estar em séria desvantagem. Seus consumidores tendem a possuir modesta renda, fato que sempre afetou o interesse dos anunciantes. Os autores citam os jornais das classes trabalhadoras e jornais radicais como exemplos.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.15, tradução nossa):

A partir do momento da introdução da publicidade na imprensa, e por essa razão, jornais das classes trabalhadoras e radicais têm estado em séria desvantagem. Seus leitores tendem a ser de posses modestas, um fator que sempre afetou o interesse do anunciante.

As desvantagens de tais jornais em relação à “grande imprensa” acabam por colocar a classe trabalhadora em desvantagem também, já que não disporá de apoio de mídia em sua luta por seus direitos. Como argumentam Herman e Chomsky (1988, p.15,16, tradução nossa): “Um movimento de massas, sem nenhum apoio maior de uma mídia, e sujeito a uma grande hostilidade da imprensa, sofre de uma incapacidade séria e luta com poucas chances”.

Já as mídias de massa estão interessadas numa audiência com poder de compra, pois é isso que elas vendem aos seus anunciantes. Não se trata de alcançar grande quantidade de pessoas, mas uma grande quantidade de consumidores, com poder de compra. Segundo Herman e Chomsky (1988, p.16, tradução nossa): “Em suma, a mídia de massa está interessada em atrair um público com poder de compra, não o público por si só; é o público rico que desperta o interesse do anunciante (publicidade) hoje, como no século XIX”.

A escolha das empresas sobre qual mídia receberá sua verba de publicidade dá a elas um grande poder. Ser o patrocinador que subsidia a mídia faz com que as mídias façam adequações, sempre que necessário, para manter-se no mercado. As escolhas dos patrocinadores afetam diretamente o bem estar das empresas de comunicação.

As mídias ligadas às classes trabalhadoras ou as consideradas radicais também sofrem de discriminação por parte dos anunciantes, da publicidade. Muitas firmas sempre se recusarão a patrocinar “inimigos ideológicos” e aqueles que possam ser contrários aos seus interesses.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.16,17, tradução nossa):

As mídias da classe trabalhadora e radical também sofrem com a discriminação política dos anunciantes. A discriminação política está estruturada nas alocações da publicidade, pela ênfase em pessoas com dinheiro para comprar. Mas muitas empresas sempre se recusarão a apadrinhar inimigos ideológicos e aqueles que eles percebem como danosos aos seus interesses, e os casos de discriminação ostensiva aumentam a força do sistema de escolha (voto) influenciado pela renda.

A influência da publicidade nas empresas de comunicação aumenta na medida em que aumentam os custos de manutenção da estrutura da empresa. As diferentes mídias trabalham com os interesses dos patrocinadores em mente, de forma a manter um “estado de espírito” favorável às compras. A idéia é não desagradar anunciantes ou, como dizem Chomsky e Herman (1988, p.17,18, tradução nossa):

Os anunciantes vão querer, mais geralmente, evitar programas com graves complexidades e controvérsias perturbadoras que interfiram com a “disposição para compra”. Eles buscam programas que irão entreter levemente e, portanto, irão se encaixar com o espírito do objetivo principal da aquisição de programas, a divulgação de uma mensagem de venda.

3.2.3 A dependência de fontes governamentais e de mercado.

As mídias de massa são levadas a uma relação simbiótica com poderosas fontes de informação por necessidade econômica e reciprocidade de interesses. A mídia necessita de um regular e confiável fluxo de material para notícias. As empresas não podem arcar com repórteres em todos os lugares e por isso concentram seus recursos onde podem conseguir notícias importantes. Corporações e “burocracias” são importantes fontes para as mídias.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.18,19, tradução nossa):

Os *mass media* são arrastados para uma relação simbiótica com poderosas fontes de informação pela necessidade econômica e pela reciprocidade de interesses. Os meios de comunicação precisam de um fluxo constante, confiável da matéria-prima da notícia. (...) Eles não podem arcar com os custos de se ter repórteres e câmeras em todos os lugares onde as histórias importantes podem surgir. (...) As corporações de negócios e grupos de comércio também são fornecedores regulares e críveis de histórias consideradas com valor notícia. Essas burocracias produzem um grande volume de material, que atende às demandas das organizações de notícias, de fluxos regulares e confiáveis (de notícias). Mark Fishman chama isso de “o princípio da afinidade burocrática: apenas outras burocracias podem satisfazer as necessidades de suprimento de informação de uma burocracia de notícias.

Outras razões para se trabalhar com fontes oficiais residem na idéia de “objetividade” dos profissionais da área de jornalismo e na questão dos custos.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.19, tradução nossa):

Outra razão para a ênfase dada às fontes oficiais é que os meios de comunicação de massa afirmam que são distribuidores “objetivos” de notícias. Em parte para manter a imagem de objetividade, mas também para se protegerem de críticas de parcialidade e da ameaça de processos por difamação, eles precisam de material que pode ser retratado como supostamente preciso. Esta também é, em parte, uma questão de custo: levar informações de fontes que se possam presumir críveis reduz despesas de investigação, enquanto material de fontes que não são, “*prima facie*”, críveis, ou que venham a suscitar críticas e ameaças, requer cuidadosa verificação e pesquisas de alto custo.

Os governos e as grandes corporações são responsáveis por uma enorme quantidade de informação que é disponibilizada regularmente. Seus aparatos burocráticos de comunicação são fontes importantes para as mídias. Para Herman e Chomsky (1988, p.19, tradução nossa) “A magnitude das operações de informação pública das grandes burocracias governamentais e corporativas, que constituem as principais fontes de notícias, é grande e garante acesso especial aos meios de comunicação”.

Governos e empresas se esforçam para facilitar o trabalho das organizações de mídia. Segundo Herman e Chomsky (1988, p.21,22, tradução nossa):

Para consolidar sua posição de destaque como fontes, governos e os promotores de notícias sobre o mundo dos negócios se esforçam para tornar as coisas fáceis para as organizações de notícias. Eles fornecem às organizações de mídia as instalações nas quais se reúnem, eles dão aos jornalistas cópias prévias de discursos e relatórios (futuros), eles agendam conferências de imprensa em horários adequados aos horários de fechamento (*deadline*) das notícias, eles escrevem comunicados de imprensa em linguagem aproveitável (pelas mídias), e eles, cuidadosamente organizam suas conferências de imprensa e sessões de fotografia (oportunidades para fotos). É o trabalho dos assessores de imprensa "atender às necessidades programadas do jornalista com o material (furo jornalístico) que sua agência gerou em seu próprio ritmo.

Grandes burocracias, estatais ou privadas, ganham acesso especial à mídia em virtude de suas contribuições frequentes com o noticiário, o que ajuda a reduzir custos. Se por um lado tal relação facilita a vida da mídia, por outro pode criar situações delicadas caso a mídia não opere da maneira esperada pela fonte privilegiada.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.22,23, tradução nossa):

Na realidade, as grandes burocracias dos poderosos subsidiam os meios de comunicação, e ganham acesso especial por sua contribuição para a redução dos custos da mídia na obtenção de material e na produção de notícias. As grandes entidades que fornecem este subsídio se tornam fontes de notícias rotineiras e têm acesso privilegiado aos “*gates*” (...) Por causa de seus serviços, contato contínuo com o “furo” (jornalístico), e dependência mútua, os poderosos podem usar de relações pessoais, ameaças e recompensas para aumentar sua influência e coagir os meios de comunicação. A mídia pode se sentir obrigada a imprimir histórias extremamente duvidosas e reduzir suas críticas para não ofender as suas fontes e perturbar uma relação estreita (poder, mídia). É muito difícil chamar autoridades, das quais se depende para as notícias diárias, de mentirosas, mesmo se elas contarem grandes mentiras. Fontes críticas devem ser evitadas, não só devido à sua menor disponibilidade e maior custo para se estabelecer credibilidade, mas também porque as fontes primárias podem ser ofendidas e podem, até mesmo, ameaçar os meios de comunicação que utilizam tais fontes (críticas). (...) Talvez mais importante, fontes poderosas regularmente tiram proveito das rotinas e da dependência dos meios de comunicação para “gerir” os meios de comunicação, para manipulá-los a seguir uma agenda especial e um plano (como veremos em detalhes nos capítulos que se seguem). Parte deste processo de gestão consiste em inundar os meios de comunicação com histórias, que servem às vezes para impor uma determinada linha e enquadramento na mídia.

Um tipo de fonte especializada que aparece com regularidade na mídia é a do ex-radical, que se converteu, que foi iluminado e veio para o lado certo. Acontece na política, na economia, na religião.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.24, tradução nossa):

Outra classe de especialistas, cujo destaque é principalmente em função de sua utilidade para o poder (estabelecido) é a de ex-radicais que conseguiram "ver a luz". Os motivos que fazem com que estes indivíduos mudem seus "deuses", de Stalin (ou Mao) para Reagan e a livre iniciativa, são variados, mas para a mídia a serviço do "establishment" a razão para a mudança é simplesmente que os ex-radicais finalmente viram o erro de seus caminhos. Em um país cuja cidadania valoriza o reconhecimento do pecado e arrependimento, os vira-casacas são uma importante classe de pecadores arrependidos. É interessante observar como os ex-pecadores, cujos trabalhos anteriores eram de pouco interesse ou objeto do ridículo para os meios de comunicação de massa, são repentinamente elevados a proeminência e se tornam autênticos especialistas. Podemos lembrar como, durante a era McCarthy, desertores e ex-comunistas competiam, uns com os outros, com estórias (contos) sobre a iminência de uma invasão soviética e outras estórias chocantes. Eles descobriram que a cobertura noticiosa funcionava de acordo com seus "ajustes" em suas estórias para a demanda vigente. O fluxo constante de ex-radicais, da marginalidade para a atenção da mídia, mostra que estamos testemunhando um método durável de fornecimento de especialistas que dirão o que o "establishment" quer que seja dito.

3.2.4 “*Flak*” – Ações Punitivas dos Poderosos

Herman e Chomsky definem “flak” como sendo um tipo de reação negativa à atuação da mídia, a uma afirmação ou a um programa. Tal reação pode ter custos elevados para a mídia, tanto na forma de aumento de custos (gastos com advogados) quanto na forma de perda de receita (perda de publicidade).

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.26, tradução nossa):

“Flak” refere-se a respostas negativas a um comunicado da imprensa ou programa. Pode assumir a forma de cartas, telegramas, telefonemas, petições, processos, discursos e projetos de lei perante o Congresso, e outros meios de reclamação, ameaça e ação punitiva. Pode ser organizada de forma centralizada ou local, ou pode consistir de ações totalmente independentes dos indivíduos. (...) Se a ação de “flak” for produzida em larga escala, ou por indivíduos ou grupos, com recursos substanciais, ela pode ser desconfortável e dispendiosa para os meios de comunicação.

Posições têm que ser defendidas dentro e fora da organização, às vezes perante poderes legislativos e, possivelmente, até mesmo nos tribunais. Os anunciantes podem retirar patrocínios. A publicidade televisiva é principalmente de bens de consumo, que são rapidamente sujeitos a boicotes organizados. (...)

A capacidade de realizar uma ação contra a mídia, que envolva altos custos e ameaças, está diretamente relacionada com o poder, principalmente por parte de quem é poderoso na esfera da política e/ou da economia. Muitas vezes a ação vem de empresas que investem em publicidade na mídia e, por algum motivo, se sentiram prejudicadas. A resposta vem na diminuição ou na retirada de campanhas publicitárias da mídia que as “ofendeu”.

Os governos, como grandes anunciantes e detentores de recursos legais e fiscais para punir aquele que não “se comportou bem”, também são grandes produtores de ações de “flak”.

Segundo Herman e Chomsky (1998, p.28, tradução nossa):

Os produtores de “*flak*” somam forças e reforçam o comando da autoridade política em suas atividades de gerenciamento de notícias. O governo é um grande produtor de “*flak*”, regularmente atacando, ameaçando, e “corrigindo” os meios de comunicação, tentando conter qualquer desvio da linha estabelecida.

3.2.5 Anticomunismo como mecanismo de controle

O Comunismo como “mal maior” sempre rondou os proprietários, ao ameaçar as raízes de sua posição e estatus superior: a propriedade privada. As revoluções na União Soviética, na China e em Cuba foram traumas para as elites ocidentais. Os conflitos existentes e os abusos dos (poucos) estados comunistas contribuíram para elevar a oposição ao comunismo como primeiro princípio na ideologia e na política ocidentais.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.29,30, tradução nossa):

Essa ideologia ajuda a mobilizar a população contra um inimigo, e, porque o conceito é difuso, pode ser usada contra qualquer pessoa que defenda políticas que ameacem os interesses de propriedade ou apóiem uma acomodação com estados comunistas e radicalismos. Ela, por conseguinte, ajuda a fragmentar a esquerda e os movimentos trabalhistas, e serve como um mecanismo de controle político. Se o triunfo do comunismo é o pior resultado imaginável, o apoio ao fascismo, no exterior, se justifica como um mal menor. A oposição aos social-democratas, que são demasiadamente “suaves” com os comunistas e dão vantagens a eles (comunistas), é racionalizada em termos semelhantes. (...) Os liberais de Kennedy eram entusiastas do golpe militar e da deposição de um governo populista no Brasil, em 1964.

Os autores pedem especial atenção aos “especialistas” que surgem na mídia a cada nova temporada de fervor contra o comunismo. No caso do Brasil, a cada dois anos, somos alvo de campanhas políticas, mais ou menos articuladas, nas quais aparece de tudo, inclusive o “perigo vermelho”, seja ele comunista ou “petista”.

O mecanismo de controle anticomunista é poderoso. Observando o mundo com olhos maniqueístas, é necessário que se identifique a “face do mal”, o inimigo a ser combatido. Podemos falar em anticomunismo, islamismo, terrorismo, enfim o inimigo do momento. O “mocinho” americano contra o “bandido” vermelho.

Segundo Herman e Chomsky (1988, p.30, tradução nossa):

O mecanismo de controle anticomunista chega através do sistema para exercer uma profunda influência sobre os meios de comunicação. Em tempos normais, bem como em períodos de “ameaças vermelhas”, as questões tendem a serem enquadradas em termos de um mundo dicotômico de potências comunistas e anticomunistas, com ganhos e perdas atribuídas aos lados litigantes, e a torcida para o “nosso lado”, considerada uma forma inteiramente legítima de prática noticiosa. É a mídia de massa que identifica, cria, e empurra para a ribalta um Joe McCarthy, Arkady Shevchenko, e Claire Sterling e Robert Leiken, ou uma Annie Kriegel e Pierre Daix. A ideologia e religião do anticomunismo é um filtro potente.

O filtro do anticomunismo foi diversificado e ampliado de forma a retratar elementos ideológicos dominantes. Hoje em dia, ele foi trocado em casos como a cobertura dos conflitos no Oriente Médio, pelo anti-islamismo, ou por uma aversão da mídia a tudo que possa ameaçar a ideologia do livre-mercado ou um dos pilares do capitalismo, a propriedade privada.

Segundo Klaehn (2009, p.46, tradução nossa):

O quinto filtro do modelo (*propaganda model*) era originalmente o anticomunismo, mas, desde então, tem sido modificado e ampliado para se referir a elementos ideológicos dominantes. Analiticamente, o quinto filtro é extremamente útil e aplicável a uma gama de estudos de caso. Pode atuar de diferentes maneiras, em diferentes momentos, condicionado a contextos específicos de tempo/lugar, e é muito amplo (assim como muitos outros conceitos dentro das ciências sociais, tais como a hegemonia e/ou patriarcado, por exemplo). Que o quinto filtro seja tão generalizado, o torna relacionável a uma gama de fenômenos sociais, e cria um espaço para que o PM para ser utilizado numa variedade de pesquisas nas ciências sociais.

3.3 – Críticas ao “*Propaganda Model*”

Nelson Traquina (2005) localiza nos anos 70 o que ele chama de “novo filão de investigação conhecido como os estudos da parcialidade (*news bias studies*)”. Tais estudos partem do princípio de que as notícias devem refletir a realidade sem distorção. O principal problema está na existência ou não de distorções, aceitando-se o princípio de que é possível reproduzir a realidade. Muitos estudos foram realizados, com resultados distintos e em alguns casos opostos.

Segundo Traquina (2005, p.162):

Os estudos de Efron (1971), Kristol (1975) e, em particular, de Lichter, Rothman e Lichter (1986), com o seu título sugestivo *A elite midiática*, argumentam que os jornalistas constituem uma ‘nova classe’ com claras parcialidades políticas que ‘distorcem’ as notícias para a propagação de suas opiniões anti-capitalistas. No sentido político oposto, Chomsky e Herman (1979) argumentam que a cobertura noticiosa norte-americana da repressão ao chamado ‘Terceiro Mundo’ e o papel do governo norte-americano em tal repressão são distorcidos pela subordinação dos *media* aos interesses e perspectivas econômicas dos Estados Unidos da América. Para Herman e Chomsky, as notícias são ‘propaganda’ que sustenta o sistema capitalista.

Para a versão de direita, defendida por autores como Kristol, Efron, Rothman e Lichter, a origem (classe social) e os interesses de classe (burocratas e intelectuais) desempenhariam papel fundamental na ação dos profissionais do jornalismo, que passariam a defender posições anti-capitalistas, fundadas em valores pessoais “mais à esquerda”.

A versão de esquerda da teoria da ação política não atribui papel de destaque ao jornalista, que executaria seu trabalho “a serviço do capitalismo, quando não coniventes com as elites”. Para Traquina (2005, p.164) a versão de esquerda da teoria política está: “Inserida claramente numa tradição marxista ortodoxa onde o fator econômico é determinante, esta versão é macro-sociológica ou, melhor dito, macro-econômica”.

Traquina considera a Teoria do “*Propaganda Model*” de Chomsky e Herman (1989) como uma das mais completas. Em seu livro “*Manufacturing Consent*”, os autores defendem a idéia de que o conteúdo das notícias não é determinado ao nível interior, mas ao nível externo, ao nível macro-econômico. A estrutura

econômica das empresas jornalísticas acaba por se relacionar e influenciar o resultado do processo noticioso. Na análise de Traquina (2005, p.164) sobre a teoria de Chomsky e Herman existiria “um diretório dirigente da classe capitalista que dita aos diretores e jornalistas o que sai nos jornais”. (2005, p.164).

Os autores defendem que os *media* norte-americanos reforçam os pontos de vista e os interesses do *establishment* (o poder instituído) como consequência do poderio dos grandes meios de comunicação social e dos anunciantes e de suas relações com o poder político (governo norte-americano). Herman e Chomsky contestam o grau de diversidade das notícias em assuntos nos quais interesses de grandes corporações e interesses governamentais estão envolvidos. A tese dos autores tenta demonstrar como os *media* usam dois pesos e duas medidas quando o assunto tratado envolve questões de grande interesse da parte do governo e de grandes corporações.

Traquina (2005, p.165) afirma:

A tese desses autores é que acontecimentos similares tiveram uma cobertura diversa na imprensa norte-americana devido à natureza propagandística das notícias no seu papel ideológico em defesa dos interesses do capitalismo norte-americano. No seu modelo “propagandístico”, os autores consideram que o conteúdo noticioso é determinado por certas propriedades estruturais dos *media*, em particular por sua ligação com os negócios e com o governo. Assim, as notícias servem os interesses do poder estabelecido.

Cinco fatores fundamentam a teoria de Herman e Chomsky e seriam os responsáveis por tal postura submissa do jornalismo aos interesses do sistema capitalista:

- 1) A estrutura de propriedade dos *media*;
- 2) A sua natureza capitalista, a procura do lucro e a importância da publicidade;
- 3) A dependência de fontes governamentais e do mundo empresarial;
- 4) Ações punitivas dos detentores do poder;
- 5) A ideologia anticomunista dominante entre a comunidade jornalística.

Traquina, ao analisar a teoria do “Propaganda Model”, aponta problemas e questiona a abrangência da teoria desenvolvida por Herman e Chomsky.

Segundo Traquina (2005, p.167):

Elaborada antes da queda do muro de Berlim e baseada em estudos de caso limitados exclusivamente a questões de política internacional, levantam-se questões quanto a sua capacidade explicativa no que diz respeito a assuntos domésticos, onde a ‘elite econômica’ pode estar mais suscetível a divisões. Igualmente há questões metodológicas quanto à capacidade da metodologia utilizada – a análise de conteúdo – para explicar as intenções dos produtores ou avaliar os processos de produção. Mas o problema central com o modelo proposto por Herman e Chomsky é a sua visão altamente determinista do funcionamento do campo jornalístico em que os jornalistas ou colaboram na utilização instrumentalista dos *media* noticiosos ou são totalmente submissos aos desígnios dos interesses dos proprietários.

A versão de esquerda da *Teoria de Ação Política* não levaria em conta fatos como a falta de contato frequente entre proprietários e diretores em muitas empresas jornalísticas, o desconhecimento de uma parcela dos jornalistas a respeito de quem manda (conselho de administração da empresa) nas empresas nas quais trabalham e o grau de autonomia dos jornalistas que podem, às vezes, incomodar a elite e atrapalhar interesses do poder instituído e do poder econômico.

3.4 – Respostas de Herman e Chomsky

Herman e Chomsky responderam às críticas direcionadas ao “Propaganda Model” apresentado no livro “Manufacturing Consent – The Political Economy of the Mass Media” (1989) em entrevista concedida ao professor Dr. Andrew Mullen (2008), da Universidade de Northumbria, e acrescentaram novos argumentos, fazendo uma atualização de suas idéias e defendendo a validade de sua teoria.

Mullen questiona se, ao sustentar que o jornalismo se submete aos interesses do sistema, das elites política e econômica, o “Propaganda Model” daria conta de momentos de falta de consenso entre as elites.

Segundo Mullen (2008, p.12):

The first of the three hypotheses put forward in the Propaganda Model is that, where there is elite consensus, the media will serve elite interests uncompromisingly. Do you have any observations, or are there any general rules, concerning the existence (or not) of consensus among the elite (i.e. are particular issues prone to consensus/dissensus) or should media analysts approach the question on an issue-by-issue basis through empirical investigation?

Herman e Chomsky observaram a grande probabilidade de haver um consenso entre as elites quando se trata de algo relacionado a interesses de classe fundamentais e dão como exemplo casos relacionados à capacidade dos Estados Unidos de fazer valer seu poder através de ações externas em defesa dos interesses estadunidenses e a defesa do “livre mercado”.

Segundo Herman e Chomsky (2008, p.12):

A second observation is that the elite consensus is likely to be strong when fundamental class interests are at stake. This is the case with the just mentioned external projections of power of the imperial state, and the demands of the military-industrial complex with which it is closely associated, and which has grown ever stronger in the US since President Dwight Eisenhower’s January 1961 warning of its threat to US democracy. ‘Free trade’ (i.e. mainly investor rights) issues are also important to elite interests, and this is reflected in vigorous and close-to-unanimous mass media support of ‘free trade’ agreements and opposition to ‘protectionism’...

Herman e Chomsky aceitam a possibilidade de se observarem exceções, dependendo do lugar, do tempo e de assuntos específicos, pelas quais interesses locais podem resultar em apoio a interesses antagônicos aos da elite local. Quando se trabalha com temas que passem para a órbita macro-social ou macro-econômica, as elites tendem a demonstrar uniformidade em seus interesses.

Os autores, em resposta aos questionamentos, acrescentaram mais argumentos de forma a, segundo os próprios, clarificar aquilo que ainda gera discussão a respeito. Para eles, os dois primeiros “filtros”, propriedade e publicidade, fazem parte de uma análise institucional direta e franca da mídia. Seriam arranjos institucionais que predominam na mídia estadunidense e em outros países. A questão envolvendo os filtros das fontes e das represálias a conteúdos discordantes do consenso são dois processos bem estabelecidos, para os quais qualquer mídia a serviço das elites se adaptará, não importando aqui se estamos falando da mídia estadunidense, britânica ou de uma mídia submetida a governos autoritários.

O anticomunismo, quinto filtro identificado por Herman e Chomsky, foi um tema maior na produção das mídias ao longo do século vinte e perdeu parte de sua importância com a queda do bloco soviético. De revistas em quadrinhos até salas de aula das universidades o anticomunismo forneceu conteúdo, narrativas, heróis e vilões. A partir de 1989, com a queda do muro de Berlin, ele foi objeto de transformação e, em alguns casos os “vilões” foram substituídos pelos “terroristas”. O papel estrutural desempenhado pelo anticomunismo e por seus sucessores é o de fornecer um inimigo, uma “face do mal” a ser combatido. Sai a União Soviética, entra a Rússia, a China, Cuba, Coreia do Norte, Iraque, Irã e qualquer país que confronte os interesses econômicos e geopolíticos dos Estados Unidos e seus “aliados”.

Para os autores, a propriedade dos meios de comunicação está mais concentrada hoje do que em 1988, ano da primeira edição de “Manufacturing Consent”. Em grande parte, isso se deve ao afrouxamento, nos Estados Unidos, das políticas públicas relacionadas com a regulação das comunicações. Houve um enfraquecimento das leis “anti-trust”, das leis que regulam o controle acionário e a propriedade dos meios de comunicação. No Brasil a situação é ainda mais delicada, se levarmos em conta a queda da lei de imprensa e a ausência de um novo marco regulatório no setor.

A publicidade tornou-se ainda mais importante em razão do aumento da competitividade entre as mídias “tradicionais” e as novas mídias, como a internet. Para Herman e Chomsky, forças políticas de direita também pressionaram televisões e rádios públicas a uma maior dependência da publicidade. Se observarmos o que acontece no Brasil, encontraremos exemplos como o da Televisão Cultura. As mudanças na televisão Cultura, mantida pela Fundação Padre Anchieta com verbas provenientes do governo do estado de São Paulo, são um bom exemplo disso. Cortes nas verbas, a diminuição dos quadros de jornalistas e a “abertura” de espaço na televisão pública para a iniciativa privada, no caso do programa produzido pelo grupo empresarial que edita a Folha de S.Paulo, demonstram uma tendência e abrem caminho para uma eventual privatização das mídias sob controle da Fundação Padre Anchieta.

As fontes “oficiais” públicas e privadas ganham mais importância, assim como a política de pressão e represálias a notícias que não estejam de acordo com a “versão oficial”. Vale ressaltar, no caso da Televisão Cultura, a sintonia entre os interesses dos governantes do estado de São Paulo com os agentes econômicos da iniciativa privada, que defendem que as empresas privadas são mais competentes do que empresas estatais na gestão dos negócios.

O anticomunismo perdeu espaço como ideologia a ser combatida, mas ainda resiste e é usado em situações que possam significar questionamentos sobre a eficiência de seu oposto, de sua antítese: o livre-mercado. A ideologia do livre-mercado tem ferrenhos defensores nas grandes empresas de comunicação, apesar de crises econômicas como a recente crise provocada pelo setor bancário nos Estados Unidos em 2008. Os procedimentos adotados pelo governo do democrata Barack Obama repetiram uma fórmula já vista anteriormente: a da socialização dos prejuízos e a privatização dos lucros.

Herman e Chomsky acreditam que sua teoria sofreria pequenos ajustes, mas reafirmam a validade do Propaganda Model nos dias de hoje. Utilizando-se da ideologia do livre-mercado e a idéia de “guerra ao terror” para fornecer o necessário “inimigo”, a “face do mal”, relegando o anticomunismo a posição de reserva e o papel de “lembrança” de um mal do passado que ainda persiste em alguns países, a ameaçar o “mundo livre”. Os autores ainda dariam maior ênfase ao processo de

globalização, maior atenção para a dependência das fontes governamentais, ao fortalecimento de instituições midiáticas de direita, “talk shows”, “blogs” e ao crescimento, ainda que pequeno, das mídias alternativas.

Mullen lembra aos autores um questionamento importante a respeito da metodologia utilizada por eles: a análise de conteúdos, o uso de fontes oficiais e a comparação entre situações similares e o tratamento dispensado pela mídia em função de um alinhamento ou uma oposição aos interesses das elites políticas e econômicas. Mullen sugere mais uma possibilidade de utilização da análise do discurso.

Herman e Chomsky afirmam que utilizam fontes diversas e reconhecem a opção pela análise da mídia impressa em virtude do fácil acesso e de uma cobertura mais aprofundada dos fatos. No tocante à utilização de “pareamentos” de casos semelhantes, os autores afirmam que a observação da parcialidade na cobertura fica mais evidente. É nesse momento que as diferenças no tratamento ficam mais claras, com um tratamento diferenciado para defeitos e virtudes dependendo dos interesses políticos e econômicos. Os autores afirmam que seu método é uma forma de análise do discurso. Não é a única, pois outras formas de análise podem complementar e até mesmo alcançar melhores resultados. Eles acreditam que a perspectiva mais abrangente (macro) de sua teoria continua a ser útil.

Mullen (2008, p.16,17) enumera aquelas que seriam as críticas mais relevantes a respeito da teoria defendida pelos autores de *“Manufacturing Consent”* (1988). São as seguintes:

- 1) O *“Propaganda Model”* apresenta uma “teoria da conspiração” da mídia;
- 2) Ele (modelo) é determinista, funcionalista e simplista;
- 3) Ele ignora o profissionalismo do jornalista e o fato de que ele pode ser agente de mudança dentro do sistema;
- 4) Ele é muito ambicioso e “projeta” uma visão “total e finalizadora”;
- 5) Na era pós Guerra Fria, anticomunismo é desnecessário;
- 6) Ao espalhar noções como “lavagem cerebral em liberdade”, “propaganda” e “controle de pensamento”, o *“Propaganda Model”* está sim preocupado com os efeitos da mídia e não apenas com o comportamento da mídia;

- 7) O “*Propaganda Model*” não é relevante em países que têm diferentes sistemas políticos e de mídia em relação aos Estados Unidos. O “*Propaganda Model*”, devido à natureza globalizada de funcionamento das mídias, seria aplicável na maioria dos países?

Em resposta a tais questões Herman e Chomsky (2008, p.17,18, tradução nossa) afirmaram:

- 1) O “*Propaganda Model*” está fundamentado em um processo orientado pelo mercado. Aquilo que poderia parecer como conspiração é facilmente explicado por processos naturais de mercado. O mercado pode fazer o trabalho muito bem. Ele é o principal mecanismo que faz o modelo funcionar.
- 2) Todo modelo é determinista; a questão é se ele é útil para o entendimento e previsão. Sobre a questão do funcionalismo, por definição um modelo de propaganda dispõe um quadro que aponta para uma função da propaganda. Não consideramos isso uma crítica séria, a não ser que seja mostrado que o modelo falha em esclarecer ou prever o serviço de propaganda para o qual o modelo está sendo usado para descrever.
- 3) Se os padrões profissionais fossem suficientemente fortes e relevantes o “*Propaganda Model*” já teria se mostrado falso e então a mídia não seguiria a “versão oficial” em casos como o referente à afirmação do governo Bush sobre a ameaça representada pelas armas de destruição em massa do Iraque e em vários outros casos de propaganda de posições favoráveis aos interesses do governo. As críticas não levam em conta questões sobre poder, ideologia e os problemáticos padrões de objetividade jornalística, que há muito tempo levaram os jornalistas na direção de uma excessiva, se não exclusiva, dependência (confiança) de fontes do “*establishment*”.
- 4) O modelo não pretende dar conta de tudo e cobrir todas as facetas da produção jornalística e da disseminação de opinião. Ele mostra a principal força que atua em muitos casos importantes, especialmente nos quais os interesses das elites são claros e fortes, sua opinião está unificada e os interesses opostos não estão claros e organizados.
- 5) Desnecessário porque seu equivalente, a ideologia do livre-mercado, e o antiterrorismo e a “guerra ao terror”, tomaram uma posição central. Entretanto, o anticomunismo ainda é uma força que pode ser mobilizada para

mostrar os problemas de um governo excessivamente intervencionista e questionador dos princípios do livre-mercado.

- 6) Estamos certamente interessados nos efeitos da propaganda e acreditamos que ela é uma força potente. Entretanto, nosso modelo está focado no trabalho da mídia e no seu desempenho, não no impacto dos esforços de propaganda da mídia. Apontamos repetidas vezes que a propaganda é mais importante para as elites em países relativamente democráticos, como os Estados Unidos, do que em países totalitários, dada a repressão pelo uso da violência em tais países. Queremos dizer que o serviço de propaganda é importante, mas sua eficácia é variável e incerta, e nós não tentamos mensurá-la.
- 7) A globalização e a integração entre países, a difusão e a crescente importância da mídia comercial e da publicidade, como fonte de financiamento, fizeram do *“Propaganda Model”* um modelo aplicável de forma ainda mais abrangente, mas ele tem que ser avaliado caso a caso, devido às várias formas e graus de penetração, e diferentes condições culturais e níveis de intervenção governamental. Em alguns casos, como na Rússia, nós podemos ter uma lenta fusão entre uma forma mais antiga de propaganda de estado com uma forma emergente de sistema de propaganda baseada no mercado.

O livro *“Manufacturing Consent”* foi publicado pela primeira vez no ano de 1988. Desde então, uma nova mídia, a internet, cresceu de maneira vertiginosa e já disputa com as mídias tradicionais a preferência do público consumidor e dos anunciantes. Qual seria o desafio posto às mídias tradicionais pela internet? Qual o significado da internet para o modelo proposto por Herman e Chomsky? O modelo proposto por eles perderia a sua aplicabilidade?

Para os autores é possível que isso ocorra, mas ainda não ocorreu e existem vários fatores “protegendo” a hegemonia da mídia tradicional.

Segundo Herman e Chomsky (2008, p.20, tradução nossa):

- a) A própria mídia tradicional ocupou a internet e é a principal fornecedora de conteúdo e de notícias;
- b) Eles possuem os recursos e uma audiência pré-existente que dá a eles uma enorme vantagem sobre potenciais rivais na mídia alternativa;
- c) Os operadores alternativos na internet buscam por dinheiro da publicidade para financiar suas operações, comprometendo sua característica de mídia “alternativa”, e os maiores, como o *Google* e o *Yahoo*, são fortemente dependentes do dinheiro da publicidade;
- d) Muito da nova mídia na internet está orientado no sentido de facilitar as conexões sociais (as mídias sociais), com a política, na melhor das hipóteses, relegada a um segundo plano, e o melhor da nova mídia alternativa tem recursos e alcance limitados e se especializou em análises críticas e não na produção de notícias. O que faria o “*Propaganda Model*” uma teoria marginal em sua aplicabilidade não seria o crescimento da utilização de “*blogs*”, “*podcasts*” e outros potenciais veículos de mídia, mas sim a diminuição das diferenças entre classes, uma difusão e um aprofundamento da igualdade nas sociedades. Enquanto ordens sociais e econômicas altamente injustas e desiguais persistirem, as elites dominantes terão que justificar a si próprias e por consequência continuarão a necessitar de propaganda de apoio. As estruturas de mídia que ajudarão a tais elites manterão a relevância do “*Propaganda Model*” e de seus filtros.

Mullen (2008, p.20) questiona o impacto do funcionamento do “*Propaganda Model*” nas audiências e se haveria algum tipo de modelo dos efeitos da mídia que pudesse complementar o modelo proposto por eles. Herman e Chomsky (2008, p.20,21, tradução nossa) deram a seguinte resposta:

“Acreditamos que o ‘propaganda model’ é frequentemente eficaz, mas nem sempre e em graus variáveis que dependem de muitas circunstâncias, tais como o interesse e o conhecimento do público alvo, as formas de apelo que foram utilizadas pelos propagandistas (medo, patriotismo, interesses econômicos próprios, etc.), a intensidade da campanha de propaganda, o nível de cooperação da mídia e talvez outros fatores. A propaganda pode ser útil para aqueles que a empregam, mesmo se

uma substancial minoria for persuadida ou confundida para uma passividade – essa minoria persuadida ou passiva pode ser o suficiente para permitir que o propagandista ignore a opinião da maioria. É verdade que as audiências podem escolher entre as ofertas das mídias, mas apenas nos limites do que será oferecido pela mídia, e as audiências podem ser forçadas a lidar com mensagens que elas não querem ou mesmo rejeitam. As audiências não são soberanas, mesmo que tenham uma (restrita) liberdade de escolha. Deveríamos ter em mente também que os propagandistas têm o poder de elevar a frequência e a intensidade e ajustar as características de sua mensagem em função de uma resistência da audiência”.

Para finalizar, o professor Mullen (2008, p. 21) questiona: “qual esperança vocês têm em relação a uma resistência futura à dominação das mídias de massa pelas grandes corporações? Vocês podem pensar algum exemplo prático de resistência? Como podemos sair de um modelo de mídias controladas por grandes corporações e chegarmos a uma mídia verdadeiramente plural e democrática?”

Herman e Chomsky (2008, p.21,22, tradução nossa) dão as seguintes respostas:

“É difícil ser otimista nos dias de hoje, quando a tendência tem sido em direção ao fortalecimento do poder do *“Propaganda Model”*, que, juntamente com uma desigualdade crescente, trabalha no sentido de uma política plutocrática que tem uma relação simbiótica e de mútuo apoio com mídias comerciais concentradas em mãos de poucos. Isso tem, entretanto, estimulado um movimento de resistência que luta para limitar ações da Comissão Federal de Comunicação e do Congresso (EUA) que aumentem a concentração das mídias e que tem também criado bolsões de mídias locais e alternativas. Temos rádios comunitárias, canais de televisão públicos e operações na internet que transmitem visões alternativas e informações que merecem atenção. Não podemos avançar rumo a uma cena onde possamos ter uma mídia verdadeiramente democrática e plural sem uma mudança radical na economia política, o que significa, algum tipo de revolução econômica e política. Como foi notado, a mídia e o sistema político existentes se apoiam mutuamente, de maneira que mudanças não estão nem na agenda da mídia, nem na agenda política. Devemos continuar a luta, mas reduzir a relevância do *“Propaganda Model”* tem se provado uma tarefa bastante difícil”.

4. ANÁLISE DA COBERTURA DE VEJA

4.1. Veja e o “*Propaganda Model*”

Após conhecermos o modelo de análise da mídia proposto por Edward S. Herman e Noam Chomsky, suas propostas, críticas e respostas às críticas, tentaremos utilizá-lo para compreender a cobertura feita pela revista Veja dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008 e seu resultado final impresso nas páginas das edições que cobriram o antes (julho de 2008), o durante (agosto de 2008) e o depois (setembro de 2008) das competições.

Os Jogos Olímpicos de Beijing 2008 representaram uma oportunidade de acompanhar a cobertura da maior revista semanal do país e observar quais aspectos seriam objeto da atenção e de eventuais elogios e críticas dos jornalistas encarregados pela cobertura do evento. Para termos mais elementos que nos proporcionassem a possibilidade de comparar o tratamento dado a eventos com características e peculiaridades semelhantes, também acompanhamos a cobertura feita por Veja sobre os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984. As duas competições foram boicotadas. Buscamos observar o tratamento dispensado pelos jornalistas aos destaques dos jogos e ao fato (boicote) em si. Isso poderia contribuir para uma melhor compreensão da cobertura dos Jogos de Beijing 2008.

Cada país sede tem suas particularidades e a China tinha (e ainda tem) muitas particularidades e números extraordinários que poderiam ser objeto de reportagens. Interessava-nos particularmente o tratamento dispensado às estrelas do evento: os atletas. Quem seria o destaque dos jogos? Que país terminaria a competição com o maior número de medalhas de ouro? O Brasil teria campeões olímpicos?

Como estudaríamos a cobertura da maior competição esportiva do planeta, entendemos ser importante reservar espaço neste trabalho para entendermos melhor o que é esporte, a sua história e traçarmos uma linha cronológica dos Jogos Olímpicos da era moderna com seus destaques.

Como em muitas ocasiões os campeões olímpicos são tratados como heróis, buscamos entender melhor o significado da palavra herói, no sentido mitológico.

Para tal tomamos como referência o estudioso dos mitos Joseph Campbell, autor de obras como *O Poder do Mito* e *O Herói de Mil faces*.

Os Jogos Olímpicos são o maior encontro esportivo do planeta, onde os melhores atletas se encontram para medirem forças. Os vencedores, muitas vezes, não são vistos apenas como campeões. Para seus povos eles são heróis. Em alguns casos, Super-Heróis. Procuramos saber da história dos super-heróis que se assemelha à história dos heróis mitológicos clássicos. Tomamos como referência o trabalho do Professor Dr. Nildo Viana.

Finalmente, trabalhamos com uma teoria que pudesse explicar o resultado da cobertura do evento impresso nas revistas. Partimos da premissa de que, em se tratando de um evento de dimensões globais, existem variáveis políticas envolvidas. Há um fundamento político que permeia a realização do evento e a cobertura pelas diferentes mídias não escapa dessa lógica. Não há cobertura jornalística “imparcial”. Tomamos como base teórica a Teoria da Ação Política, na perspectiva do “*Propaganda Model*” de Edward S. Herman e Noam Chomsky.

Segundo Traquina (2005, p.164,165):

No seu estudo sobre os *media* norte-americanos, Herman e Chomsky defendem a posição de que os *media* reforçam os pontos de vista do establishment (o poder instituído) devido ao poder dos donos dos grandes meios de comunicação social e de seus anunciantes. Os autores sublinham os seguintes pontos: a) o papel determinante dos proprietários dos *media* e a ligação estreita entre a classe capitalista, as elites dirigentes e os produtos midiáticos; b) a existência de um acordo entre personalidades da classe dominante e produtos midiáticos; c) a total concordância entre o produto jornalístico e os interesses dos proprietários e das elites.

É importante observarmos, uma vez mais, os cinco “filtros” que atuam na produção jornalística, segundo a teoria do “*Propaganda Model*”. Segundo Traquina (2005, p.165, 166) os cinco filtros são:

- 1) Estrutura de propriedade dos *media* (*size, ownership, profit*);
- 2) A sua natureza capitalista, isto é, a procura do lucro e a importância da publicidade (*advertising*);
- 3) A dependência do jornalista nas fontes governamentais e das fontes do mundo empresarial (*sourcing mass media news*);
- 4) As ações punitivas dos poderosos (*flak and the enforcers*);
- 5) A ideologia anticomunista dominante entre a comunidade jornalística norte-americana (*anticommunism as a control mechanism*).

Entendemos que os filtros descritos pelos professores Edward S. Herman e Noam Chomsky em sua teoria do *“Propaganda Model”* funcionaram e as coberturas realizadas por *Veja* demonstraram que a revista está de acordo com os valores e interesses das elites que seguem idéias da cartilha neoliberal. Destaque à diferenciação no tratamento dispensado aos campeões olímpicos que representavam os Estados Unidos (e aliados) e aqueles identificados como adversários à ideologia dominante, no caso da China / Rússia (ex-URSS). Uma postura que adota dois pesos, duas medidas. Alguns heróis são mais heróis do que os outros, alguns são até super-heróis, enquanto outros campeões que preenchem as condições propostas por Joseph Campbell em seus livros não são contemplados com tal qualificação. Em alguns casos são deixados de lado, pois são adversários (inimigos) do poder hegemônico.

Tanto a Editora Abril quanto a revista *Veja* se enquadram no modelo proposto por Herman e Chomsky. O Grupo Abril é um dos grandes grupos de mídia do Brasil, com grandes interesses econômicos e relações com outras grandes corporações. Suas publicações dependem em grande parte da publicidade para continuarem no mercado. Filtros um e dois do *“Propaganda Model”*.

As fontes de *Veja* seguem (como a grande maioria das revistas) a norma proposta pelos autores em relação ao uso de fontes oficiais governamentais e privadas. Filtro três do *“Propaganda Model”*.

Em relação ao que Norman e Chomsky chamam de *“flak”* (ação dos poderosos no controle do que é publicado), pode-se confirmar tal ação em possíveis retaliações (como retirada de publicidade por parte de anunciantes) em caso de matérias que incomodem ao governo ou à iniciativa privada. Filtro quatro do *“Propaganda Model”*.

E, finalmente, o filtro mais evidente da teoria dos autores (o filtro cinco, o anticomunismo) ainda está operando regularmente. Aos campeões dos Estados Unidos (e seus aliados) todo o reconhecimento e o *status* de herói, de super-herói. Aos adversários, a *“face do mal”*, a desvalorização frente aos feitos dos heróis.

Não se pretende desmerecer ou negar o valor dos feitos extraordinários de grandes campeões como Michael Phelps, Carl Lewis, Usain Bolt, Nadia Comaneci e outros que foram objetos de matérias ao longo das coberturas de *Veja*. Todos são merecidamente cultuados como grandes campeões, várias vezes vencedores nos Jogos Olímpicos. O que se pretende é mostrar o duplo padrão de comportamento de

Veja ao cobrir os feitos de campeões de outros países. Feitos extraordinários podem ser subestimados se o atleta não competir no lado do “bem” contra o “mal”. Para tal a teoria do “*Propaganda Model*” fornece fundamentação para a análise da cobertura.

Seria interessante, em futuros estudos, observar como se comportará Veja na cobertura dos Jogos Olímpicos de Londres, que serão celebrados a partir de 27 de julho de 2012, e comparar o tratamento dispensado aos grandes atletas que estarão competindo em na Inglaterra por um lugar na história dos Jogos Olímpicos. Surgirão novos heróis? Qual será o tratamento dispensado a Michael Phelps se ele ultrapassar Irina Latynina (ginasta russa) como o maior colecionador de medalhas olímpicas da história dos jogos? Ele que já é tratado por “Super-Homem” receberá qual superlativo? Usain Bolt correrá mais rápido ainda rumo ao “Olimpo” e será comparado a um Deus? Como seria tratado um eventual “fenômeno” chinês?

4.2 Os heróis de Veja

Foram analisadas as revistas Veja que trataram dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008 publicadas nos meses de julho de 2008 (preparativos para os jogos), agosto de 2008 (a realização dos jogos) e setembro de 2008 (repercussão dos jogos), compreendendo um total de 13 edições, das quais em cinco oportunidades os Jogos de Beijing estão presentes nas capas.

De um total de 134 páginas, 24 foram destinadas à propaganda (de patrocinadores do evento, da cobertura, de atletas e técnicos), 24 para matérias envolvendo a participação brasileira nos jogos (destaque para os campeões olímpicos César Cielo com 3 páginas e Maurren Maggi com 5 páginas).

Os grandes destaques da cobertura dos Jogos ficaram para o estadunidense Michael Phelps e o jamaicano Usain Bolt. Phelps apareceu nas páginas de Veja, durante a cobertura dos Jogos de Beijing 2008 em 9 textos e Bolt em 4 textos.

O país anfitrião teve atletas nas páginas de Veja em 8 oportunidades, distribuídas entre o jogador de basquete Yao Min, o corredor de 110 metros com barreiras Liu Xiang e as ginastas He Kexin e Jiang Yuyuan. Outras 56 páginas trataram de mostrar, na perspectiva de Veja, os preparativos, as competições, aspectos sociais políticos e econômicos do país.

4.2.1 Michael Phelps

A cobertura de Veja dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008 destaca em suas matérias o nadador estadunidense Michael Phelps. O relato de suas façanhas e de sua história é um exemplo do que poderíamos classificar como a história de um herói mitológico, nos moldes descritos pelo especialista Joseph Campbell. A matéria de Veja traça a “jornada do herói” e seus incomparáveis feitos e acrescenta a idéia de super-poderes, do super-homem americano.

O que é diferente no caso de Phelps é sua superioridade em relação aos concorrentes pelo posto de “estrela” dos Jogos. Não bastasse o seu total domínio dentro das águas, ele foi descrito como o Super-Phelps, o Super-Homem dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008. O termo não é usado de maneira imprópria, mas reforça a idéia de que, para Veja, Phelps é mais poderoso que seus adversários, estejam eles dentro ou fora das piscinas do Cubo Mágico. O Super-Homem estadunidense derrotou também os anfitriões, na busca pelos holofotes, das manchetes. Como o super-homem original, ele passa a imagem do americano que vence os adversários comunistas, do mocinho que vence o bandido, da vitória da “América” sobre o gigante comunista chinês. O uso da figura do super-homem associado ao nadador nos remete ao contexto em que o personagem de HQ foi criado, nos remete aos “tempos dourados” dos quadrinhos, que coincidem com o período da segunda grande guerra mundial e o pós-guerra, quando acompanhamos a luta, dentro e fora dos campos de batalha, contra os nazistas e depois contra os comunistas da extinta União Soviética. O super-homem das piscinas nos leva de volta a um tempo de polarização ideológica, de uma visão maniqueísta que escolhe os adversários dos Estados Unidos, de seu liberalismo, do capitalismo, como os vilões da história. Vinte e dois anos após a queda do Muro de Berlim, o comunismo ainda ronda as páginas da revista Veja. Mesmo que se trate de um “Comunismo” com economia de mercado.

Um herói olímpico, mesmo que recordista mundial e colecionador de medalhas, parece não ser suficiente, pois se levarmos em conta a definição do que seria um herói, na perspectiva de Joseph Campbell, muitos outros atletas teriam uma trajetória de herói.

Chamar Phelps de “Namor - O Príncipe Submarino”, a princípio seria mais adequado, se pensarmos que as conquistas atléticas de Phelps aconteceram nas águas do Cubo Mágico de Beijing, mas os poderes extraordinários do personagem aquático (contemporâneo do Super-Homem) não bastariam para destacá-lo dos outros candidatos a estrela dos Jogos Olímpicos de Beijing. Namor dispõe de grande força, é um ser capaz de transitar entre dois mundos, o aquático e o terrestre, e não se submete a ninguém, mas habita o planeta terra e não é identificado automaticamente com um país, no caso os Estados Unidos, com um estilo de vida (“american way of life”), ou com uma ideologia. O Super-Homem é, ao mesmo tempo, um extraterrestre com poderes inimagináveis para os humanos (quase divino) e tão americano quanto a Coca-Cola ou o McDonald’s. A escolha da figura, ou do título de Super-Homem para Phelps destaca os feitos do nadador em relação aos seus concorrentes.

É inquestionável que Michael Phelps foi, e ainda é, o maior nadador a competir na história dos Jogos Olímpicos. Seus feitos bastam para certificarmos tal afirmação, mas o título de super-homem o coloca uma categoria acima dos outros heróis e bem mais acima dos atletas de alto nível que competiram nos jogos.

Phelps, sozinho, “derrotou” os chineses nas páginas de Veja. O “bem” derrotou o “mal”. Vale notar que heróis olímpicos chineses não aparecem nas páginas de Veja. Vejamos como foi a cobertura de Veja sobre os feitos de Michael Phelps e de seus adversários fora das piscinas, os chineses.

Nas nove páginas destinadas ao nadador estadunidense podemos encontrar informações a respeito de sua história, de seus talentos extraordinários, de seus recordes e de sua condição de estrela maior dos jogos.

Phelps aparece pela primeira vez nas páginas 122 e 123 de Veja na edição de 13 de agosto de 2008. Com o título “NASCIDO PARA NADAR”, a jornalista Thaís Oyama fala dos atributos do nadador e o compara a outras criaturas nascidas para nadar como tubarões e arraias, um verdadeiro predador. Fala das medalhas já conquistadas e compara suas conquistas a conquistas de países. Ele é mais do que um nadador, vale por um país inteiro. Logo em seguida a jornalista descreve a “jornada do herói” e suas características físicas e mentais únicas.

A próxima aparição ocorre na página 9 de 20 de agosto de 2008, onde Kátia Perin fala dos recordes da natação e do “inquestionável talento do americano Michael Phelps”. Nas páginas 88, 89 e 90 está a matéria de Thais Oyama que decreta os super-poderes de Phelps e o compara ao personagem das histórias em quadrinhos, o Super-Homem. Ao lado de uma grande fotografia do nadador aparece o título “Phelps, o super-homem”. Segundo Oyama:

“Os chineses podem dominar o quadro geral nesta Olimpíada, mas a estrela da festa é, definitivamente, um americano. Michael Phelps, o maior fenômeno da natação de todos os tempos, o atleta que mais ganhou ouros em Olimpíadas, o homem que esgotou o repertório de superlativos do esporte – conquistou tantas medalhas em Pequim, que mal teve tempo de guardá-las”.

A jornalista ainda destaca as habilidades de Phelps e sua versatilidade para atuar em diferentes provas. Oyama assim descreve as habilidades do super-homem Phelps:

“Phelps é extraordinário em modalidades que exigem aptidões e treinamentos totalmente distintos: nas provas curtas, que requerem velocidade; nas longas que demandam resistência; e nos quatro estilos de nado (livre, borboleta, costas, peito). Essa versatilidade é o seu principal diferencial e vantagem”.

Em outra parte da matéria, Oyama compara Phelps a Carl Lewis, outro atleta estadunidense campeão olímpico e destaque dos Jogos de Los Angeles em 1984, destacando que o corredor não disputava “provas de fundo. Phelps, ao contrário, se sai bem em várias distâncias da natação”.

Para encerrar a matéria e exaltar a excepcionalidade de Phelps, a jornalista fala da dieta do nadador e a compara à dieta de pessoas normais. Qualquer ser humano normal viraria uma bola, mas “Phelps é Phelps. E como o mundo pode ver, ele está longe de ser uma pessoa comum. É o super-homem americano”.

Na página 96 da mesma edição temos mais uma foto de Phelps, dessa vez ao lado do então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush.

Na edição de 27 de agosto de 2008, Phelps aparece acompanhado por Usain Bolt e pelo corredor chinês Liu Xiang no quadro de Veja.com “Eles conquistaram

Pequim”. Phelps e Bolt são tratados por “dois fenômenos do esporte” e Xiang como um exemplo de “frustração”.

O último espaço ocupado por Phelps nas páginas de Veja foi na edição de 27 de agosto de 2008, na página 126, onde o multicampeão aparece “na balada”.

4.2.2 Usain Bolt

O maior “rival” de Phelps pelo título de estrela dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008 foi o velocista jamaicano Usain Bolt. A cobertura de Veja o comparou a outros astros das pistas do passado como o estadunidense Jesse Owens e o tratou como “um gigante das pistas”.

Veja reservou para o jamaicano 4 páginas de sua cobertura, tendo início na edição de 09 de julho de 2008, na página 128, na qual Usain Bolt aparece ao quebrar o recorde mundial dos 100 metros rasos com o tempo de 9 segundos e 72 centésimos.

Na edição de 27 de agosto de 2008, Bolt divide espaço com Michael Phelps no espaço reservado para Veja.com. O título diz: “Eles conquistaram Pequim”. O texto compara o feito de Bolt ao de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de 1936 na Alemanha.

A matéria especial sobre Usain Bolt aparece nas páginas 120 e 121 da mesma edição, com o título “Passadas de gigante”, foi de autoria de Thaís Oyama. Assim começa o texto: “Bolt, em inglês quer dizer relâmpago. O jamaicano Usain Bolt é um relâmpago. Desde Carl Lewis não se via fenômeno igual no atletismo. Com suas incríveis passadas de 2,44 metros e uma extraordinária capacidade de manter a aceleração quando os concorrentes já estão com a língua de fora, Bolt conseguiu o feito inédito de quebrar o recorde mundial dos 100 e dos 200 metros numa mesma Olimpíada – e encerrou a semana com três medalhas de ouro no pescoço, a última conquistada na sexta feira, no revezamento 4x100.” Em seguida a jornalista segue o mesmo roteiro utilizado antes com Michael Phelps, passando ao leitor um pouco da “jornada do herói” até chegar ao momento maior de sua carreira até então. A única, mas importante diferença em relação à cobertura dos feitos de Phelps, aparece na lembrança de “suspeitas” a respeito do desempenho do relâmpago jamaicano. Oyama relata: “Sua superioridade levantou suspeitas de que

sua energia talvez não viesse só dos nuggets que ele diz adorar. Bolt, porém nunca falhou em um teste de doping...” A matéria continua falando da estrutura e da tradição do atletismo na Jamaica para justificar o sucesso dos velocistas jamaicanos. Oyama termina o texto com mais uma “crítica” ao corredor jamaicano feita pelo presidente do Comitê Olímpico Internacional – COI, Jacques Rogge e arremata arrumando um lugar para Michael Phelps na matéria sobre Bolt. Diz Oyama; “É Phelps na água e o relâmpago na terra”.

4.2.3 Os nossos heróis

Os heróis brasileiros em Beijing 2008 foram César Cielo na natação e Maurren Maggi no atletismo, responsáveis pelas medalhas de ouro, em esportes individuais, do Brasil nesses jogos.

Cielo foi personagem de matérias da revista em três oportunidades. Na página 48 da edição de 20 de agosto de 2008 Cielo aparece na coluna Sobe Desce, com a observação do fim de um jejum de doze anos sem medalhas na natação brasileira. Nas páginas 92 e 93 temos “A glória de César Cielo” descrita por Kalleo Coura, passando pelo conhecido roteiro dos campeões, com relatos sobre sua história pessoal e esportiva. A grande estrela dos jogos aparece, Phelps, aparece no meio da matéria para validar a qualidade de Cielo, que “superou o fenômeno Michael Phelps, no Grand Prix de Ohio, ao vencê-lo nos 100 metros livres. Tudo bem, esse não é o percurso nem o estilo em que Phelps se sai melhor”. O jornalista engrandece Cielo, “nosso maior nadador de todos os tempos”, sem arranhar a imagem de “super-homem” de Phelps.

Já nossa campeã Maurren Maggi tem uma história digna de uma heroína, nos moldes clássicos da palavra. Sua saga foi descrita em Veja ao longo 5 páginas, sendo o primeiro registro na edição de 16 de julho de 2008, na página 115, na coluna Veja.com, com o título de “Brasileiros em Pequim”, onde divide as honras com outro candidato a medalha, o iatista Robert Scheidt. Nas páginas 130 e 131 da mesma edição encontramos “A saga de Maurren”, que relata a volta da saltadora às competições após um caso de doping e fala de sua motivação para voltar a competir em alto nível.

Na edição de 27 de agosto de 2008 encontramos, nas páginas 122 e 123, “O salto por cima de Maurren”, escrito por Thaís Oyama, com a história da primeira medalha de ouro conquistada por uma brasileira em competições individuais nos Jogos Olímpicos. Mais uma história de superação.

4.2.4 Os donos da casa

As matérias sobre o país, os preparativos para os jogos, e atletas chineses ocuparam 56 páginas das revistas. A particularidade da cobertura de Veja está na pequena quantidade de matérias sobre os atletas chineses, assim como no conteúdo das matérias. Quando encontramos matérias elas relatam a frustração de um campeão do atletismo ou “truques” na ginástica artística feminina. Será que nenhum atleta chinês ganhou o ouro em Beijing 2008? Sabemos o resultado dos Jogos Olímpicos de 2008. A China teve o maior número de campeões olímpicos da competição. Apesar do discurso do Comitê Olímpico Internacional, que não aceita declarar um país vencedor dos jogos, já é prática estabelecida na imprensa (nas mídias em geral) fazer a contabilidade de medalhas ao longo dos jogos e apresentar quadros com uma “classificação” dos Jogos Olímpicos, levando em conta o número de medalhas de ouro, prata e bronze. Os países participantes sabem disso e almejam o primeiro lugar.

Vejamos quais foram os atletas chineses retratados pela revista e quais os conteúdos dessas matérias.

Liu Xiang é o primeiro atleta chinês a aparecer na cobertura de Veja sobre os Jogos de Beijing 2008. Na edição de 06 de agosto de 2008, nas páginas 142 e 143 ele aparece descrito como o “campeão olímpico em Atenas”, sem maiores detalhes.

Na edição de 13 de agosto de 2008, na página 124, a matéria de Mário Sabino “A China quer o primeiro lugar” cita os dois atletas chineses mais conhecidos dos ocidentais: Yao Min, jogador de basquete do time do Houston Rockets da NBA e o campeão olímpico dos 110 metros com barreira em Atenas, Liu Xiang. O jornalista comparou o treinamento dos atletas chineses a uma tortura chinesa. Para Mário Sabino, “em alguns casos, com o perdão do trocadilho, a tortura foi chinesa”. Depois da “tortura chinesa” ele fala de uma “preparação draconiana” da equipe anfitriã. Ao término da matéria o jornalista lança dúvidas sobre eventuais vitórias chinesas em

esportes em que a subjetividade possa definir o resultado a favor dos donos da casa, como a ginástica, saltos ornamentais e o nado sincronizado.

A edição de 20 de agosto de 2008, na página 94, traz as ginastas chinesas que ganharam a medalha de ouro na competição por equipes. He Kexin e Jiang Yuyuan aparecem na matéria como possíveis trapaceiras. Em “Mais um truque chinês?” Veja reporta as dúvidas sobre uma ilegalidade, supostamente cometida pelos chineses, alvo de queixas dos estadunidenses. Em “O amigo americano”, matéria de Mário Sabino, atletas chineses aparecem como coadjuvantes do time masculino de basquete dos Estados Unidos (página 98). Ao falar da parceria entre Estados Unidos e China, o jornalista classifica os parceiros chineses como “exímios na arte da falsificação” e os americanos (jogadores) como “fantásticos”.

Na página 102 da edição de 20 de agosto, Sabino analisa um jogo “adorado pelos chineses”, o badminton. Em “Petecadas em Pequim” o jornalista relata sua experiência com esportes que ele não acredita serem olímpicos, ou “muito menos esportes”. Hóquei sobre grama, pingue-pongue (tênis de mesa), saltos ornamentais (de trampolim) e principalmente o badminton são alvos da ironia do jornalista. Curioso observar que, com exceção do hóquei sobre a grama, todos os esportes são amplamente dominados pelos chineses ao longo de suas respectivas histórias dentro dos Jogos Olímpicos. O badminton, segundo Sabino, é: “Peteca, além de ser um negócio ridículo, é um troço chato. Não quica”. A crítica ao esporte continua.

Segundo Sabino (2008, p.102):

É óbvio que badminton queima uma bela quantidade de calorias. Mas squash também queima e não é esporte olímpico. E frescobol também queima e não é esporte olímpico. A questão é que os chineses não adoram squash, nem frescobol. Adoram badminton – e essa é a razão suficiente para ele estar na Olimpíada, numa prova de que a nova China não é sempre um negócio tão bom para todo mundo. Se esporte com peteca já é constrangedor, o que dizer de um que admite partidas mistas? O badminton admite.”

Entre essas e outras observações, o jornalista encerra seu relato com mais um toque irônico ao escrever que “Petequear agora é luta”.

Na edição de 27 de agosto de 2008, na página 8, o atleta chinês Liu Xiang aparece ao lado de Phelps e Bolt, mas apenas como um exemplo de “frustração”. A grande reportagem da edição começa na página 116, trata-se de “O triunfo da China”, assinada por Carlos Maranhão. A matéria relata os objetivos dos anfitriões dos jogos e como trabalharam para alcançar tais objetivos. Entre alguns elogios encontramos observações que tratam do sucesso de alguns países de forma diferenciada. As atletas da equipe de ginástica artística feminina da China, medalha de ouro na competição por equipes, aparecem sem a identificação de cada atleta e são apresentadas como “orgulho olímpico”. No texto, Maranhão inicia com um elogio ao afirmar que “o triunfo da China foi acachapante”. Fala da vantagem de se competir em casa e dá exemplos históricos. Logo em seguida começa a “relativizar” as conquistas. Segundo Maranhão (2008, p.116):

A contagem de medalhas também pode ser enganosa. Veja-se o caso da extinta União Soviética, cujas conquistas olímpicas, medidas pela quantidade, só perdem para as dos Estados Unidos. Ou o de Cuba, outrora no pelotão intermediário. A União Soviética foi, de fato, um gigante esportivo. Ocorre que seu tamanho não cresceu nos eventos nobres, o atletismo (teve um quinto das 309 medalhas de ouro dos Estados Unidos) e a natação (doze, contra 214 dos americanos e 56 dos australianos). Bem ao jeito de Stalin, a força bruta é que adensou as façanhas soviéticas. De seus 395 ouros, 25% foram extraídos de duas minas inesgotáveis: a luta e o levantamento de peso, modalidades que, juntas, proporcionam 33 medalhas. A luta, sozinha, dá mais medalhas (dezoito) do que todos os esportes coletivos (dezesesseis). A Cuba, hoje em decadência esportiva, deve metade de suas 66 vitórias olímpicas aos ringues de boxe.

É possível levantar algumas questões a respeito das afirmações do jornalista. A antiga União Soviética só participou dos Jogos Olímpicos a partir de 1952, em Helsinki, e competiu, antes da completa dissolução do país e da divisão de todas as ex-repúblicas soviéticas em novos países, até 1992 (como Equipe Unificada) em Barcelona. No total, conquistaram 438 medalhas de ouro, contra 409 medalhas de ouro dos Estados Unidos no mesmo período.

Seria importante entendermos o significado de “eventos nobres”. Quem definiu que atletismo e natação são “nobres” e outras modalidades não? Segundo o jornalista “a força bruta (ao jeito de Stalin) é que adensou as façanhas soviéticas”. Ele critica a quantidade de medalhas distribuídas por modalidades “força bruta” como a luta, o levantamento de pesos e o boxe.

A luta é um esporte tão antigo quanto o “nobre” atletismo e, segundo Sílvio Lancellotti, em “Olimpíadas 100 anos – História Completa dos Jogos” (1996), ela faz parte do programa olímpico desde 1896 em Atenas. O levantamento de peso também está presente nos Jogos Olímpicos desde Atenas em 1896. O pugilismo está na programação dos Jogos Olímpicos desde 1904, em Saint Louis. Todas as modalidades citadas guardam uma rica e diversificada história olímpica.

Fica a impressão de que o critério de “nobreza” varia em função do conhecimento (ou desconhecimento) do jornalista ou de outros interesses. Talvez a “nobreza” esteja mais relacionada a critérios comerciais e políticos do que esportivos. O jornalista encerra a matéria falando da importância do dinheiro nos processos de realização dos jogos e de construção de uma potência olímpica, com observações sobre a então candidatura do Brasil à sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Yelena Isinbaeva, que não é chinesa, mas é russa (ex-comunista), recordista mundial, campeã mundial e olímpica do salto com vara, foi objeto de mais uma irônica matéria de Veja. Na página 124 da edição de 27 de agosto de 2008 encontramos “Narcisista nas alturas”, que relata como a russa alcançou mais uma medalha de ouro e mais um recorde mundial na final da prova do salto com vara feminino, no estádio Ninho de Pássaro.

Em “O insustentável peso de ser Liu Xiang”, na página 125, temos o relato da desistência do campeão chinês e questionamentos sobre o seu futuro como “(ex) herói nacional”.

4.3 O campeão, o herói e o super-herói

Ao acompanharmos a cobertura dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008, feita por Veja, podemos encontrar imagens e textos relatando a trajetória de diferentes personagens dos jogos. Poderíamos classificá-los em quatro categorias: os atletas olímpicos, os campeões, os heróis e o super-herói.

Na primeira categoria se enquadram todos os participantes dos jogos (antes das competições). Atletas de alto rendimento, vencedores de seletivas nacionais e internacionais, que se qualificaram para participarem das competições olímpicas.

Uma vez iniciada a competição, podemos separar um grupo diferenciado, o grupo dos campeões olímpicos. Aqueles poucos que levarão para casa uma medalha dourada. Uma elite entre os competidores.

A categoria de herói olímpico passa pelo crivo das mídias internacional e nacional. Os escolhidos para as capas de jornais e revistas, aqueles que atendem aos critérios de noticiabilidade das empresas de comunicação internacionais e nacionais, serão alçados à condição de heróis olímpicos (segundo critérios jornalísticos).

A categoria de super-herói é muito mais exigente. No caso dos Jogos Olímpicos de Beijing 2008 apenas um campeão mereceu tal classificação. Michael Phelps já chegou como um superatleta, multicampeão olímpico, recordista mundial e candidato a fazer história nas piscinas do Cubo Mágico. Phelps “pautou” a cobertura da mídia antes, durante e depois dos jogos. Ele alcançou todos os seus objetivos e se transformou no maior nadador da história. Ele é um herói olímpico pelos critérios observados por aquele que é tido como o maior especialista em mitos e heróis, Joseph Campbell. Phelps atende aos critérios de noticiabilidade das mídias com sobras. Para Veja, a única maneira de expressar a excepcionalidade do nadador seria compará-lo a um personagem de histórias em quadrinhos, a um mito contemporâneo, ao super-homem, que é mais do que humano, é sobre-humano, é (literalmente) de outro planeta.

Em qual categoria poderíamos classificar nossos atletas? A cobertura de Veja, e de parte da imprensa, oscila entre o “complexo de vira-latas” de Nelson Rodrigues e o ufanismo datado das conquistas do “esporte bretão” em terras

distantes. A nossa delegação foi aos jogos e retornou com dois destaques individuais: César Cielo e Maurren Maggi. Certamente os dois são, para nós brasileiros, heróis olímpicos.

E os anfitriões? Como classificá-los? A maior delegação dos jogos Olímpicos de Beijing 2008, como de costume, tem números expressivos. A grande maioria desses atletas é de nível internacional. Desses atletas podemos classificar 51 na categoria de campeões olímpicos. Para a mídia chinesa eles são heróis olímpicos.

A cobertura de Veja retratou os atletas chineses como suspeitos de “truques” (ginastas), ex-campeões “frustrados” (Liu Xiang), atletas sem importância. Nenhum dos 51 campeões olímpicos chineses foi objeto de matéria que mostrasse sua trajetória para alcançar o lugar mais alto do pódio. A “trajetória do herói” só foi descrita para os nossos heróis e os destaques dos jogos: o “Relâmpago” Bolt e o “Super-Homem” Phelps. Mas estaríamos comparando algo que não pode ser comparado? Não haveria espaço na cobertura de Veja para nenhum dos 51 campeões olímpicos (heróis) chineses, uma vez que Phelps e Bolt (em menor escala) ultrapassaram todas as expectativas? Melhor seria observarmos duas situações semelhantes que tiveram um tratamento diferenciado nas coberturas de Veja. Os Jogos Olímpicos de Moscou em 1980 e os Jogos Olímpicos de Los Angeles de 1984 e seus respectivos boicotes.

4.4 Os boicotes de Moscou e Los Angeles

Vale lembrar as coberturas feitas por Veja dos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980, e de Los Angeles em 1984. Em ambos, as competições sofreram com boicotes, mas a impressão de quem acompanhou os eventos pelas páginas de Veja não foi essa. Vejamos o que de mais interessante foi escrito sobre os Jogos Olímpicos de 1980 e de 1984.

4.4.1 Jogos Olímpicos de Moscou 1980 em Veja

A cobertura de Veja dos Jogos Olímpicos de 1980 ocupou quadro edições, de 23 de julho a 13 de agosto de 1980, com chamadas de capa em três edições (23/07, 30/07 e 06/08). A cobertura dos Jogos de Moscou ocupou 31 páginas das revistas (mais duas de publicidade).

A capa da revista de 23 de julho de 1980 traz uma charge do então presidente da União das repúblicas Socialistas Soviéticas, Leonid Brejnev, na qual ele aparece como um halterofilista (fora de forma) suando para levantar uma barra carregada com anilhas representando os países que boicotaram os Jogos de Moscou. A primeira matéria, com o título “Abre-se o espetáculo”, começa com a seguinte frase: “Os russos montam uma majestosa Olimpíada e fazem tudo para apagar as marcas do boicote promovido pelos Estados Unidos – mas falta uma alma aos jogos”. A matéria de seis páginas de Dorrit Harazin desfila uma série de informações sobre os problemas de um país socialista, mas nos chamou a atenção o tratamento dispensado ao boicote aos Jogos de Moscou. Na página 49, da edição de 23 de julho de 1980, Harazin relata (2008, p.49):

É necessário, mesmo, que haja embates dramáticos como esse – devido ao boicote decretado por Carter e seguido por países como a Alemanha Ocidental e o Japão, não haverá o sensacional número de confrontações que inicialmente se esperava dos Jogos de Moscou. Na verdade, com a mera ausência dos americanos, toda uma porção do drama inseparável aos Jogos Olímpicos simplesmente desapareceu.

Na matéria seguinte, “A emoção que restou”, iniciada na página 52, observa logo de cara: “Há um enorme vazio na Olimpíada, mas alguns duelos vão garantir a festa”. Na página 53 encontramos comentários sobre encontros interessantes entre campeões como o encontro do nosso João Carlos de Oliveira com o soviético Victor

Saneev, apresentado como “herói de seu país, bicampeão olímpico do salto triplo” (na verdade ele já era tricampeão olímpico e ganharia mais uma medalha de prata em Moscou), ou o encontro entre a soviética Ludmyla Kondratyeva e a alemã oriental Marita Koch (com direito a um lamento pela ausência de Evelyn Ashford dos Estados Unidos). A matéria fala de alguns favoritos como Teófilo Stevensson e Alberto Juantorena, de Cuba, mas sempre lamenta a falta de adversários, particularmente dos estadunidenses.

Em 30 de julho a cobertura começa com “Avalancha soviética” e o nadador soviético Vladimir Salnikov é chamado de “estrela” e “garoto de ouro” pelo jornalista. Na página 71 temos uma observação interessante: “Na festa soviética a presença americana resumiu-se a uma bandeira isolada no estádio; bem preparados, mas com a vantagem do boicote, os soviéticos não tiveram os japoneses na ginástica, e Dityatin venceu, nem os americanos na natação, o que favoreceu Salnikov”. Sempre o boicote desvalorizando os resultados dos atletas russos. Em seguida, na página 75, após um breve elogio ao ginasta Dityatin, o jornalista faz uma observação interessante sobre o comportamento da imprensa russa: “Nas vezes em que as vitórias obtidas nas piscinas e ginásios de Moscou ficava aquém das expectativas olímpicas ou das marcas dos campeões imobilizados pelo boicote, a imprensa soviética vinha em socorro de seus atletas, indo pescar algum recorde nacional, ou mesmo local, que o esportista pudesse ter batido. Sem poupar adjetivos, nem espaço, a imprensa também se dedicou a um maciço trabalho de glorificação desses jogos, pelas entusiásticas entrevistas com estrangeiros (atletas e turistas) dispostos a elogiar algo”.

Dorrit Harazim encerra a matéria na página 77 com uma afirmação que nos relembra a importância do boicote estadunidense. Segundo Harazin (1980, p.77):

Mas por mais que o rolo compressor soviético seja de uma imponência inegável, ele não conseguirá saciar a nostalgia dos habituês de Olimpíadas, a ponto de tornar dispensáveis os 500 atletas americanos, 200 alemães ocidentais, 150 canadenses, e 200 japoneses que, não fosse o boicote, dariam um colorido verdadeiro aos jogos.

Vale a pena observar o procedimento de Veja na cobertura dos Jogos de Los Angeles – 1984 e como trata o boicote Soviético.

Na edição de 06 de agosto de 1980, em “O fim da festa russa”, Harazin encerra o relato com outra interessante observação. Segundo Harazin (1980):

É fato comum – e cobrado por todo mundo de quatro em quatro anos – que a Olimpíada produza uma estrela rara, magnética e única, capaz de ofuscar em brilho todas as medalhas e ultrapassar em perfeição todos os campeões. Ainda recentemente, em 1972, Munique revelou ao mundo a força do americano Mark Spitz. Em Montreal, quatro anos mais tarde, todos se deixaram enfeitiçar pela magia da ginasta Nadia Comaneci. Para essa seleta galeria de deuses do esporte, os XXII Jogos Olímpicos de Moscou não trouxeram nenhum rosto novo.

Em Moscou, segundo a cobertura de Veja, não surgiu nenhum novo “deus” (herói, super-herói) do esporte.

Na edição de 13 de agosto, uma matéria retoma a questão do boicote aos jogos da seguinte maneira: “Só em 1984. Não há como juntar os cacos do boicote”. A matéria tenta comparar resultados de encontros internacionais de atletismo e competições de natação realizadas nos Estados Unidos com os obtidos nos Jogos de Moscou. Com “vantagem” dos atletas de países que não estiveram em Moscou. O final da matéria afirma: “... Assim, a Olimpíada de Moscou ficará para sempre como uma competição mutilada. Pois a única forma de se avaliar resultados olímpicos é quando todos estão presentes. Como se espera que aconteça em Los Angeles, em 1984”.

4.4.2 Jogos Olímpicos de Los Angeles 1984 em Veja

Entre as edições que antecedem os jogos, apresentando candidatos a medalhas, apresentando o país anfitrião e discutindo possíveis estrelas, a revista Veja produziu material sobre os Jogos de Los Angeles para 95 páginas em 17 edições entre 04 de abril de 1984 e 29 de agosto de 1984. A primeira matéria a mencionar o boicote soviético aparece em 23 de maio, falando sobre o voleibol masculino.

Entre matérias especiais sobre a preparação dos atletas para os jogos e a apresentação de favoritos para a conquista de medalhas, como Carl Lewis e Joan Benoit dos Estados Unidos, chegamos a 01 de agosto, quando já estamos no clima

dos jogos. Em “Los Angeles entra na pista” encontramos os primeiros comentários a respeito dos candidatos a estrelas, heróis ou deuses em Los Angeles, como os seguintes: “Procura-se, entre tantos, Carl Lewis e Edwin Moses, os deuses negros do atletismo americano, ou a sua compatriota Mary Decker, a graciosa corredora que tem encantado as pistas do mundo todo”.

Na página 59 da edição de 01 de agosto encontramos a primeira matéria sobre o boicote com o título: “Pontos na arena paralela. No jogo político que se faz em Los Angeles, perdem os russos e ganham Nadia e os Chineses”. Entre muitas informações sobre candidatos a medalhas nos jogos, os jornalistas Augusto Nunes e Dorrit Harazin fecham a matéria com referências a “super-campeões”.

Segundo Harazin e Nunes (1984):

Ninguém poderia prever que Mark Spitz conquistaria sete medalhas em 1972, nem imaginar, antes dos jogos de Montreal, as dimensões do talento de Nadia Comaneci. Assim além de reencontrar-se com super-campeões já familiares como Moses ou Carl Lewis, o mundo pode estar prestes a ser apresentado a outro herói olímpico.

Na edição de 08 de agosto, a matéria “A guerra nas pistas” traz mais um comentário sobre o boicote, na verdade uma comparação: “ Se os jogos fossem feitos só de disputas nas piscinas, já se poderia dizer que estas, de Los Angeles, sem os nadadores dos países comunistas, ganharam das realizadas quatro anos antes em Moscou, sem os nadadores americanos”. A mesma matéria nos apresenta ao “monstro sagrado” Carl Lewis/Edwin Moses. Ao relatar as competições de natação em “Nas águas do ouro” Veja fala do “combate ideológico” e afirma (1984):

Armados de braços e pernas, os nadadores americanos se jogaram à luta com a sensação de que uma medalha de ouro não bastava – era preciso bater um recorde, de preferência mundial, para deixar claro que o boicote da URSS não diminuía em nada as vitórias obtidas nas piscinas de Los Angeles.

Na edição de 15 de agosto, na matéria “Brasil de ouro e de prata”, os jornalistas Augusto Nunes e Dorrit Harazin comentam o feito do grande Joaquim Cruz e aproveitam para acrescentar um elogio a Carl Lewis dizendo: “Se os Jogos de 1976, em Montreal, foram a Olimpíada de Nádía Comaneci, os Jogos de 1984 serão eternamente lembrados como a Olimpíada de Carl Lewis”.

Só nos resta observar com atenção que, para os jornalistas de *Veja*, não surgiu em Moscou nenhum novo “deus” dos esportes e que o boicote dos Estados Unidos e aliados prejudicaram os Jogos “sem alma” de Moscou. Já no caso dos Jogos de Los Angeles, muitas linhas foram utilizadas para “demonstrar” que surgiram novos “monstros sagrados” como Carl Lewis e o boicote da URSS e aliados, na prática, não prejudicou a qualidade das competições.

É importante observar alguns detalhes interessantes. De acordo com o *“Official Report”* dos Jogos de Los Angeles (1985, v2, p.235) foram registrados 13 novos recordes mundiais (12 quebrados e 1 igualado) durante as competições. De acordo com o *“Official Report”* dos Jogos Olímpicos de Moscou (1981, v3, p.07) foram quebrados 36 novos recordes mundiais. Na última edição dos Jogos Olímpicos em que todos os países competiram antes dos Jogos de Moscou e Los Angeles, em Montreal 1976, os países que boicotaram os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984, levaram para casa, segundo o *site* do Comitê Olímpico Internacional (<http://www.olympic.org/los-angeles-1984-summer-olympics>), em *“All Facts – The Soviet Boycott”*, o equivalente a 58 % das medalhas de ouro em disputa.

Teríamos um caso de “dois pesos, duas medidas” nas coberturas da revista *Veja* dos Jogos Olímpicos? Jogos nos Estados Unidos (e aliados) versus Jogos em países comunistas. O “bem” versus o “mal”. O “herói” versus o “não herói”? Estariam valores econômicos e políticos direcionando a cobertura? Existe um herói mais herói do que os outros? Todo super-herói precisa de um “super-vilão”.

Para além da jornada do herói temos uma série de fatores que influenciam a cobertura dos jogos. Não se trata apenas dos méritos dos heróis, ou super-heróis, mas também de questões econômicas e políticas. Tal quadro pode ser observado sob a luz da Teoria de Ação Política, em sua vertente de esquerda, onde os maiores expoentes são Edward S. Herman e Noam Chomsky com o sua teoria do “Propaganda Model”, desenvolvida no livro “Manufacturing Consent”. A propaganda dos jogos é, em grande parte, suportada pela figura do campeão, do herói. É por isso que ela está ligada ao mito do herói, à narrativa de seus feitos, de sua caminhada rumo ao ouro olímpico. Uma narrativa veiculada pelas mídias.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos, ao longo deste trabalho, comprovar uma hipótese: a cobertura de *Veja* dos Jogos Olímpicos de Moscou, Los Angeles e de Beijing dispensou tratamento diferenciado a campeões olímpicos. Acreditamos que os exemplos levantados confirmam nossa hipótese.

Iniciamos o trabalho definindo o que é esporte e contando um pouco da história do esporte e dos acontecimentos que contribuíram para a transformação de eventos como os Jogos Olímpicos em grandes espetáculos globais. Para tal, utilizamos os estudos de especialistas como os professores Valdir Barbanti e Valter Bracht. Em uma das matérias de *Veja*, durante a cobertura dos Jogos de Beijing 2008, o jornalista Mário Sabino questiona a presença de algumas modalidades esportivas nos jogos, levantando dúvidas a respeito de seu estatus como esporte.

A segunda parte do trabalho teve como objetivo entender o real significado do herói, no sentido mitológico da palavra. Para tal, utilizamos como referencial uma das maiores autoridades no assunto, Joseph Campbell. Descrevemos a jornada (aventura) do herói para que pudessemos identificar, nos campeões olímpicos, as mesmas características que fazem com que a mídia os descreva como heróis olímpicos. Também procuramos entender o uso da expressão super-herói, uma vez que o maior destaque dos Jogos de Beijing 2008, o estadunidense Michael Phelps, foi comparado ao Super-Homem. Utilizamos os textos do professor Nildo Viana como referência.

Finalmente, tratamos da fundamentação teórica específica do jornalismo. Lançamos mão de uma teoria de ação política, com viés de esquerda, desenvolvida pelos professores Edward S. Herman e Noam Chomsky. O seu *“Propaganda Model”*, descrito no livro *“Manufacturing Consent”* afirma que a grande imprensa, ao contrário da imagem que se vende, defende os interesses das elites econômicas e políticas sempre que houver consenso entre elas. Não se trata de uma “teoria da conspiração”, mas sim de uma “teoria de mercado”, como afirmam os autores. Os jornalistas que defendem tais interesses (das elites) realmente acreditam no que

escrevem. Eles só continuam a trabalhar na chamada grande imprensa devido à convergência entre seus valores e os de seus empregadores.

Qual seria a relação entre a figura do herói mitológico e os heróis que aparecem na cobertura dos Jogos Olímpicos? A narrativa da aventura do herói mitológico também pode ser a narrativa dos feitos esportivos dos heróis olímpicos. Os campeões olímpicos percorrem uma jornada semelhante à do herói descrito por Campbell. O ciclo que envolve a “chamada” para a aventura, a aventura e o retorno ao lar, para compartilhar o triunfo com seus pares. Desde Atenas, em 1896, já foram distribuídas 4501 medalhas de ouro. Descartados alguns atletas vencedores em mais de uma competição (na mesma edição ou em edições diferentes dos jogos) teríamos histórias heróicas para muitas edições de jornais e revistas. Certamente os critérios de noticiabilidade filtram os escolhidos que ganharão espaço nas publicações. Mas esses não são os únicos “filtros”.

Se tomarmos como referência o modelo e a história do herói descrito por Campbell, muitos se qualificariam para as matérias sobre heróis olímpicos, mas apenas alguns são escolhidos. Para Campbell, o ato heróico não é exclusividade de uma única pessoa. Na Segunda Grande Guerra Mundial, os soldados alemães também foram capazes de atos heróicos, mas seu heroísmo estava “do lado do mal”. Essa polarização entre o “bem” e o “mal”, esse maniqueísmo também pode aparecer na cobertura jornalística. Os heróis do “bem”, Estados Unidos e aliados, são mais heróis do que os campeões do “mal”, países identificados como “a face do mal”, como a extinta União Soviética, Cuba, China e qualquer outro que desafie o pensamento hegemônico em favor da economia de mercado, do capitalismo, do neoliberalismo.

Para explicar o tratamento diferenciado de Veja aos campeões de um lado e de outro, a teoria de Herman e Chomsky do “*Propaganda Model*” mostra outros “filtros” que afetam a produção jornalística. O anticomunismo é um deles. Por isso não foi difícil encontrar relatos negativos a respeito dos Jogos de Moscou, em 1980, e de Beijing em 2008. Os campeões “comunistas” são grandes atletas, recordistas, mas não são apresentados como heróis ou super-heróis.

Enquanto Phelps foi comparado ao Super-Homem, os campeões chineses apareceram em matérias como capazes de “truques” (outro truque chinês?),

frustrados ou como objeto de chacota do jornalista. As modalidades esportivas dominadas pelos atletas dos Estados Unidos são “nobres”, já as modalidades dominadas pelos atletas chineses, como o badminton, o tênis de mesa ou os saltos ornamentais não são “nobres”. Modalidades dominadas pelos atletas da então União Soviética e Alemanha Oriental são modalidades “força bruta”, ao estilo de Stalin, a figura do “mal” em pessoa (junto com Mao Tsé Tung e Fidel Castro).

Os Jogos Olímpicos de Moscou foram jogos “sem alma”. O boicote liderado pelos Estados Unidos tirou o brilho das conquistas de soviéticos e alemães orientais. Os Jogos Olímpicos de Los Angeles foram uma grande festa. Os “russos perderam” com o boicote aos Jogos de Los Angeles. Dois pesos, duas medidas.

Vale lembrar que foram quebrados 36 recordes mundiais nos Jogos de Moscou em 1980. Nos Jogos de Los Angeles foram 12 recordes mundiais quebrados e 1 recorde igualado. Qual edição dos Jogos apresentou melhores resultados? Qual competição foi mais “prejudicada” com o boicote? Os países que boicotaram os Jogos de Los Angeles, na última edição em que todos os protagonistas participaram em Montreal 1976, venceram 58% das medalhas de ouro da competição. Parece que estamos frente a um caso de escolha de dados, de acordo com os interesses das elites econômica e política. Da mesma forma que parte da imprensa estadunidense alterou o critério de classificação final dos Jogos de Beijing, onde passaram a adotar o total de medalhas para definir o “vencedor” dos Jogos Olímpicos de 2008. O critério anterior, número de medalhas de ouro, foi descartado pois foram “derrotados” pelos chineses. Os “comunistas” não podem vencer a competição contra aquele (Estados Unidos) que se autoproclama líder do “mundo livre”.

Se a cobertura de Veja não alterou o critério de classificação dos jogos, ela destacou os feitos extraordinários de Phelps (merecidamente), do Super-Homem das piscinas. Para os chineses, apesar das 51 medalhas de ouro (1º lugar), restou a desconfiança e a ironia de jornalistas como Mário Sabino e sua aversão às “Petecadas em Pequim” (edição de 20 de agosto de 2008, p.102).

Consideramos que a cobertura de Veja foi influenciada pelos “filtros” descritos por Herman e Chomsky ao longo das coberturas dos Jogos Olímpicos realizados em Moscou, Los Angeles e Beijing. Não entendeu a figura do herói nos moldes do herói mitológico de Campbell e sofreu influência relevante do quinto filtro descrito na teoria do *“Propaganda Model”*.

Seria interessante dar continuidade ao estudo das coberturas realizadas pela grande imprensa brasileira dos Jogos Olímpicos de Londres 2012. A Inglaterra, berço do liberalismo econômico, está investindo muito dinheiro na realização dos jogos e na preparação de seus atletas, com o objetivo de amealhar o maior número de medalhas possível. Como será a cobertura de Veja? Quem serão os heróis escolhidos? Phelps superará suas marcas? Como será a imagem dos campeões (heróis?) olímpicos representantes do “mundo livre”. Como será a representação dos campeões “comunistas”? Respostas em Londres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBANTI, Valdir. **O que é esporte**. Revista brasileira de atividade física & saúde. 2006. Disponível em:
 <www.eferp.usp.br/paginas/docentes/Valdir/O%20que%20e%20esporte.pdf>
 Acesso em maio de 2012.
- BETTI, Mauro. **A janela de vidro: Esporte, televisão e educação física**. Campinas, Editora Papirus, 1988.
- _____. **Educação física e sociedade**. São Paulo, Editora Movimento, 1991.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução**. 2ª ed. Editora Unijui, 2003.
- CABRAL, Eula Dantas Taveira. **Capital estrangeiro na mídia brasileira: salvação ou desgraça**. Trabalho apresentado no Núcleo de Políticas e Economia da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.
- CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Editora Palas Atena. São Paulo. 2004.
- _____. **O herói de mil faces**. Editora Cultrix / Pensamento. São Paulo. 2007.
- HERMAN, Edward S., CHOMSKY, Noam. **Manufacturing Consent: The Political economy of the Mass Media**. Pantheon Books. New York. 1988.
- HOBBSAWM, Eric J. **A era dos impérios (1875-1914)**. 3ªed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JENNINGS, Andrew. SIMSON, Vyv. **Os senhores dos anéis: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas Modernas**. Editora Best Seller. São Paulo. 1992.

KLAEHN, Jeffery. *A critical review and assessment o Herman and Chomsky's "Propaganda Model"*. **European Journal of Communication** Copyright © 2002 SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), Vol. 17(2): 147–182. [0267–3231(200206)17:2;147–182;023691].

_____. *The Propaganda Model: Theoretical and Methodological Considerations*. **Westminster Papers in Communication and Culture** © 2009 (University of Westminster, London), Vol. 6(2): 43-58. ISSN 1744- 6708 (Print); 1744-6716 (Online).

MARQUES, José Carlos. **Ayrton Senna e sua trajetória mítica como ídolo do automobilismo**. Intercom, XXI Congresso Brasileiro, Recife, PE, Setembro 1998.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Editora Sulina. Porto Alegre. Sulina, 2003.

MULLEN, Andrew. *The Propaganda Model after 20 Years: Interview with Edward S. Herman and Noam Chomsky*. **Westminster Papers in Communication and Culture** © 2009 (University of Westminster, London), Vol. 6(2): 12-22. ISSN 1744-6708 (Print); 1744-6716 (Online).

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte e Sociedade**. ano 3, n9, Jul.2008/Out.2008. Disponível em <www.uff.br/esportesociedade/pdf/es904.pdf>. Acesso em maio de 2012.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. Editora Brasiliense. São Paulo. 2001.

THE OFFICIAL REPORT OF GAMES OF THE XXII OLYMPIAD. Relatório Oficial dos Jogos Olímpicos de Moscou, v.3, p.7, 1981, Moscou. **Official Report, Moscow**, 1981. Disponível em <www.la84foundation.org/6oic/OfficialReports/1980/or1980v3.pdf>. Acesso em maio de 2012.

THE OFFICIAL REPORT OF GAMES OF THE XXIII OLYMPIAD. Relatório Oficial dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, v.2, p.235, 1985, Los Angeles. **Official Report, Los Angeles**, 1985. Disponível em <www.la84foundation.org/6oic/OfficialReports/1984/1984v2pt1.pdf> Acesso em maio de 2012.

VIANA, Nildo. **Super-Heróis e Axiologia**. Revista Espaço Acadêmico. Ano II, nº22, Março 2003. Mensal ISSN 15196186. Disponível em www.espacoacademico.com.br/022/22cviana.htm. Acesso em maio de 2012.

_____. **Quadrinhos e Política**. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/viana-nildo-quadrinhos-e-politica.pdf> Acesso em maio de 2012.

Imagens

Em Estrutura Corporativa – Grupo Abril. Disponível em www.grupoabril.com.br/estrutura/estrutura-10.shtml
Acesso em maio de 2012.

Em *Encyclopædia Britannica*. Disponível em <http://www.britannica.com/EBchecked/topic/348685/Spyridon-Louis>. Acesso em maio de 2012.

Em imagem - Spyridon Louis. Disponível em http://www.olympic.org/Assets/MediaPlayer/Photos/1896/01/01/SAABW001/SAABW001_HD.jpg. Acesso em maio de 2012.

Em imagem - Jesse Owens. Disponível em http://www.olympic.org/Assets/MediaPlayer/Photos/1936/08/03/RAACL059/RACL059_HD.jpg. Acesso em maio de 2012.

Em imagem - Juan A. Samaranch. Disponível em <http://media2.web.britannica.com/eb-media/66/116766-004-AEAF16C7.jpg>. Acesso em maio de 2012.

Em imagem - Horst Dassler. Disponível em [www.transparencyinsport.org/snipers_guide\(page6\).html](http://www.transparencyinsport.org/snipers_guide(page6).html). Acesso em maio de 2012.

Em imagem – Poster – Jogos Olímpicos de Atenas 1896. Disponível em
<<http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/athens-1896/athens-1896-collection/?tab=emblem>>.
Acesso em maio de 2012.

Em imagem – Poster – Jogos Olímpicos de Berlin 1936. Disponível em
<<http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/berlin-1936/berlin-1936-collection/?tab=poster>>.
Acesso em maio de 2012.

Em imagem – Poster – Jogos Olímpicos de Moscou 1980. Disponível em
<<http://www.olympic.org/content/olympic-games/all-past-olympic-games/summer/moscow-1980/moscow-1980-collection/?tab=poster>>.
Acesso em maio 2012.

Em imagem - 1938 o Super-Homem estampa a capa da “Actions Comics #1
(pertencente à DC Comics). Disponível em
<g1.globo.com/noticias/PopArte/O.MUL1019003-7084.00.html>.
Acesso em maio de 2012.

ANEXO A – OS JOGOS OLÍMPICOS E SEUS DESTAQUES

Para que possamos ter uma ideia da evolução, em termos de participação, dos Jogos Olímpicos e conheçamos alguns de seus destaques observamos os dados obtidos no site do Comitê Olímpico Internacional – COI (<http://www.olympic.org>).

Jogos Olímpicos de Atenas – Grécia - 06 de abril a 15 de abril de 1896

Modalidades esportivas = 9

Competições realizadas = 43

Países participantes = 13

Atletas inscritos = 311 homens

Medalhas distribuídas = 131 (44 de ouro, 43 de prata e 44 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1896 tiveram como destaques, além de Spyridon Louis, os seguintes atletas: Alfred Hajos da Hungria e o estadunidense James Connolly.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics> 2012):

“Games reborn

The first celebration of the modern Olympic Games took place in its ancient birthplace of Athens. The Games attracted athletes from 14 nations, with the largest delegations coming from Greece, Germany, France and Great Britain.

Marathon joy

Due to its historical significance, the Greek hosts wanted to win the marathon above all else. Spyridon Louis set off from the city of Marathon and took the lead four kilometres from the finish line and, to the joy of the 100,000 spectators, won the race by more than seven minutes.

Will to live

Hungarian swimmer Alfréd Hajos won the 100m and the 1200m events. For the longer race, the swimmers were transported by boat out to sea and left to swim the required distance back to shore. Hajos later confessed that his “will to live completely overcame [his] desire to win”.

First modern champion

On 6 April 1896, the American James Connolly won the triple jump to become the first Olympic champion in more than 1,500 years. He also finished second in the high jump and third in the long jump”.

NOCs 14, Athletes 241, Events 43, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Paris – França - 14 de maio a 28 de outubro de 1900.

Modalidades esportivas = 18

Competições realizadas = 86

Países participantes = 22

Atletas inscritos = 1.076 homens e 16 mulheres

Medalhas distribuídas = 269 (91 de ouro, 88 de prata e 90 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1900 tiveram como destaque o estadunidense Alvin Kraenzlein no atletismo.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics> 2012):

“Games come second

The Games of 1900 were held in Paris as part of the World’s Fair. The organisers spread the competitions over five months and under-promoted their Olympic status to such an extent that many athletes never knew they had actually participated in the Olympic Games.

Mixed teams and women

Tennis was one of five sports in which athletes from different nations competed on the same team. The others were football, polo, rowing and tug of war. Women made their first appearance in the modern Games. The first to compete were Mrs Brohy and Miss Ohnier of France in croquet.

Low attendance

An Englishman travelled all the way from Nice to watch the women’s croquet event, which consisted only of French players. According to the records, his was the only entry ticket sold for the competition!

Memorable champions

The star of the Games was American Alvin Kraenzlein, who won the 60m, the 110m hurdles, 200m hurdles and the long jump. In general, there were many French champions at these Games, which was not surprising given several events were entered only by French competitors.”

NOCs 24, Athletes 997 (22 women, 975 men), Events 95, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Saint Louis – Estados Unidos

01 de julho até 23 de novembro de 1904

Modalidades esportivas = 16

Competições realizadas = 86

Países participantes = 12

Atletas inscritos = 619 homens e 6 mulheres

Medalhas distribuídas = 255 (88 de ouro, 85 de prata e 82 de bronze)

Uma cópia dos jogos de Paris. Jogos de S. Louis e a Feira Mundial de Negócios e de Folguedos, a Louisiana Purchase Exhibition.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1904 tiveram como destaques os seguintes atletas: Archie Hahn e Geroge Eysers.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/st-louis-1904-summer-olympics> 2012):

“Lost in chaos

Unfortunately, the St Louis Games repeated all of the mistakes of 1900. The various competitions were spread out over four-and-a-half months and became lost in the chaos of a World’s Fair celebrating the purchase of the Louisiana territory from France.

Debuts and firsts

The 1904 Olympic Games were the first at which gold, silver and bronze medals were awarded for first, second and third place. Boxing, freestyle wrestling, decathlon and a dumbbells event all made their debuts on the programme.

A marathon drive

Thomas Hicks of the US won the marathon after the disqualification of his fellow countryman Fred Lorz, who had covered a large part of the 40 kilometres in a car, getting out just before the finish!

Memorable champions

Archie Hahn, known as the Milwaukee Meteor, won the 60m, 100m and 200m. In the 200m, he ran an Olympic record time of 21.6 seconds, a record that would stand for 28 years. One of the most remarkable athletes was the American gymnast George Eysers, who won six medals even though his left leg was made of wood.”

NOCs 12, Athletes 651, Events 91,Volunteers not available, Media not available.

Jogos Olímpicos de Londres – Grã-Bretanha

27 de abril até 31 de outubro de 1908

Modalidades esportivas = 24

Competições realizadas = 108

Países participantes = 22

Atletas inscritos = 1.999 homens e 36 mulheres (total de 2.035 atletas)

Medalhas distribuídas = 314 (109 de ouro, 105 de prata e 100 de bronze)

Rei Eduardo VII e a Feira Franco-British Exhibition.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1908 tiveram como destaques os seguintes atletas: Fritjof Martensson e Mauritz Andersson.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/london-1908-summer-olympics> 2012):

“Rushed preparations

The 1908 Olympic Games were originally awarded to Rome, but were reassigned to London when it became apparent that Rome would not be ready. Despite the short notice, the Games were exceptionally well organised. For the first time, a stadium was specially prepared for the Games, and swimming events did not take place in the open water.

Fit for a king

The Organising Committee fixed the distance of the marathon at 42km and 195m, the last 195 metres being added on to ensure the race finished below the royal box in the London stadium. This distance became official from the 1924 Games onwards.

Courageous competitor

When Dorando Pietri of Italy entered the stadium at the end of the marathon, it was immediately apparent that something was wrong. Dazed, he headed in the wrong direction and then collapsed. The officials helped him to reach the finish line in first place and so he was disqualified for receiving outside aid, but his courage earned him immortality.

Olympic spirit

Sportsmanship existed at a level unimaginable in today’s more competitive world. One wonderful example took place when the middleweight Greco-Roman wrestling final between Frithiof Martensson and Mauritz Andersson was postponed by one day to allow Martensson to recover from a minor injury. Martensson duly recovered and won. “

NOCs 22, Athletes 2,008 (37 women, 1,971 men), Events 110, Volunteers n/a , Media n/a.

Jogos Olímpicos de Estocolmo – Suécia

05 de maio até 22 de julho de 1912

Modalidades esportivas = 15

Competições realizadas = 102

Países participantes = 28

Atletas inscritos = 2.490 homens e 57 mulheres (total de 2.547 atletas)

Medalhas distribuídas = 309 (103 de ouro, 104 de prata e 102 de bronze)

Jogos que antecederam a Primeira Grande Guerra Mundial.

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1912 tiveram como grande destaque o atleta Jim Thorpe.

Segundo COI (<http://www.olympic.org/stockholm-1912-summer-olympics> 2012):

“On time

The Stockholm Games were a model of efficiency. The Swedish hosts introduced the first Olympic use of automatic timing devices for the track events, the photo finish and a public address system.

Last man standing

If there was an unofficial theme of the 1912 Games, it was endurance. The course for the cycling road race was 320km (199 miles), the longest race of any kind in Olympic history. In Greco-Roman wrestling, the middleweight semi-final match between Russian Martin Klein and Finland’s Alfred Asikainen lasted 11 hours.

Debuts and firsts

For the first time, competitors in the Games came from all five continents. It was also the first time Japan participated. The modern pentathlon, women’s swimming and women’s diving all made their Olympic debuts.

Mighty Jim

Jim Thorpe, a Native American from Oklahoma, won the pentathlon and decathlon by huge margins. He was later disqualified when it was discovered that he had accepted a modest sum to play baseball before the Games. But in 1982, the IOC decided to reinstate him and gave his medals back to his daughter.”

NOCs 28, Athletes 2,407 (48 women, 2,359 men), Events 102, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Antuérpia – Bélgica

20 de abril até 12 de setembro de 1920

Modalidades esportivas = 24

Competições realizadas = 155

Países participantes = 29

Atletas inscritos = 2.543 homens e 64 mulheres (total de 2.607 atletas)

Medalhas distribuídas = 439 (155 de ouro, 148 de prata e 136 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1920 tiveram como destaques os seguintes atletas: Nedo Nadi, Ethelda Bleibtrey.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/antwerp-1920-summer-olympics> 2012):

“Hard times

The 1916 Olympic Games were scheduled to be held in Berlin but were cancelled due to World War I. The 1920 Games were awarded to Antwerp to honour the suffering that had been inflicted on the Belgian people during the war.

Opening Ceremony

During the Opening Ceremony, the Olympic flag with the five rings signifying the universality of the Olympic Games was raised for the first time at an Olympic Games. The Olympic oath was taken for the first time by an athlete on behalf of all competitors, and for the first time doves were released as a symbol of peace.

Memorable champions

In a performance unequalled in Olympic history, Nedo Nadi of Italy earned gold medals in five of the six fencing events. Ethelda Bleibtrey of the US won gold medals in all three women’s swimming contests. Including preliminary heats, she swam in five races and broke the world record in every one.

Age no barrier

At age 72, Swedish shooter Oscar Swahn earned a silver medal in the team double-shot running deer event to become the oldest medallist ever.”

NOCs 29, Athletes 2,626 (65 women, 2,561 men), Events 154, Volunteers n/a
Media n/a.

Jogos Olímpicos de Paris – França

20 de abril até 27 de julho de 1924

Modalidades esportivas = 20

Competições realizadas = 126

Países participantes = 44

Atletas inscritos = 2.820 homens e 136 mulheres (total de 2.956 atletas)

Medalhas distribuídas = 378 (126 de ouro, 127 de prata e 125 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1924 tiveram como destaques os seguintes atletas: Paavo Nurmi, Eric Liddell, Johnny Weismuller.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/paris-1924-summer-olympics> 2012):

“Mass appeal

The number of participating National Olympic Committees jumped from 29 to 44, signalling the advent of the Olympic Games as a major event with widespread appeal. This newfound popularity was confirmed by the presence of over 1,000 journalists.

Closing Ceremony

These Games introduced the Closing Ceremony ritual as we know it today. This involves the raising of three flags: the flag of the International Olympic Committee, the flag of the host nation and the flag of the next host nation.

No time to lose

Finnish runner Paavo Nurmi won five gold medals to add to the three he had won in 1920. His most spectacular performance occurred on 10 July. First, he easily won the 1500m and then, a mere 55 minutes later, he returned to the track to win the 5,000m.

Hollywood material

American swimmer Johnny Weismuller won two golds. He claimed two further golds at the 1928 Games and went on to become famous playing Tarzan of the Apes in 12 movies. The Paris Games themselves became immortalised in “Chariots of Fire”, the Oscar-winning film about principled British runner Eric Liddell.”

NOCs 44, Athletes 3,089 (135 women, 2,954 men), Events 126, Volunteers n/a, Media 1,000 journalists.

Jogos Olímpicos de Amsterdam – Holanda

17 de maio até 12 de agosto de 1928

Modalidades esportivas = 17

Competições realizadas = 109

Países participantes = 46

Atletas inscritos = 2.724 homens e 290 mulheres (total de 3.014 atletas)

Medalhas distribuídas = 327 (110 de ouro, 108 de prata e 109 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1928 tiveram como destaques os seguintes atletas: Henry Pearce, os atletas da equipe de Hóquei sobre grama da Índia e os esgrimistas da equipe de sabre da Hungria.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/amsterdam-1928-summer-olympics> 2012):

“Symbolic fire

For the first time, a symbolic fire was lit during the Games. The fire was lit in a cauldron that was placed at the top of a tower in the stadium, which had been designed by Jan Wils, a celebrated Dutch architect.

Olympic firsts

At the Opening Ceremony, the team from Greece led the Parade of Nations, with the host Dutch team marching in last. Greece-first, hosts-last has been Olympic protocol ever since. The number of female competitors more than doubled as women were finally allowed to compete in gymnastics and athletics, and Asian athletes won gold medals for the first time.

Winning streaks begin

The team from India swept to victory in field hockey. Between 1928 and 1956, India's men would win six straight gold medals in this event. Another winning streak also began in 1928, when Hungary earned the first of seven consecutive gold medals in team sabre fencing.

Innocent times

The actions of Australian rower Henry Pearce at Amsterdam have since become legend. He stopped midway through his quarter final to let a family of ducks pass, but still went on to win the race and eventually the gold medal.”

NOCs 46, Athletes 2,883 (277 women, 2,606 men), Events 109, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Los Angeles – Estados Unidos

30 de abril até 14 de agosto de 1932

Modalidades esportivas = 17

Competições realizadas = 117

Países participantes = 37

Atletas inscritos = 1.281 homens e 127 mulheres (total de 1.408 atletas)

Medalhas distribuídas = 346 (116 de ouro, 116 de prata e 114 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1932 tiveram como destaques os seguintes atletas: Judy Guinness e Hellen Preis.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/los-angeles-1932-summer-olympics> 2012):

“Two setbacks

The 1932 Olympic Games were held in the middle of the Great Depression and, given the transport links of the time, in the relatively remote region of California. Consequently, participation in the Games was the lowest since 1904, with only half as many athletes taking part as had in 1928. Despite this, the standard of competition was excellent.

A record crowd at the Opening Ceremony

The Coliseum Olympic stadium astonished the whole world. Its scale and quality were beyond anything that had come before, creating the first Games we would recognise today. The crowds were also without precedent, starting with the 100,000 people who attended the Opening Ceremony.

Innovative thinking

Between 1900 and 1928, no Summer Games had been shorter than 79 days, but in Los Angeles this was cut to just 16. It has remained between 15 and 18 days ever since. Other firsts included the male athletes being housed in a single Olympic Village (the women stayed in a luxury hotel), and medal winners standing on a podium with the flag of the winner being raised.

Olympic spirit

The spirit of the Olympic Games was exemplified by British fencer Judy Guinness. Contesting the final, she gallantly gave up her hopes for a gold medal when she pointed out to officials that they had not noticed two touches scored against her by her final opponent, Ellen Preis of Austria.”

NOCs 37, Athletes 1,332 (126 women, 1,206 men), Events 117, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Berlim – Alemanha

01 de agosto até 16 de agosto de 1936

Modalidades esportivas = 22

Competições realizadas = 129

Países participantes = 49

Atletas inscritos = 3.783 homens e 328 mulheres (total de 4.066 atletas)

Medalhas distribuídas = 389 (130 de ouro, 128 de prata e 131 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1936 tiveram como grande destaque o atleta estadunidense Jesse Owens.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/berlin-1936-summer-olympics> 2012):

“Jesse Owens

The Berlin Games are best remembered for Adolf Hitler's failed attempt to use them to prove his theories of Aryan racial superiority. As it turned out, the most popular hero of the Games was the African-American sprinter and long jumper Jesse Owens, who won four gold medals in the 100m, 200m, 4x100m relay and long jump.

Television coverage

The 1936 Games were the first to be broadcast on television. Twenty-five television viewing rooms were set up in the Greater Berlin area, allowing the locals to follow the Games free of charge.

Young Olympians

Thirteen-year-old Marjorie Gestring of the US won the gold medal in springboard diving. She remains the youngest female gold medallist in the history of the Summer Olympic Games. Twelve-year-old Inge Sorensen of Denmark earned a bronze medal in the 200m breaststroke, making her the youngest medallist ever in an individual event.

Debuts and firsts

Basketball, canoeing and field handball all made their first appearances. The Berlin Games also became the first to introduce the torch relay, in which a lighted torch is carried from Olympia in Greece to the site of the current Games.”

NOCs 49, Athletes 3,963 (331 women, 3,632 men), Events 129, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Londres – Grã-Bretanha

29 de julho até 14 de agosto de 1948

Modalidades esportivas = 20

Competições realizadas = 136

Países participantes = 59

Atletas inscritos = 3.714 homens e 385 mulheres (total de 4.099 atletas)

Medalhas distribuídas = 413 (138 de ouro, 136 de prata e 139 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1948 tiveram como destaques os seguintes atletas: Bob Mathias, Fanny Blankers-Koen, Karoly Takacs.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/london-1948-summer-olympics> 2012):

“Rising to the challenge

The Olympic Games had not been held in either 1940 or 1944 due to World War II, and London was called upon at short notice to host them. Despite shortages of essential products due to rationing, the city rose magnificently to the challenge - a true victory over dark times.

Innovation and progress

The London Games were the first to be shown on home television, although very few people in Great Britain actually owned sets. Starting blocks for athletes in sprint races were introduced for the first time, and the Empire Pool was the first covered Olympic pool to be used at the Games.

Memorable performances

Seventeen-year-old American Bob Mathias won the decathlon only four months after taking up the sport. He remains the youngest athlete in Olympic history to win a men's athletics event. The dominant woman of the Games was sprinter Fanny Blankers-Koen of the Netherlands. She entered four sprint events and won all four.

Overcoming adversity

Karoly Takacs was a member of the Hungarian world champion pistol shooting team in 1938 when a grenade shattered his right hand - his pistol hand. Takacs taught himself to shoot with his left hand and, 10 years later, he won an Olympic gold medal in the rapid-fire pistol event.”

NOCs 59, Athletes 4,104 (390 women, 3,714 men), Events 136, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Helsinque – Finlândia

19 de julho até 03 de agosto de 1952

Modalidades esportivas = 20

Competições realizadas = 149

Países participantes = 69

Atletas inscritos = 4.407 homens e 518 mulheres (total de 4.925 atletas)

Medalhas distribuídas = 459 (149 de ouro, 152 de prata e 158 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1952 tiveram como grande destaque o atleta Emil Zatopek.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/helsinki-1952-summer-olympics> 2012):

“New countries join

Israel and the Soviet Union entered the Olympic Games for the first time, and fears that Cold War rivalries would lead to clashes proved unfounded. Particularly impressive were the Soviet women gymnasts who won the team competition easily, beginning a streak that would continue for 40 years until the Soviet Union broke up into separate republics.

Star performer

Czech long-distance runner Emil Zátopek produced a brilliant display of running. He won the 5,000m, successfully defended his 10,000m title and then took his third gold medal in his first-ever marathon to complete a triple that remains unique in Olympic history.

Equestrian becomes mixed

A change in the rules for equestrian competitions allowed women not only to enter, but also to compete alongside men in mixed events. One of the first women to do so was Lis Hartel of Denmark. Paralysed below the knees, Hartel had to be helped on and off her horse. Despite this, she claimed silver in the equestrian dressage.

For you, Dad

Back in 1924, Bill Havens was chosen to represent the US in coxed eights rowing. However, he declined in order to stay home with his wife, who was expecting their first child. Twenty-eight years later, that child competed in Helsinki. His name was Frank Havens, and he claimed gold in the Canadian singles 10,000m canoeing event.”

NOCs 69, Athletes 4,955 (519 women, 4,436 men), Events 149, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Melbourne – Austrália

22 de novembro até 08 de dezembro de 1956

Modalidades esportivas = 20

Competições realizadas = 151

Países participantes = 67

Atletas inscritos = 2.958 homens e 384 mulheres (total de 3.342 atletas)

Medalhas distribuídas = 469 (153 de ouro, 153 de prata e 163 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1956 tiveram como destaques os seguintes atletas: Alain Mimoun e os atletas do time de basquetebol dos Estados Unidos, com destaque para Bill Russel e K.C.Jones.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/melbourne-stockholm-1956-summer-olympics> 2012):

“Co-hosts

Melbourne won the right to host the 1956 Olympic Games by one vote over Buenos Aires. Australian quarantine laws were too severe to allow the entry of foreign horses, so the equestrian events were held separately in Stockholm in June.

Great rivalry

French long-distance runner Alain Mimoun had tasted Olympic defeat on the track three times at the hands of Czech Emil Zátopek. However, in the marathon it was Mimoun who pulled away to record a comfortable victory. He waited at the finish line for Zátopek, his old friend and great rival, who trotted home in sixth place

Dominant team

The US basketball team, led by Bill Russell and K.C. Jones, put on the most dominant performance in Olympic history. They scored more than twice as many points as their opponents and won each of their games by at least 30 points.

Symbol of unity

Prior to 1956, the athletes in the Opening and Closing Ceremonies marched in alphabetical order by National Olympic Committees. However, in Melbourne, following a suggestion by a young Australian named John Ian Wing, the athletes entered the stadium together during the Closing Ceremony as a symbol of global unity.”

NOCs 72, Athletes 3,314 (376 women, 2,938 men), Events 145, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Roma - Itália

22 de agosto até 11 de setembro de 1960

Modalidades esportivas = 20

Competições realizadas = 150

Países participantes = 83

Atletas inscritos = 4.738 homens e 537 mulheres (total de 5.275 atletas)

Medalhas distribuídas = 461 (152 de ouro, 149 de prata e 160 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1960 tiveram como destaques os seguintes atletas: Abebe Bikila e Cassius Marcellus Clay.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/rome-1960-summer-olympics> 2012):

“Dramatic setting

Rome finally got its chance to stage the Olympic Games, 54 years after Italy had to give up hosting the Games. The Italians made the most of their ancient history, holding the wrestling competition in the Basilica of Maxentius and gymnastics in the Caracalla Baths.

Repeat performers

Paul Elvstrom of Denmark won his fourth consecutive yachting gold medal in the single-handed dinghy class. Hungarian fencer Aladar Gerevich earned his sixth consecutive gold medal in the team sabre event, and in canoeing Sweden's Gert Fredriksson won his sixth gold medal.

Barefoot and victorious

Running barefoot, the Ethiopian runner Abebe Bikila did not go unnoticed when he entered the marathon. He refused to be daunted by condescending remarks, however, leaving all his opponents behind and crossing the finishing line victorious under Constantine's triumphal arch. In doing so, he became the first black African Olympic champion.

A star is born

Cassius Marcellus Clay of the US, later known as Muhammad Ali, first gained international prominence by winning the light-heavyweight gold medal. He would later turn professional and embark on a phenomenal career.”

NOCs 83, Athletes 5,338 (611 women, 4,727 men), Events 150 events, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Tóquio – Japão

10 de outubro até 24 de outubro de 1964

Modalidades esportivas = 22

Competições realizadas = 163

Países participantes = 93

Atletas inscritos = 4.457 homens e 683 mulheres (total de 5.140 atletas)

Medalhas distribuídas = 504 (163 de ouro, 166 de prata e 175 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1964 tiveram como destaques os seguintes atletas: Abebe Bikila, Larissa Latynina.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/tokyo-1964-summer-olympics> 2012):

“First in Asia

The 1964 Tokyo Games were the first to be held in Asia. The carrier of the flame, Yoshinori Sakai, was chosen because he was born on 6 August 1945, the day the atomic bomb exploded in Hiroshima, in homage to the victims and as a call for world peace.

Evolving technology

A cinder running track was used for the last time in the athletics events, whilst a fibreglass pole was used for the first time in the pole vaulting competition. The Tokyo Games was also the last occasion that hand timing by stopwatch was used for official timing.

Memorable champions

Abebe Bikila of Ethiopia became the first athlete to win the marathon twice, whilst Soviet gymnast Larisa Latynina brought her career medal total to an incredible 18. It also proved fourth time lucky for Greco-Roman wrestler Imre Polyak, who finally won gold after finishing second in the same division at the previous three Olympic Games.

Olympic spirit

The first official Fair Play Trophy for setting an outstanding example of sportsmanship was awarded to Swedish yachtsmen Lars Gunnar Käll and Stig Lennart Käll. The Swedes gave up their race to come to the aid of two other competitors whose boat had sunk.”

NOCs 93, Athletes 5,151 (678 women, 4,473 men), Events 163, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos da Cidade do México – México

12 de outubro até 27 de outubro de 1968

Modalidades esportivas = 21

Competições realizadas = 172

Países participantes = 112

Atletas inscritos = 4.750 homens e 781 mulheres (total de 5.531 atletas)

Medalhas distribuídas = 527 (174 de ouro, 170 de prata e 183 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1968 tiveram como destaques os seguintes atletas: Bob Beamon, Wyomia Tyus, Dick Fosbury, Vera Caslavská.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/mexico-1968-summer-olympics> 2012):

“High altitude

The choice of Mexico City to host the 1968 Olympic Games proved to be a controversial one because of the city's high altitude, 2,300m. The altitude proved an advantage in explosive events such as short-distance running, jumping, throwing and weightlifting. But the rarefied air proved disastrous for those competing in endurance events.

Records tumble

The high altitude led to world records in all of the men's races that were 400m or shorter, plus the long jump and triple jump. Probably the most memorable achievement was Bob Beamon's spectacular long jump of 8.90m - a world record that would last for 22 years.

Olympic firsts

Mexican hurdler Enriqueta Basilio became the first woman to light the cauldron at the Opening Ceremony. Wyomia Tyus of the US became the first athlete to win the 100m twice. Dick Fosbury won the men's high jump with a new jumping style now known as the “Fosbury Flop”, and for the first time winners had to undergo a doping test.

Drama and beauty

The Games were blessed with many outstanding heroines but none more so than Vera Caslavská. The attractive and vivacious Czech gymnast won four golds and two silver medals. Her victories were dramatic - defeating Soviet gymnasts two months after the Soviet invasion of her homeland.”

NOCs 112, Athletes 5,516, Events 172, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Munich – Alemanha Ocidental

26 de agosto até 10 de setembro de 1972

Modalidades esportivas = 24

Competições realizadas = 195

Países participantes = 122

Atletas inscritos = 5.848 homens e 1.299 mulheres (total de 7.147 atletas)

Medalhas distribuídas = 600 (195 de ouro, 195 de prata e 210 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1972 tiveram como destaques os seguintes atletas: Mark Spitz, Olga Korbut.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/munich-1972-summer-olympics> 2012):

“Terrorist attack

On 5 September, eight Palestinian terrorists broke into the Olympic Village, killing two members of the Israeli team and taking nine hostages. In the ensuing battle, all nine Israeli hostages were killed, as were five of the terrorists and one policeman. In defiance of the terrorists, the IOC ordered the competitions to resume after a pause of 34 hours.

Highlights

All other details of the Munich Games pale in significance, but it did have its highlights. The Munich Games were the largest yet, setting records in all categories, with 195 events and 7,134 athletes from 121 National Olympic Committees.

Debuts and firsts

Men’s indoor handball, slalom canoeing and kayaking all made their Olympic debuts. West German Liselott Linsenhoff, competing in the dressage event, became the first female equestrian to win a gold medal, and archery returned to the Olympic programme after a 52-year absence.

Memorable champions

US swimmer Mark Spitz won an incredible seven gold medals and broke seven world records. Yet the media star of the Munich Games was the tiny Soviet gymnast, Olga Korbut, whose dramatic cycle of success in the team competition, failure in the individual competition and renewed success in the apparatus finals captured the attention of fans worldwide.”

NOCs 121, Athletes 7,134 (1,059 women, 6,075 men), Events 195, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Montreal – Canadá

17 de julho até 01 de agosto de 1976

Modalidades esportivas = 24

Competições realizadas = 198

Países participantes = 92

Atletas inscritos = 4.915 homens e 1.274 mulheres (total de 6.189 atletas)

Medalhas distribuídas = 613 (198 de ouro, 199 de prata e 216 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1976 tiveram como destaques os seguintes atletas: Alberto Juantorena, Miklos Németh, Nádía Comaneci.

Segundo COI (<http://www.olympic.org/montreal-1976-summer-olympics> 2012):

“African boycott

The 1976 Montreal Games were marred by an African boycott involving 22 countries. The boycott was organised by Tanzania to protest the fact that the New Zealand rugby team had toured apartheid South Africa and that New Zealand was scheduled to compete in the Olympic Games.

Debuts and firsts

Women’s events in basketball, rowing and team handball all made their Olympic debut. Hockey was played on an artificial pitch for the first time, and boxer Clarence Hill of Bermuda earned a bronze medal to give Bermuda the honour of being the least populous nation (53,500) ever to have one of its athletes win a medal at the Summer Games.

Memorable champions

Alberto Juantorena of Cuba completed the first 400m and 800m double victory. The Japanese women’s volleyball team proved untouchable, winning all their matches in straight sets, and Miklos Németh of Hungary won the javelin to become the first son of an athletics gold medalist to win a gold of his own.

Perfect Nadia

Fourteen-year-old gymnast Nadia Comaneci of Romania was the undoubted star of the Games. She shot to fame when, for her performance on the uneven bars, she was awarded the first-ever perfect score of 10.0. She went on to earn seven maximum marks in total.”

NOCs 92, Athletes 6,084 (1,260 women, 4.824 men),
Events 198, Volunteers n/a, Media n/a.

Jogos Olímpicos de Moscou
União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS
19 de julho até 03 de agosto de 1980

Modalidades esportivas = 24

Competições realizadas = 203

Países participantes = 81

Atletas inscritos = 4.265 homens e 1.088 mulheres (total de 5.353 atletas)

Medalhas distribuídas = 631 (204 de ouro, 203 de prata e 224 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1980 tiveram como destaques os seguintes atletas: Aleksandr Dityatin, Teófilo Stevenson, Gerd Wessig, Steve Ovet, Sebastian Coe.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/moscow-1980-summer-olympics> 2012):

“Boycott

A US-led boycott reduced the number of participating nations to 80, the lowest number since 1956, as part of a series of measures to protest against the December 1979 Soviet invasion of Afghanistan.

Olympic firsts

Aleksandr Dityatin of Russia earned medals in every men's gymnastics event to become the first athlete to win eight medals at one Olympic Games. Super-heavyweight Teófilo Stevenson of Cuba became the first boxer to win the same division three times, and Gerd Wessig of East Germany became the first male high jumper to break the world record at the Olympic Games.

British duel

British middle-distance runners Steve Ovet and Sebastian Coe faced each other in a memorable confrontation. In the 800m, Ovet won the gold medal ahead of his compatriot. Six days later, a determined Coe redeemed himself in the 1500m. He took the gold, while Ovet managed only a bronze.

Last-minute gold

The boycott deprived the inaugural women's field hockey tournament of all of its entrants except the hosts, USSR. Zimbabwe responded to a late invitation, selecting members less than a week before the Games and rushing to Moscow, then surprised everyone by finishing first.”

NOCs 80, Athletes 5,179 (1,115 women, 4,064 men), Events 203, Volunteers n/a, Media 5,615 media (2,865 written press, 2,930 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Los Angeles – Estados Unidos

27 de julho até 12 de agosto de 1984

Modalidades esportivas = 26

Competições realizadas = 221

Países participantes = 141

Atletas inscritos = 5.458 homens e 1.620 mulheres (total de 7.078 atletas)

Medalhas distribuídas = 688 (226 de ouro, 219 de prata e 243 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1984 tiveram como destaques os seguintes atletas: Joan Benoit, Carl Lewis.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/los-angeles-1984-summer-olympics> 2012):

“The bottom line

After the financial problems of 1976, only Los Angeles bid for the right to host the 1984 Olympic Games. The bid was criticised for depending heavily on existing facilities and corporate sponsors. However, the Games produced a healthy profit of USD 223 million and became the model for future Games.

No boycott blues

Although a revenge boycott led by the Soviet Union depleted the field in certain sports, 140 National Olympic Committees took part, which was a record at the time. Good feelings prevailed to such an extent that at the Opening Ceremony the athletes broke ranks to join in spontaneous dancing, something usually reserved for the Closing Ceremony.

Debuts and firsts

Archer Neroli Fairhall of New Zealand was the first paraplegic athlete to take part in a medal event, competing in a wheelchair. The first Olympic women's marathon was staged, and was won by Joan Benoit of the US. Rhythmic gymnastics, synchronised swimming and the women's cycling road race also made their debuts.

Congratulations Carl

Carl Lewis entered the history books by matching the Berlin 1936 achievement of fellow American Jesse Owens, winning gold medals in the same four events: 100m, 200m, 4x100m relay and long jump.”

NOCs 140, Athletes 6,829 (1,566 women, 5,263 men), Events 221, Volunteers 28,742, Media 9,190 media (4,327 written press, 4,863 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Seul – Coréia do Sul

17 de setembro até 02 de outubro de 1988

Modalidades esportivas = 28

Competições realizadas = 237

Países participantes = 159

Atletas inscritos = 6.983 homens e 2.438 mulheres (total de 9.421 atletas)

Medalhas distribuídas = 739 (241 de ouro, 234 de prata e 264 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1988 tiveram como destaques os seguintes atletas: Steffi Graf, Christina Luding-Rothenburger, Greg Louganis, Matt Biondi.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/seoul-1988-summer-olympics> 2012):

“Democracy embraced

Awarding the Summer Games to South Korea provided the impetus for the country to embrace democracy. The Democratic People's Republic of Korea (North Korea) boycotted, and was joined by Cuba, Ethiopia and Nicaragua. Still, records were set with 159 nations participating, 52 winning medals and 31 taking home gold medals.

Sprint scandal

Canadian Ben Johnson set a world record in the 100m sprint, but tested positive for steroids. Johnson was the first world-famous athlete to be disqualified for using drugs. After his disqualification, Carl Lewis was awarded the 100m gold, meaning he had successfully defended his 1984 Olympic title.

Debuts and firsts

For the first time, all three medallists in equestrian dressage were women. Swedish fencer Kerstin Palm became the first woman to take part in seven Olympic Games, and table tennis made its Olympic debut. Tennis also returned to the programme after a hiatus of 64 years. The event was open to professionals, and Steffi Graf concluded her Grand Slam tennis season by winning Olympic gold.

Memorable champions

German cyclist Christa Luding-Rothenburger, who was also a speed skater, earned a silver medal in cycling. Having already won two medals at the Winter Games, she became the only person in history to win winter and summer medals in the same year. Greg Louganis successfully defended his titles in both diving events and American swimmer Matt Biondi won seven medals, including five golds.”

NOCs 159, Athletes 8,391, Events 237, Volunteers 27,221, Media 11,331 media (4,978 written press, 6,353 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Barcelona – Espanha

25 de julho até 09 de agosto de 1992

Modalidades esportivas = 30

Competições realizadas = 257

Países participantes = 170

Atletas inscritos = 7.108 homens e 2.851 mulheres (total de 9.959 atletas)

Medalhas distribuídas = 815 (259 de ouro, 258 de prata e 298 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1992 tiveram como destaques os seguintes atletas: Vitaly Scherbo e o “Dream Team”.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/barcelona-1992-summer-olympics> 2012):

“Boycott-free

For the first time since 1972, the Games were boycott-free, due to important global political changes. Apartheid had been abolished in South Africa. Then there was the fall of the Berlin Wall and the reunification of West and East Germany. Communism had ended and the Soviet Union was divided into 15 separate countries which participated as a "unified team".

Newcomers and youngsters

Baseball debuted as a full medal discipline having appeared as an exhibition or demonstration sport at six previous Games. Badminton and women's judo were also added to the Olympic programme, and Spain's coxswain in the eights, 11-year-old Carlos Front, became the youngest Olympic competitor since 1900.

Memorable champions

Men's basketball became open to all professionals and the US sent a "Dream Team" of superstars including Magic Johnson, Michael Jordan and Larry Bird. Needless to say they dominated the event and won gold. Another impressive performer was gymnast Vitaly Scherbo, who won six golds, including four in one day.

African hope

In the last lap of the 10,000m final, Derartu Tulu of Ethiopia darted into the lead and went on to win. At the finishing line, she waited for her opponent Elana Meyer, a white South African. They set off hand-in-hand for a victory lap that symbolised hope for a new Africa.”

NOCs 169, **Athletes** 9,356 (2,704 women, 6,652 men), **Events** 257, **Volunteers** 34,548, **Media** 13,082 media (5,131 written press, 7,951 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Atlanta – Estados Unidos

19 de julho até 04 de agosto de 1996

Modalidades esportivas = 26

Competições realizadas = 271

Países participantes = 197

Atletas inscritos = 6.806 homens e 3.512 mulheres (total de 10.318 atletas)

Medalhas distribuídas = 841 (271 de ouro, 271 de prata e 299 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 1996 tiveram como destaques os seguintes atletas:

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/atlanta-1996-summer-olympics> 2012):

“Drama and tragedy

The 1996 Games were given a dramatic and emotional start when the cauldron was lit by sporting legend Muhammad Ali. However, on 27 July tragedy struck when a terrorist bomb exploded in the Centennial Olympic Park. Two people died and a further 110 people were injured.

Olympic firsts

For the first time in Olympic history, all 197 recognised National Olympic Committees were represented at the Games. Beach volleyball, mountain biking, lightweight rowing and women's football made their first appearance and sailor Hubert Raudaschl (AUT) became the first person ever to compete in nine Olympic Games.

Memorable champions

In track and field, Marie-José Pérec, the French athlete, won the 200m and successfully defended her 400m title. She became the most successful French female athlete of all time and the first athlete to win the 400m twice. Not to be outdone, Michael Johnson of the US became the first man in Olympic history to run and win both the 200m and 400m. His victory over 200m in 19.32 seconds established a new world record.

Turkish idol

Turkish weightlifter Naim Suleymanoglu became the first weightlifter in history to win three consecutive Olympic titles. "When he eats at a restaurant, nobody asks him to pay the bill; if he breaks the speed limit, he does not get fined, and the police wish him a pleasant journey," wrote a Turkish journalist."

NOCs 197, **Athletes** 10,318 (3,512 women, 6,806 men), **Events** 271, **Volunteers** 47,466 **Media** 15,108 media (5,695 written press, 9,413 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Sydney – Austrália

15 de setembro até de 01 de outubro 2000

Modalidades esportivas = 28

Competições realizadas = 300

Países participantes = 199

Atletas inscritos = 6.582 homens e 4.069 mulheres (total de 10.651 atletas)

Medalhas distribuídas = 928 (301 de ouro, 299 de prata e 328 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 2000 tiveram como destaques os seguintes atletas:

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/sydney-2000-summer-olympics> 2012):

“New firsts

Triathlon and taekwondo were two new additions to the Olympic programme. Susanthika Jayasinghe became the first Sri Lankan woman to win a medal, claiming bronze in the 200m, whilst Birgit Fischer earned two gold medals in kayaking to become the first woman in any sport to win medals 20 years apart. Women also took part in weightlifting and the modern pentathlon for the very first time.

Comeback kings

There were some wonderful comebacks in Sydney but none more so than the US softball team. After losing three games in a row, they regrouped and won gold in stirring fashion by beating each of the teams they had previously lost to. Memorable champions: Ryoko Tamura had lost in the judo 48kg final in both Barcelona and Atlanta, but came back to win the gold medal in Sydney. Steven Redgrave gained sporting immortality by becoming the first rower to win gold medals at five consecutive Olympic Games. In the 400m freestyle, 17-year old Australian swimmer Ian Thorpe won gold by breaking his own world record in front of a jubilant home crowd.

Australian unity

Cathy Freeman, the Australian athlete, had the honour of lighting the Olympic torch at the Opening Ceremony. This emotional moment helped symbolise the desire to reconcile with the Aboriginal populations of Australia. Ten days later, she won the 400m final before an ecstatic crowd.”

NOCs 199 (+ four individual athletes (IOA), Athletes 10,651 (4,069 women, 6,582 men), Events 300, Volunteers 46,967
Media 16,033 (5,298 written press, 10,735 broadcasters).

Jogos Olímpicos de Atenas – Grécia

13 de agosto até 29 de agosto de 2004

Modalidades esportivas = 28

Competições realizadas = 301

Países participantes = 201

Atletas inscritos = 6.296 homens e 4.329 mulheres (total de .10.625 atletas)

Medalhas distribuídas = 930 (303 de ouro, 301 de prata e 326 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 2004 tiveram como destaques os seguintes atletas:

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/athens-2004-summer-olympics> 2012):

“Biggest Games

A record 201 National Olympic Committees (NOCs) participated in the Olympic Games. The overall tally for events on the programme was 301 (one more than at the Sydney Games in 2000).

Most popular

Popularity in the Games also soared, as 3.9 billion people had access to the television coverage compared to 3.6 billion for Sydney. This global audience enjoyed coverage of never-before seen sports such as women's wrestling, which was included in the programme for the first time.

Records tumble

Swimmer Michael Phelps won six gold medals and set a single-Games record with eight total medals. Leontien Zijlaard-van Moorsel became the first female cyclist to earn four career gold medals, reaching a total of six Olympic medals, while canoeist Birgit Fischer became the first athlete in any sport to win two medals in each of five Olympic Games.

Memorable champions

Runner Hicham El Guerrouj won both the 1500m and the 5000m, while on the women's side Kelly Holmes triumphed in both the 800m and the 1500m. In team play, Argentina won the men's football tournament without conceding a goal, and the US softball team outscored their opponents by an aggregate score of 51-1.”

NOCs 201, Athletes 10,625 athletes (4,329 women, 6,296 men), Events 301, Volunteers 45,000, Media 21,500

Jogos Olímpicos de Pequim – China

08 de agosto até 24 de agosto de 2008

Modalidades esportivas = 28

Competições realizadas = 302

Países participantes = 204

Atletas inscritos = 6.305 homens e 4.637 mulheres (total de 10.942 atletas)

Medalhas distribuídas = 958 (302 de ouro, 303 de prata e 353 de bronze)

De acordo com o Comitê Olímpico Internacional os Jogos de 2008 tiveram como destaques os seguintes atletas: Michael Phelps, Usain Bolt.

Segundo o COI (<http://www.olympic.org/pequim-2008-summer-olympics> 2012):

“Records tumble

Beijing was the Games of records and superlatives. The Opening Ceremony was unforgettable; the athletes’ achievements were astonishing, the organisation was excellent; the venues breathtaking and the anti-doping tests were stricter. Several hundred million watched worldwide on TV as more than 40 world records and over 130 Olympic records were broken.

Modern and ancient

The National Stadium, nick-named the “Bird’s Nest”, and the National Swimming Centre, known as the “Water Cube”, were both stunning symbols of the new Beijing. In cycling, the road race followed the Great Wall and passed in front of the “Forbidden City” - two symbols of the thousand-year-old history of the city.

First medals

A record 204 National Olympic Committees took part in the Games. Tajikistan, Afghanistan, Mauritius and Togo all experienced podium finishes for the first time. However Mongolia and Panama managed to go one better with their athletes bringing home their country’s first Olympic gold.

Memorable champions

There were many memorable champions but it was Michael Phelps and Usain Bolt who stole the headlines. Phenomenal US swimmer Michael Phelps bettered Mark Spitz’s achievement at the 1972 Munich Games by claiming eight swimming golds and the incredible Jamaican sprinter Usain Bolt broke both the 100m and 200m world records and claimed a third gold and record with the Jamaican 4 x 100m relay team.”

NOCs 204, Athletes 10,942 (4,637 women, 6,305 men), Events 302
Volunteers 70,000 Olympic Games, Media 24,562 accredited media
representing 159 countries.

Anexo A – Bibliografia - Sites na Internet

- Em Jogos Olímpicos de Atenas, COI, 1896. Disponível em <<http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics>> Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Paris, COI, 1900. Disponível em <<http://www.olympic.org/paris-1900-summer-olympics>> Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Saint Louis, COI, 1904. Disponível em <<http://www.olympic.org/st-louis-1904-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Londres, COI, 1908. Disponível em <<http://www.olympic.org/london-1908-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Estocolmo, COI, 1912. Disponível em <<http://www.olympic.org/stockholm-1912-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos da Antuérpia, COI, 1920. Disponível em <<http://www.olympic.org/antwerp-1920-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Paris, COI, 1924. Disponível em <<http://www.olympic.org/paris-1924-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Amsterdam, COI, 1928. Disponível em <<http://www.olympic.org/amsterdam-1928-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Los Angeles, COI, 1932. Disponível em <<http://www.olympic.org/los-angeles-1932-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Berlin, COI, 1936. Disponível em <<http://www.olympic.org/berlin-1936-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Londres, COI, 1948. Disponível em <<http://www.olympic.org/london-1948-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Helsinki, COI, 1952. Disponível em <<http://www.olympic.org/helsinki-1952-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.

- Em Jogos Olímpicos de Melbourne-Estocolmo, COI, 1956. Disponível em <<http://www.olympic.org/melbourne-stockholm-1956-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Roma, COI, 1960. Disponível em <<http://www.olympic.org/rome-1960-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Tóquio, COI, 1964. Disponível em <<http://www.olympic.org/tokyo-1964-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos da Cidade do México, COI, 1968. Disponível em <<http://www.olympic.org/mexico-1968-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Munique, COI, 1972. Disponível em <<http://www.olympic.org/munich-1972-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Montreal, COI, 1976. Disponível em <<http://www.olympic.org/montreal-1976-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Moscou, COI, 1980. Disponível em <<http://www.olympic.org/moscow-1980-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Los Angeles, COI, 1984. Disponível em <<http://www.olympic.org/los-angeles-1984-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Seul, COI, 1988. Disponível em <<http://www.olympic.org/seoul-1988-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Barcelona, COI, 1992. Disponível em <<http://www.olympic.org/barcelona-1992-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Atlanta, COI, 1996. Disponível em <<http://www.olympic.org/atlanta-1996-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Sydney, COI, 2000. Disponível em <<http://www.olympic.org/sydney-2000-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.
- Em Jogos Olímpicos de Atenas, COI, 2004. Disponível em <<http://www.olympic.org/athens-2004-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.

Em Jogos Olímpicos de Pequim, COI, 2008. Disponível em <<http://www.olympic.org/pequim-2008-summer-olympics>>. Acesso em maio de 2012.

ANEXO B – Cópias, em arquivos pdf, das edições da revista semanal Veja, com a cobertura dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e de Los Angeles (1984).

ANEXO C – Cópias, em arquivos pdf, das edições da revista semanal Veja, com a cobertura dos Jogos Olímpicos de Beijing (2008).

ANEXO D – Cópias, em arquivos pdf, dos “Official Reports” dos Jogos Olímpicos de Moscou (1980), Los Angeles (1984) e Beijing (2008).